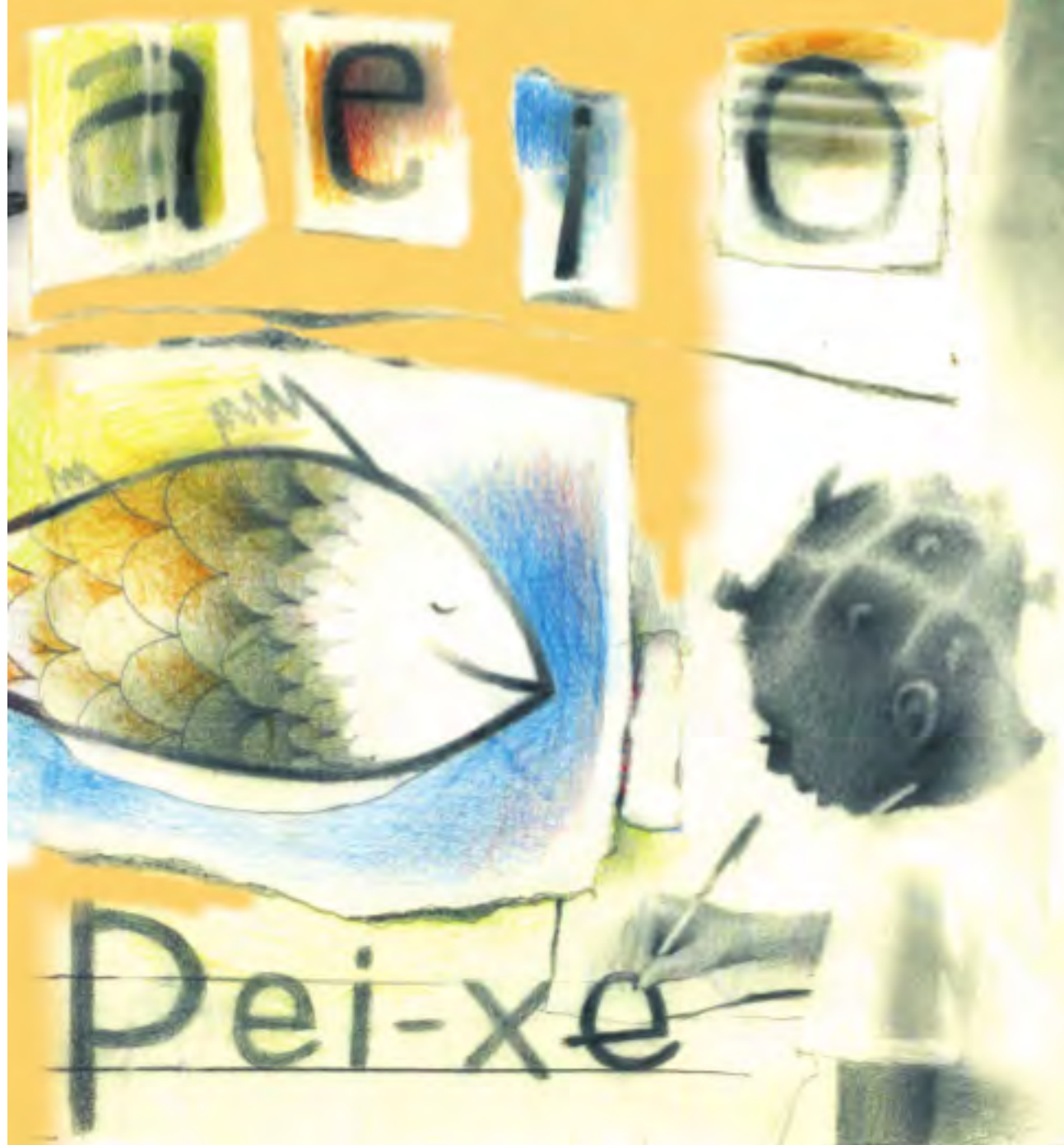


Como Melhorar o seu Ensino?

Experiências da Investigação-Ação na Escola Primária

ADPP ISET/OWU



Ficha Técnica

Publicado em 2011 por ADPP ISET/OWU
com apoio financeiro do EDULINK

Título	Como melhorar o seu ensino?
Organizadores	Else Lichtenberg, Jonas Lichtenberg, Dina Bak, José Manhiça e Selemane Sapata
Consultores	Ana Margarida Vieira de Sousa Daniel Dinis da Costa Adriano Niquice
Capa	Ulisses Oviedo
Impressão	Académica, Lda
Tiragem	1500 exemplares

Para mais informações contacte:

ADPP Moçambique
Caixa Postal 489
Maputo, Moçambique
www.adpp-mozambique.org

ÍNDICE

Prólogo	- 5 -
ISSET/OWU	- 7 -
EDULINK	- 7 -
Prefácio	- 8 -
A Investigação-Acção	- 9 -
Porque este livro agora?	- 10 -
Natureza e estrutura do livro	- 10 -
PARTE I	- 11 -
Educação em Moçambique	- 11 -
O terceiro ano do curso de formadores	- 12 -
1. A preparação do projecto	- 12 -
1.1 Introdução à Investigação-Acção	- 12 -
1.2 Mini-investigação	- 12 -
1.3 Escolha do tema	- 13 -
2. A realização do projecto	- 14 -
2.1 O estabelecimento do Grupo de Acção	- 14 -
2.2 As actividades – Investigações e Acções	- 14 -
3. A supervisão	- 15 -
4. O exame e a graduação	- 16 -
PARTE II	- 17 -
II.1. Um relatório completo: Língua Portuguesa, 2ª classe, Oralidade	- 18 -
Capítulo I: Apresentação do projecto	- 19 -
Capítulo II: Resumo do Projecto	- 19 -
Capítulo III: Relevância do projecto	- 20 -
Capítulo IV: A escola no futuro em Moçambique a partir da minha imaginação	- 20 -
Capítulo V: Descrição da Turma, Escola e Comunidade	- 21 -
Capítulo VI: Espiral com Comentários	- 22 -
Capítulo VII: Avaliação do Projecto	- 28 -
Capítulo VIII: Investigação-Acção como Método	- 31 -
Capítulo IX: Lista de Conteúdos do Dossier	- 32 -
Capítulo X: Bibliografia com Comentário	- 32 -
Página com Imagens: Matemática	- 33 -

II.2. O Capítulo VI de alguns relatórios.....	- 34 -
II.2.1. Matemática, 2ª classe, Cálculo Mental	- 34 -
Página com Imagens: Escrita-Caligrafia	- 40 -
II.2.2. Língua Portuguesa, 2ª classe, Currículo Local	- 41 -
Página com Imagens: Como aprender a ler	- 47 -
II.2.3. Língua portuguesa, 4ª classe, Leitura.....	- 48 -
Página com Imagens: Higiene e Saúde.....	- 56 -
II.2.4. Saúde e Higiene	- 57 -
Página com Imagens: Trabalho em Grupo	- 64 -
PARTE III	- 65 -
Avaliação pelas várias Categorias de Actores	- 65 -
III.1. Avaliação pelos professores da Escola Primária	- 65 -
III.2. Avaliação pelos praticantes	- 66 -
III.3. Avaliação pelos directores	- 67 -
III.4. Avaliação pelos pais e encarregados de educação	- 68 -
Página com Imagens: Ofícios 3º ciclo.....	- 69 -
III.5. Avaliação pelos líderes de projectos.....	- 70 -
III.6. Dificuldades durante o processo de Investigação-Acção	- 71 -
Página com Imagens: Mini-conferência.....	- 73 -
PARTE IV	- 75 -
Levantamento de temas escolhidos nas disciplinas para Investigação-Acção 2006-2011.	- 75 -
Localização dos projectos em Angola	- 76 -
Localização dos projectos em Moçambique.....	- 77 -
Pós-escrito.....	- 78 -
Anexos:	
1. Panfleto de Investigação-Acção da equipa 2009.....	- 79 -
Servia como uma primeira introdução ao trabalho com a Investigação-Acção no 3º ano da formação, e também servia para informar futuros colaboradores e outros interessados sobre o projecto.	
2. Guião de Orientação, ISET/OWU, Fevereiro de 2011.....	- 84 -
Texto para gerir o projecto durante o 3º ano. Directriz sobre a elaboração do relatório final.	
3. Traços da História de Investigação-Acção.....	- 87 -
Campus Califórnia TG, Junho de 2007	
4. Lista de Abreviaturas.....	- 89 -
5. Bibliografia.....	- 90 -

Prólogo

Começo por agradecer o privilégio de me ter sido concedida a oportunidade de ler esta obra antes da sua publicação.

Saúdo e congratulo o ISET/OWU pela iniciativa inovadora de introduzir a Investigação/Ação (I/A) como uma tarefa obrigatória dos seus estudantes que se preparam para ser professores. Claro, em condições normais de funcionamento numa universidade ou instituição do ensino superior, não há nenhuma novidade em que uma instituição do ensino superior exija que os seus estudantes realizem um trabalho de investigação no fim da sua graduação. Em condições normais, uma das funções primordiais numa instituição do ensino superior é a produção e disseminação do conhecimento. Contudo, actualmente, nalguns casos, o ensino universitário tende a ser mais livresco, reproduzidor e pouco criador de novos conhecimentos.

A exigência do ISET/OWU para que os seus estudantes realizem um trabalho de investigação no fim da sua graduação cria condições para que, ao nível do ensino primário, se realizem, de forma sistemática, estudos científicos sobre o que se passa na sala de aulas. Ora, só conhecendo o que se passa na sala de aulas, torna-se possível propor um projecto pedagógico inovador no seio das escolas o que, certamente, será um contributo importante para a melhoria da qualidade do ensino. Como é sabido, Moçambique fez grandes progressos em termos de alargamento do acesso ao ensino primário. Porém, em termos de qualidade de ensino, ao nível do sector da educação e no seio da sociedade moçambicana, existe a consciência de que algo deve ser feito para mudar a situação actual em que muitos alunos do ensino primário terminam este nível sem terem adquirido as competências básicas correspondentes aos objectivos de aprendizagem.

A exigência para que os seus estudantes realizem um trabalho de investigação no fim da sua graduação, traz uma nova prática através da qual, as instituições do ensino superior, em vez de se queixarem da fraca qualidade dos estudantes, o ISET/OWU dá a sua contribuição para que se reduza a magnitude do problema da qualidade do ensino primário. Ora, como é sabido, o ensino primário é a fundação a partir do qual se propiciam condições para uma aprendizagem mais duradoura ao longo de toda a vida. Esta iniciativa do ISET/OWU, através da investigação/acção e da disseminação dos seus resultados, cria condições para que no ensino primário se crie uma massa crítica sobre o processo de ensino e aprendizagem na sala de aulas. Esta massa crítica não só vai poder julgar o processo de ensino e aprendizagem realizado pelos professores e alunos, mas também vai emitir juízos de valor sobre o próprio curriculum do ensino primário e, agindo deste modo, dará uma grande contribuição nas mudanças curriculares que se impõem.

Arnaldo Nhavoto

O autor do Prólogo foi Ministro da Educação da República de Moçambique.

ISSET/OWU

Em 1993, a ADPP Moçambique sob chancela da Federação Humana People to People, criou a primeira Escola de Professores do Futuro (EPF). Hoje existem, na África Austral: em Moçambique, Angola e Malawi, 25 EPFs que têm por objectivo formar professores primários polivalentes, em especial para as zonas rurais. Em 2011, a Federação criou outras duas novas EPFs na República Democrática do Congo e na Guiné-Bissau. Fora do Continente Africano, com início em 2010, existem agora, na Índia, mais 5 escolas do mesmo tipo.

Com o objectivo de formar formadores para as EPFs, a One World University (OWU) foi criada em 1998 pela ADPP Moçambique. Em 2005, a instituição foi aprovada pelo Conselho de Ministros de Moçambique como um Instituto Superior Privado. Esta instituição foi credenciada a realizar cursos académicos a partir do nível de bacharelato ao mestrado com reconhecimento nacional e sob o nome oficial de Instituto Superior de Educação e Tecnologia, sigla ISET/OWU.

Em 2008, um segundo curso foi lançado que oferece a nível mundial o primeiro grau de bacharelato chamado “Desenvolvimento Comunitário - Lutando ao Lado do Pobre”. A Humana People to People criou este curso inspirada por Sua Excelência, o Presidente da República de Moçambique, Armando Emilio Guebuza, que solicitou a ADPP que criasse um curso com o objectivo de contribuir para a luta contra a pobreza.

O ISET/OWU embarcou em 2011 num processo de reforma curricular que permitiu transformar o bacharelato do curso de formação de formadores de professores de ensino básico e o curso de desenvolvimento comunitário ao nível licenciatura reconhecida pelo Governo. Esta reforma curricular também oferece possibilidades para que os cursos sejam realizados via ensino à distância.

O crescimento do ISET/OWU e as experiências recolhidas constituíram a base para o ISET/OWU propor um projecto no programa de EDULINK. O método científico chamado “Investigação-Acção” enquadra-se de forma natural neste projecto como a maneira óbvia de criar ligações entre o ensino superior e o ensino básico. Os ganhos com o uso do método de Investigação-Acção nos últimos seis anos deu-nos a confiança sobre o valor deste método quanto à sua utilização no dia-a-dia pelos estudantes e professores.

EDULINK

Em Dezembro de 2011 foi concluído, no OWU/ISET, um projecto promovido pelo programa EDULINK, financiado pela União Europeia. O projecto durou três anos com o objectivo de formar, no ISET/OWU, “formadores bem qualificados de professores primários” para Angola e Moçambique. O grupo alvo do projecto foi a equipa 2009 que se graduou ao nível de bacharelato em 2011. O nome completo do projecto é “IU IEPALA-R.B.-UCM, ISET and UAN produce excellent teacher trainers for Mozambique and Angola”.

O ISET/OWU sempre soube que para formar bons formadores de professores primários é necessário criar uma ligação directa e forte entre o próprio Instituto e as escolas primárias. Por isso, a formação não só deveria ser teórica, mas também com prática abrangente durante toda a formação. O método mais forte introduzido no curso de formação de formadores de professores do ensino primário foi a Investigação-Acção que ocupa grande parte do 3º ano do curso. Com aplicação deste método, os participantes têm grandes possibilidades de experimentar na realidade as teorias que estudaram e debateram e desenvolveram durante o curso.

Durante os 3 anos do projecto beneficiaram, não só os estudantes do grupo alvo, como também todos os outros estudantes na Faculdade que se graduaram nestes anos e que, na sua maioria, agora trabalham como formadores de professores primários em Angola e Moçambique. Até 2011

o ISET/OWU já trabalhou com o método de Investigação-Acção durante 6 anos. Como parte do trabalho decorreram seminários, workshops e mini-conferências para socializar mais sobre o método e para discutir e desenvolver ainda mais as experiências.

Parte do projecto tinha a ver com uma colaboração entre três institutos superiores: Universidade Complutense de Madrid (UCM, através do Instituto IEPALA), o Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) de Luanda e o ISET/OWU. Juntos debatemos como o método de Investigação-Acção pode ser utilizado e desenvolvido para enfrentar os problemas existentes na educação e para conseguir um ensino de qualidade através de análise e soluções concretas no campo. Assim o projecto fomentou um envolvimento directo do ensino superior na batalha para obter melhores resultados no ensino primário ao benefício das crianças.

IEPALA/UCM implementou, na Internet, um Campus Virtual (www.iepala.es ou cv.ieapala.es) para que as instituições do projecto e os seus professores e estudantes possam continuar a partilhar materiais, informações, experiências e discussões.

ADPP ISET/OWU agradece o apoio financeiro canalizado por EDULINK para que este projecto fosse uma realidade permitindo que fosse possível partilhar as experiências através do presente livro que também pode ser encontrado na forma digital no Campus Virtual e no website da ADPP (www.adpp-mozambique.org).

Prefácio

O presente livro destina-se a professores e futuros professores na escola primária e outros apaixonados por ensino. Estamos felizes, no ISET/OWU, por ter esta oportunidade de publicar algumas das nossas experiências de trabalho com a Investigação-Acção.

De forma resumida, trata-se de mostrar o trabalho que os participantes do Curso de Formadores de Professores para o Ensino Primário, no seu terceiro ano fizeram na escola primária, visando o desenvolvimento de uma metodologia para que os alunos aprendessem mais.

O trabalho realizou-se durante os últimos seis anos com mais ênfase nos anos do projecto EDULINK. Foram anos muito formativos, tanto para os participantes que funcionaram como líderes de projecto como para o grupo de Investigação-Acção (os tutores no ISET/OWU). Os participantes (líderes de projecto) cooperaram com centenas de professores em todas as províncias de Moçambique e, também, em Angola. Além disso, com muitos pais e encarregados de educação e com milhares de crianças.

Todos os actores mostraram muita sinceridade e alegria no encontro de novas ideias de aprendizagem, novas formas de cooperação, novas formas de organização, novas atitudes. Todos os actores nos projectos adquiriram novos conhecimentos e novas habilidades de agir.

Através da elaboração de relatórios, os participantes treinaram-se em formular os seus próprios juízos pedagógicos e experiências práticas numa linguagem simples, sem estarem muito dependentes de filósofos pedagógicos e outras autoridades. Tais relatórios formam a base deste livro.

Cada projecto foi liderado por um participante do ISET/OWU e desenvolvido através de uma cooperação entre o participante, o director de turma, e dois, três ou quatro praticantes de uma EPF.

A maior parte das escolas primárias envolvidas no projecto tem falta de materiais didácticos, tanto livros escolares como outros materiais e muitas salas de aula não têm mesas nem cadeiras.

Durante os seis anos, o ISET/OWU não teve dinheiro para adquirir materiais concretos. Assim, outros desafios foram os de se tornarem criativos para produzir material didáctico, baseado nos recursos locais e naturais. Alguns dos projectos, também, desenvolveram mecanismos para procurar apoio de doadores locais. Só no último ano recebemos do Edulink meios para qualificar o ensino nos projectos.

A Investigação-Acção

A Investigação-Acção é uma metodologia científica desenvolvida nos últimos 50 anos. Tem como objectivo principal lidar com uma problemática e, se possível, ainda solucionar os problemas tratados. É, em particular, aplicada em educação, psicologia e sociologia, hoje em dia esta metodologia é amplamente aplicada na forma de Investigação-Acção Participativa:

“Os aspectos da “investigação” na Investigação-Acção Participativa tentam evitar a investigação tradicional “extractiva”, realizada por universidades e governos, na qual os “peritos” visitam uma comunidade, estudam os seus temas, e levam consigo os seus dados para escrever os seus artigos, relatórios e teses. A Investigação dentro da Investigação-Acção Participativa é feita, idealmente, POR pessoas locais e PARA pessoas locais. A investigação é desenhada para tratar assuntos específicos, identificados por pessoas locais e os resultados são directamente aplicados junto dos problemas detectados.

Investigação-Acção Participativa realiza-se na forma de ciclos repetidos, nos quais os investigadores e a comunidade começam por: identificar os maiores assuntos, preocupações e problemas, iniciar a investigação, promover a acção, aprender da acção, e assim, continua um novo ciclo de investigação e acção. Este processo é contínuo. Os participantes num projecto de Investigação-Acção continuam a reflectir sobre o que aprenderam das acções e continuam a iniciar novas acções no mesmo lugar. É muito difícil prever os resultados desde o início, os desafios são grandes e os resultados dependem amplamente do engajamento, da criatividade e da inventividade.” (Extracto de “Traços da História da Investigação-Acção”, veja Anexo 3.)

Na base deste entendimento do conceito de Investigação-Acção e a partir da missão do ISET/OWU de servir a Escola Primária, foi desenvolvido o modelo de Investigação-Acção que vamos apresentar neste livro.

Cada projecto realiza-se numa turma da escola primária dentro de uma disciplina ou como ensino integrado. As pessoas envolvidas no projecto são:

- um participante do ISET/OWU que é o líder do projecto
- o professor da turma
- 2-4 estudantes da EPF

Os indivíduos acima referidos formam o Grupo de Acção, e é este Grupo de Acção que planifica e realiza, em cooperação, as actividades do projecto.

A turma é o grupo alvo.

Os pais e encarregados de educação, a comunidade, colegas na escola, a direcção da escola e colegas da EPF podem participar em diferentes actividades como “actores”.

Porque este livro agora?

- Desde 2005, o ISET/OWU trabalha com Investigação-Acção. Realiza-se no 3º ano do Curso de Formação de Formadores de Professores para o Ensino Primário, onde cada participante tem de dirigir um projecto de Investigação-Acção.
- Durante o trabalho encontrámos muitas pessoas que estavam interessadas em aprender mais sobre aquele trabalho e sobre como utilizar esta metodologia – especialmente muitos professores que participaram como actores nos projectos.
- Sentimos a necessidade de socializar as experiências desenvolvidas e apresentá-las de forma resumida e, assim, proporcionar uma base para professores que pretendam embarcar numa Investigação-Acção.
- Devido a um financiamento do programa EDULINK temos agora, no fim de 2011, o grande prazer de poder divulgar uma parte das nossas experiências.

Natureza e estrutura do livro

O livro faz uma descrição do trabalho de Investigação-Acção que foi realizado por participantes do ISET/OWU. A maior parte do livro é uma compilação de excertos autênticos dos relatórios que os participantes elaboraram durante o seu trabalho de Investigação-Acção ao longo de um ano e que constituiu a base do seu exame final.

O livro está dividido em quatro partes. Parte I explica como os participantes, num período de três semanas, estão juntos no ISET/OWU e se organizam para identificarem quais as ideias que irão nortear a Investigação-Acção e para preparar os seus projectos.

Parte II contém um relatório completo mais extractos de outros quatro relatórios. O relatório completo mostra a estrutura comum de todos os relatórios, elaborados na base do “Guião de Orientação” (Anexo 2). Os extractos de outros quatro relatórios contém o capítulo VI, Espiral com Comentários, no qual o líder do projecto, de uma forma fixa, descreve todas as actividades realizadas, com comentários.

Os cinco relatórios são exemplos apenas, nos quais o líder do projecto, numa linguagem acessível e simples, expressa a opinião que foi criada numa cooperação dentro do Grupo de Acção do projecto.

É obrigatório que no fim de cada projecto, este seja avaliado pelos actores, pelo professor da turma, pelos alunos, pelos praticantes e pais se participaram e, naturalmente pelo próprio líder do projecto. Na parte III encontram-se várias avaliações, cada uma apresentando aspectos particulares do que aconteceu.

Parte IV contém algumas páginas sobre a distribuição dos projectos segundo disciplinas e localidades. Espelhado no texto encontram-se 7 páginas com fotos, cada uma com um cabeçalho particular: Matemática, Escrita-Caligrafia, Como aprender a ler, Higiene e Saúde, Trabalho em Grupo, Ofícios 3º ciclo, Mini-Conferência.

PARTE I

Educação em Moçambique

Em 2003, o Ministério da Educação (MINED) em Moçambique introduziu o Programa do Ensino Básico (PEB) com um currículo moderno e inovador. Nos anos subsequentes foram produzidos livros escolares, entre quais os das disciplinas nucleares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais e Ciências Sociais, úteis para o desenvolvimento pessoal e que permitem uma aprendizagem de muitas habilidades da vida. Em 2010, o MINED introduziu “Orientações para o Melhoramento do Processo de Ensino-Aprendizagem da Oralidade, Leitura e Escrita Iniciais”, cujo documento contém aspectos ricos em ideias para uma metodologia de leitura e escrita. O MINED conhece as tendências da sociedade, tem muitas ideias de como fazer um bom ensino moderno e tem desenvolvido actividades nessa direcção.

Mas existem factos que impedem o desenvolvimento almejado pelo MINED nos seus planos e orientações. O analfabetismo nas populações acima de 15 anos de idade ainda atinge 48% (MINED, 2012). O País tem muitas línguas nacionais, e o maior número de alunos entra na escola sem conhecimentos da língua portuguesa, que é a língua oficial de Moçambique e que se introduz, no ensino, como a língua de aprender a falar, ler e escrever. O ensino primário é grátis, e a taxa de escolarização das crianças entre os 6 e os 12 anos é estimado em 93% em 2011 (ibid.) Mas ainda a retenção dos alunos até a 7ª classe é baixa, estimando-se em 49.6% em 2011 (ibid.) com melhor percentagem no sul de Moçambique. As turmas apresentam-se com 40 até 100 alunos, e o rácio de alunos por professor no EP1 é estimado em 63 em 2011. É um facto que grande parte dos alunos que conclui a 5ª classe não pode ler, nem escrever, nem calcular a um nível aceitável: “não apenas o desempenho em Moçambique está abaixo da média da região, mas também a maior parte dos alunos na 6ª classe não desenvolveu competências básicas de leitura e de matemática” (ibid.)

Estes desafios têm consequências para o desenvolvimento de todo o País, pois aquelas capacidades formam a base tanto para a continuidade dos estudos como para os jovens participarem num desenvolvimento qualificado de qualquer produção – seja dentro da agricultura, da indústria, da produção de serviços – e assim aumentar o nível económico do País. Significa também que aqueles com aprendizagem insuficiente na escola primária não podem participar na minimização das consequências da pobreza e no desenvolvimento do País.

Porque é que é assim?

Há muitas razões que se podem mencionar: Um número significativo de professores não tem uma formação ou tem formação inadequada. Faltam livros para o aluno. Embora o MINED empreendesse grande esforço para que isto não aconteça, faltam ainda textos de leitura. O problema de bilinguismo. As turmas numerosas. Há escolas que não têm carteiras e bancos o que dificulta o trabalho. A razão principal de todas essas dificuldades é de natureza económica.

O presente projecto ocupa-se com uma das razões mencionadas, nomeadamente a falta de qualificação dos professores ao nível da escola primária. A maioria dos participantes do ISET/OWU são formadores nos centros de formação de professores e vão, assim, disseminar as suas novas experiências às gerações de futuros professores.

Como é que podemos melhorar o ensino na escola primária? Os projectos que vamos apresentar neste livro têm uma abordagem geral. Estes são apenas projectos exemplos sobre os quais, no fim, os participantes avaliam a sua contribuição.

O terceiro ano do curso de formadores

No terceiro ano da formação, os participantes têm três tarefas principais:

- Trabalhar como formador numa EPF ou IFP,
- Estudar alguns módulos do curso e
- Realizar, numa escola primária, um projecto de Investigação-Acção.

No que segue, ocupamo-nos exclusivamente com a realização da Investigação-Acção. O processo tem os seguintes passos e dura de Fevereiro até Novembro.

1. A preparação do projecto. Três semanas no ISET/OWU, no início do mês de Fevereiro, toda a equipa reúne com os tutores;
2. A realização do projecto. Do fim de Fevereiro até o início de Novembro, numa escola primária, perto do Centro de Formação onde o participante actua como formador;
3. A supervisão. Cooperação com os tutores através de e-mail e, em Junho e Agosto, dois encontros regionais com os mesmos tutores;
4. O exame e a graduação. Três semanas no ISET/OWU, em Novembro, a equipa empenhada na conclusão do relatório, o exame final e a graduação.

1. A preparação do projecto

É um workshop com apresentações, estudos e discussões. Há três temas principais: Uma introdução à Investigação-Acção, uma mini-investigação e, finalmente, a escolha individual de tema (problema, objectivo geral e objectivos específicos) para elaborar um pré-projecto. (Veja Anexo I: Panfleto de Investigação-Acção para equipa 2009.)

1.1 Introdução à Investigação-Acção

Através de apresentações, estudos e discussões entender que a metodologia da Investigação-Acção se manifesta como uma série de actividades com a participação dos futuros actores, tais como:

- identificar um problema no ensino/aprendizagem (investigação);
- decidir e realizar actividades para melhorar a situação (acção);
- investigar, se aquelas actividades foram relevantes;
- na base disso propor nova acção e;
- depois continuar com mais acções e mais investigações, na forma de uma espiral.

Comentários: Trabalhar com a metodologia de Investigação-Acção é novidade para os participantes. Agora não são os filósofos nem as autoridades do sistema da educação, mas ELES MESMOS, junto com os actores locais, que têm de avaliar os resultados e decidir as próximas acções. No período de preparação, a parte principal é entender este pensamento e preparar-se para accionar numa turma na escola primária. É igualmente importante aprender a comunicar esta metodologia e pensamento para outras pessoas. Quando eles estão nas escolas primárias, são eles a explicar os princípios para os professores na escola primária onde realizam os seus projectos.

1.2 Mini-investigação

A mini-investigação tem três passos: Preparação, Investigação, Relatório.

1. Preparação.

Quais são os problemas fundamentais do Ensino Primário nos países?

- Chuva de ideias na plenária. Produto: uma lista de problemas (sensibilização);
- Apresentação de estatísticas da educação na escola primária;
- Partilhar as experiências dos participantes (em micro-grupos e na plenária);
- Introdução à Mini-Investigação (plenário).

2. A própria mini-investigação, em micro-grupos de 3.

Cada micro-grupo visita uma turma numa escola primária e, com 'grandes orelhas', ouve as opiniões dos professores sobre o seu trabalho e o que é que se precisa melhorar e desenvolver no ensino nas escolas primárias.

3. Relatório da investigação

Elaborar um relatório da investigação e reflectir sobre como se pode utilizar as experiências da mini-investigação no trabalho com Investigação-Acção.

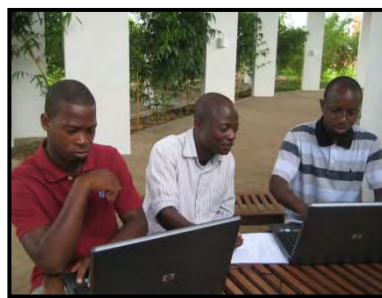
Seguidamente, cada participante inicia o processo de escolha do tema do projecto de Investigação-Acção e os tutores orientam os participantes no tocante à formulação de Temas, Problemas e Objectivos.

1.3 Escolha do tema

- Cada participante propõe um tema, abrangendo; disciplina, classe, formulação do problema, o objectivo geral e os objectivos específicos
- Em grupos de três participantes, discutem-se ideias, formulações e futuras actividades
- No fim, todas as escolhas são projectadas e os projectos estarão aprovados pela equipa
- Bem consciente que cada escolha só pode resultar numa proposta, a ser apresentada e avaliada na escola primária do projecto

Comentários. Foi sempre uma exigência do ISET/OWU que os participantes trabalhem com temas dentro da escola primária. A escolha do tema individual tem a sua base em várias fontes, entre elas: a necessidade do desenvolvimento de novas metodologias nas disciplinas nucleares; um conhecimento geral de quais são os problemas principais no ensino/aprendizagem na escola primária.

Durante os últimos 3 anos, 70-80% dos participantes escolheram trabalhar com a Língua Portuguesa, porque muitos professores queriam isso e porque os praticantes entenderam sempre que a Língua Portuguesa é a base para os alunos poderem avançar no sistema educativo. Ultimamente, grande parte dos participantes escolheu o ensino inicial dentro da Língua Portuguesa, baseado em próprias experiências com os iniciantes que só falam a língua local mas, na escola, só encontram livros escolares em Português.



No workshop de três semanas de preparação dos projectos, a equipa trabalha em diferentes formas de organização

2. A realização do projecto

2.1 O estabelecimento do Grupo de Acção

Assim que o participante possui a sua proposta de projecto, sabe o que é a Investigação-Acção. A proposta tem de ser aprovada pela sua Escola de Formação de Professores, pela Direcção da Escola Primária onde o projecto será realizado e pelo director da turma na qual o trabalho vai correr. O primeiro passo é o de formar o Grupo de Acção. Aquele grupo compreende o participante que é o líder de projecto, o director da turma e dois, três ou quatro praticantes da Escola de Formação de Professores, onde o participante trabalha.

Comentários: É no Grupo de Acção que o líder do projecto vai explicar as ideias concebidas para Investigação-Acção e, também, dar ideias para o ensino, dar ideias que precisam de apoio do director da turma. Para que o projecto possa ter sucesso, é necessário que haja uma atitude positiva da parte do professor e uma cooperação estreita entre todos os membros do Grupo de Acção, tanto na planificação como na realização do ensino. Podemos constatar, com prazer, que os participantes encontraram muita vontade de boa cooperação. Foram poucas as situações de desacordo sobre princípios. Naquelas situações foi sempre o director da turma a ganhar. É aquele que vai ter a responsabilidade depois do projecto.



Apresentação do projecto à Directora da Escola



O grupo de acção: líder do projecto, director de turma, dois praticantes da EPF



O grupo de acção planifica o trabalho

2.2 As actividades – Investigações e Acções

Qualquer actividade no projecto deve ser caracterizada através dos seguintes pontos:

O Objectivo

A Actividade

O Resultado

Os Comentários

Quem participou na actividade?

O que aconteceu?

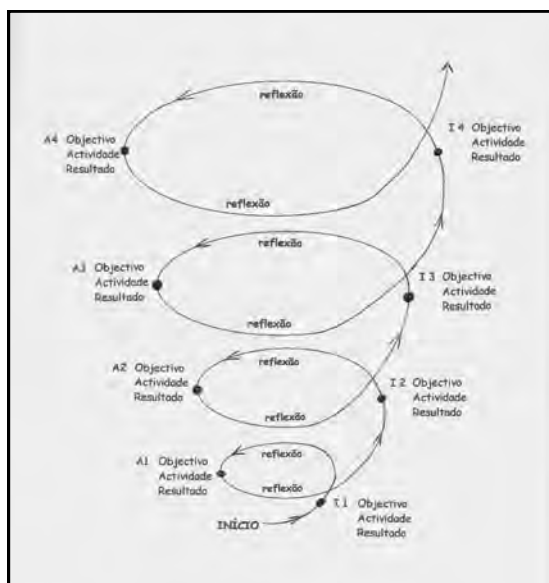
A avaliação da actividade pelo Grupo de Acção

Reflexões dele sobre o processo

Propostas para próximos passos no projecto.

Comentários: Os pontos indicados acima são obrigatórios na elaboração do relatório final. Além de dar a possibilidade, no exame, de uma discussão concreta do que aconteceu durante o projecto, o sistema dá ao líder do projecto e aos outros actores a possibilidade de sempre ter uma vista geral do que foi alcançado e quais devem ser os próximos passos relevantes para novas melhorias. É uma maneira de extrair os acontecimentos de importância particular da multiplicidade de acontecimentos que se realizam ao longo do ensino.

As actividades são descritas de acordo com uma linguagem, desenvolvida pelo psicólogo alemão, Kurt Lewin, em 1946, como uma espiral que nunca termina. Espiral indica que as actividades ficam sempre mais abrangentes, alcançam sempre mais pessoas e devem nunca terminar. Os processos que são iniciados têm de ter influência permanente nas pessoas que participam neles e têm de inspirar a novas actividades, conforme a figura adiante ilustra.



Extraído do Anexo 1

3. A supervisão

A supervisão realiza-se de duas maneiras:

- E-mail. Uma vez por mês, cada participante envia um relatório ao seu supervisor que qualifica o relatório e, por sua vez, o devolve ao participante.
- Duas vezes por ano, todos os participantes envolvem-se em actividades de supervisão regional, cada uma com a duração de uma semana (no Norte, Centro, Sul de Moçambique e EPF Ramiro em Angola).

Comentários: A supervisão decorre por e-mail logo depois do início do projecto para assegurar que os participantes comecem a formular correctamente, de acordo com as exigências previamente indicadas (objectivo, actividade, resultado, comentários). E deve certificar-se que estejam a realizar a actividade.

As supervisões regionais com um ou dois supervisores são workshops para troca de experiências, avaliações, conselhos e estratégias pedagógicas. Todos são activos nas discussões de soluções de problemas e dificuldades que dão mais coragem e novas iniciativas e ideias. Assinale-se que é a cooperação, agora num outro nível, que avança o desenvolvimento dos projectos.



Encontros regionais: supervisão individual e troca de ideias sobre como continuar desenvolvendo os projectos

4. O exame e a graduação

Nas últimas três semanas da formação, no mês de Novembro, todos os participantes da equipa encontram-se de novo no ISET/OWU, com as seguintes tarefas:

- Concluir todos os relatórios, imprimi-los e enviá-los aos avaliadores;
- Planificar a realização de uma mini-conferência;
- Realizar exame;
- Organizar a graduação.

Comentários à mini-conferência

Enquanto os avaliadores lêem e avaliam os relatórios, a equipa tem uma semana à sua disposição antes do exame. O tempo é utilizado para realizar uma conferência para divulgar e compartilhar os resultados. A escola e a equipa convidam muitas pessoas, provenientes de outras universidades, de centros de formação de professores, do MINED e de escolas primárias para uma exposição de material didáctico produzido durante o ano. Depois é organizada uma reunião plenária, na qual se apresenta um PowerPoint com imagens do ano e informações estatísticas sobre quem beneficiou dos projectos. No fim, os convidados comentam e dão ideias para melhorias.



Mini-Conferência: exposição de materiais didácticos produzidos durante o ano e plenária com discussões sobre como a metodologia de I-A pode ser usada em diferentes aspectos da vida. Participação de vários convidados das instituições de ensino em Moçambique, Angola e Espanha.

Comentários ao exame

O exame é oral e público. Tem a duração de 30 minutos. Cada candidato elabora um resumo sinopse sobre as perguntas que quer discutir no exame e entrega-a ao júri logo no início do seu exame. A nota final é a média entre a nota do relatório e a nota da apresentação oral. A aprovação no exame incluindo as aprovações em outros exames realizados durante os três anos conferem ao participante o nível de Bacharelato em Ciências de Educação.



PARTE II

Nesta parte do livro apresentamos um relatório completo e o capítulo 6 de outros quatro relatórios. Aparecem, à parte de menores detalhes, tal como foram entregues antes do exame aos avaliadores e ao professor. Significa que é o próprio participante que tem a plena responsabilidade do conteúdo e da linguagem.

Não se trata de relatórios perfeitos, e poder-se-á entender com a leitura que eles representam apenas o que se conseguiu obter. Há várias coisas que podiam ser feitas melhor, uma coisa fundamental é que muitos dos comentários às actividades descritas nos capítulos 6 são gerais demais: poderiam ter dado mais esclarecimento sobre o que, de facto, aconteceu na acção se houvesse mais informações concretas. Isso não é uma situação única. É bem conhecida, em todos os níveis de ensino, que os estudantes têm mais problemas em descrever a realidade o que os leva a apresentar considerações gerais.

O relatório completo trata de um projecto de Investigação-Acção realizado na Escola Primária Completa de Mathapue, Nacala Porto, cujo tema é Língua Portuguesa, 2ª Classe, Oralidade. Neste relatório foram suprimidos todos os preliminares (declaração de compromisso de honra; dedicatória; agradecimentos e lista de abreviaturas), devido a sua impertinência nesta obra.

As partes mantidas comportam a Capa, Folha de rosto; Capítulo I que faz apresentação do Tema, Problema, Objectivos; Capítulo II que faz um resumo do projecto; Capítulo III que focaliza na Relevância do Projecto; Capítulo IV que avança ideia do futuro da escola no País; Capítulo V que descreve o Tema, a Escola e a Comunidade onde foi realizado o projecto de Investigação-Acção; Capítulo VI que demonstra o processo de Investigação-Acção com actividades na forma da Espiral com comentários; Capítulo VII que mostra como o projecto foi avaliado e sua respectiva conclusão; Capítulo VIII que aborda a Investigação-Acção como um método; Capítulo IX que apresenta a Lista de Material do Dossier; Capítulo X que apresenta o suporte bibliográfico com comentários. Para mais informações sobre a estrutura e o conteúdo dos relatórios, veja o Anexo 2, “Guião de Orientação”.

Depois do relatório de Lucas Mavira Manhula, seguem-se extractos das actividades de Investigação-Acção (em espiral), provenientes de quatro outros relatórios, um sobre Matemática, dois sobre a Língua Portuguesa e um sobre Saúde e Higiene escolar.



2ª classe mostra material didáctico usado no processo de ensino/aprendizagem



2ª classe. Distribuição de imagens a ler nos grupos

II.1. Um relatório completo Língua Portuguesa, 2ª classe, Oralidade



**Instituto Superior de Educação e Tecnologia
One World University**

Bacharelato em Ciências de Educação
*Curso de Formação de Formadores de Professores
para o Ensino Básico*

Relatório de Investigação-Acção

Tema: Língua Portuguesa, 2ª Classe, Oralidade

Autor: Lucas Mavira Manhula

Maputo, Novembro de 2011

**Trabalho de Investigação-Acção a ser apresentado no
ISET para defesa do 3º ano do Curso de Bacharelato em
Ciências de Educação**

Tema: Língua Portuguesa, 2ª Classe, Oralidade

A escola de implementação do projecto:
Escola Primária Completa de Mathapue
Nacala Porto, Província de Nampula

Supervisora: Noélia Janeiro Mariano

Co-Supervisora: Else Lichtenberg

Maputo, Novembro de 2011

Capítulo I: Apresentação do projecto

1.1.Tema:

Língua Portuguesa, 2ª classe, Oralidade.

1.2. Problema:

Como assegurar que os alunos da 2ª classe se expressem bem na Língua Portuguesa, na EPC de Mathapue.

1.3. Objectivo Geral:

Assegurar que os alunos da 2ª classe se expressem bem na Língua Portuguesa através do uso de métodos activos.

1.4. Objectivos Específicos:

- ✓ Identificar o nível de expressão oral em língua portuguesa na 2ª classe através de teste diagnóstico.
- ✓ Seleccionar métodos, estratégia e actividades para o ensino da oralidade através de pesquisa bibliográfica.
- ✓ Produzir e usar o material didáctico como: cartazes com imagens, objectos existentes no ambiente físico, canções infantis do dia a dia da criança, histórias e jogos.
- ✓ Utilizar a L1 como recurso no ensino.
- ✓ Avaliar sistematicamente o impacto das actividades implementadas no projecto.

1.5. Descrição de como o tema, problema e o objectivo tem relação com o Programa do Ensino Básico.

“A comunicação, em Português, deve ser uma preocupação constante da escola em geral e do professor em particular. Neste contexto, a oralidade é uma das primeiras actividades de expressão para aprendizagem de qualquer língua, tanto de L1 como de L2”.
(PEB, 2003:90).

Neste caso, chama-se à atenção e responsabilidade ao professor para o melhoramento do vocabulário do aluno em relação à oralidade.

Há uma relação entre o tema, problema e objectivo e o PEB, sobre a oralidade, na medida em que ambos convergem na importância de uso das línguas locais como recursos, exploração e valorização dos objectos e realidades da sua convivência diária durante as aulas, visando desenvolver a oralidade e enriquecer ainda mais o vocabulário das crianças.

O Programa do Ensino Básico (2003:98) recomenda aplicação de certas actividades que podem ajudar os alunos a desenvolver a oralidade, como por exemplo: a recontagem de histórias, lendas, jogo, dramatização, canções, visitas de estudo, etc. Mais uma vez o PEB traz ao professor uma visão ampla sobre as várias metodologias a usar para o ensino da oralidade neste nível de ensino.

Capítulo II: Resumo do Projecto

2.1 Fase Inicial

Esta fase teve lugar no ISET/OWU em Changanane onde foram desenvolvidas as seguintes actividades:

- Cursos teóricos sobre a Investigação – Acção;
- Estudo bibliográfico;
- Mini Investigação nas escolas primárias circunvizinhas de Changanane;
- Definição do tema, problema, objectivos geral e específicos;
- Apresentação do projecto à Direcção da EPF Nacala e no Conselho de Formadores;
- Apresentação do projecto na Escola Primária com a Direcção, Professores e Praticantes;
- Formação do Grupo Investigador;
- Estabelecimento do projecto de Investigação – Acção.

2.2 Fase intermediária

Nesta fase desenvolveram-se as seguintes actividades:

- Observação de aulas do professor da turma;
- Aplicação de teste diagnóstico;
- Selecção de métodos activos, estratégias e actividades adequadas para o ensino da oralidade na 2ª classe, através de pesquisa bibliográfica;
- Produção de material didáctico para utilizar no desenvolvimento da oralidade: cartazes, desenhos de imagens, colagens e letreiros;
- Elaboração de livrinho de canções da Escola Primária, com os estudantes da EPF;
- Ensino da oralidade através de algumas actividades (leitura de imagens, canções infantis, jogos lúdicos, colecção de canções e elaboração de livrinho para escola primária, etc.).

2.3 Fase final

Esta corresponde à fase das avaliações as quais se realizaram com a direcção da escola onde o projecto foi implementado, com o professor da turma, com os dois praticantes, com a Direcção da EPF Nacala e, por último, avaliou-se o progresso dos alunos durante a realização do projecto.

- Apresentação da minha autoavaliação que é parte onde se encontra expressa a minha própria sensibilidade sobre o projecto e o que este mudou na minha vida profissional;
- Pré-escrita do relatório de I-A;
- Organização de evidências e dossier;
- Partida para ISET/OWU.

Capítulo III: Relevância do projecto

Aprendizagem de uma língua depende essencialmente do desenvolvimento das capacidades de ouvir, entender, falar, ler e de escrever. Só se aprende a falar uma língua falando e quando ela está exposta, portanto, nas aulas de Língua Portuguesa deve-se criar situações variadas para que os alunos falem e escutem. Neste caso, o ensino da Oralidade é uma das primeiras actividades para a aprendizagem de qualquer Língua, tanto de L1 como na L2.

Fiquei motivado a trabalhar com o ensino da oralidade na 2ª classe para desenvolver a capacidade dos alunos para se expressarem oralmente em língua portuguesa, facto que poderá ajudá-los a interagir com o professor e entre si, quer nos tempos de aulas como nos momentos de recreação.

Com a implementação desse projecto, espero que os alunos sejam capazes de desenvolver as seguintes habilidades:

- 1º Ouvir para responder,
- 2º Ouvir para se informar,
- 3º Ouvir para se recrear,
- 4º Pronunciar com articulação e entoação adequadas,
- 5º Expressar as suas ideias e desejos,
- 6º Expor as suas dúvidas.

Capítulo IV: A escola no futuro em Moçambique a partir da minha imaginação

Futuramente, em Moçambique, esperamos ter um modelo educacional que será mais eficiente e adequado para o mundo actual.

Para tal, precisamos de criar mais escolas que buscam inovações e um sistema educacional mais moderno, que visa a qualidade de ensino.

Onde a motivação do ensino nas salas de aula, é interessantes e funciona bem, pode-se oferecer mais recursos e estímulos aos alunos para sua interacção com o professor e ou entre si.

Onde as mesas se encontram dispostas de forma a facilitar o trabalho em equipa.

Onde o nº de alunos por sala de aula não é excessivo para assegurar que o professor possa oferecer um atendimento mais individualizado, buscando sanar as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Onde as actividades curriculares e extra-curriculares dão espaço para a participação activa e criativa dos alunos e permite a produção de conhecimentos e qualidades exigidas no mercado de trabalho actual.

Para isso, é necessário que a escola favoreça o desenvolvimento de atitudes positivas, actuando na formação do indivíduo. Respeito, paz, convivência harmónica, solidariedade e princípios de cidadania devem ser levados a sério e incluídos nos programas pedagógicos de forma prática e eficiente.

Onde o professor trabalha em apenas uma escola, podendo envolver-se mais nas questões pedagógicas e conhecer melhor seus alunos, ganhando tempo para produzir suas aulas e actividades extra-curriculares.

Onde os pais participam mais na vida escolar dos filhos, colaborando para o aprendizado e crescimento dos alunos para garantir melhores resultados na educação escolar dos seus filhos.

Onde o ensino da Língua Portuguesa, potencia a vivência cultural dos alunos usando suas experiências linguísticas que eles trazem de casa e desenvolvendo as suas habilidades linguísticas de ouvir, falar, para mais tarde ler e escrever em Língua Portuguesa.

Gostaria de ter um Moçambique livre do analfabetismo, HIV/SIDA, a pobreza absoluta a favor da criança como uma flor que nunca murcha.

Capitulo V: Descrição da Turma, Escola e Comunidade

5.1. Descrição da Turma

O projecto foi implementado na turma A da 2ª classe, composta por 122 alunos, 62 rapazes e 60 raparigas, com idades compreendidas entre 6 a 10 anos (Dossier nº 2: Lista nominal dos alunos). O professor da turma chama-se Amisse Saide Maka, é do nível médio formado no IMAP, ele ministra as suas aulas numa sala de construção convencional, com janelas sem vidros, possui um quadro preto, sem carteiras para os alunos; sendo assim, os alunos sentam-se no chão. Os alunos são tímidos e têm muito medo do professor. Apesar do elevado número de alunos na turma, observa-se um ambiente de disciplina, os alunos são educados a se levantarem e cumprimentarem quando entra uma nova cara na sala de aula.

No intervalo os alunos são mais livres e felizes. Nas brincadeiras de recreação os meninos brincam entre si e as meninas entre si. O contacto com o professor termina ao longo das aulas.

5.2. Descrição da Escola

A Escola Primária Completa de Mathapue, fica situada no Nordeste do Município de Nacala – Porto, dista 2 km da cidade, no Bairro de Mathapue, Posto Administrativo de Motiva, na Província de Nampula.

É uma EPC e ZIP ao mesmo tempo, e lecciona da 1ª a 7ª classe, em três turnos: manhã, tarde e noite. Possui um universo de 22 professores, dos quais 16 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com 6 funcionários, 8 professores são do nível básico, 2 superior e os restantes 12 são do nível médio, tem uma directora adjunta pedagógica e uma Directora, tem no total 850 alunos, destes 520 rapazes e 430 raparigas. (ver dossier nº 3 foto da Escola)

5.3. Descrição da Comunidade

O Bairro de Mathapue situa-se ao redor da cidade de Nacala Porto, Distrito do mesmo nome, Posto administrativo de Motiva e dista cerca de 2 km do centro da cidade Portuária de Nacala. As principais actividades económicas desta zona são: agricultura, pesca e comércio, a alimentação básica é karakata (xima de farinha de mandioca) e peixe. Língua falada é Emakwa e Português, cerca de 75% da população professa a religião Islâmica e aderem mais madraça (Escolas Islâmicas) onde aprendem o Alcorão.

É nessa comunidade onde construíram a unidade hospitalar, (H.D.N.) Porto, onde se atende os pacientes de Nacala, Nacala-à-Velha, Memba, Mossuril e Monapo.

A comunidade conserva ainda a tradição dos ritos de iniciação para as crianças na fase de adolescência, geralmente aproveitando o período de férias escolar.

Nas sextas-feiras e dias comemorativos islâmicos as crianças não vão à escola, vão na mesquita para comemorar.

Capítulo VI: Espiral com Comentários

Data: 05.05.2011

Acção: 1

Objectivo: Apresentar o projecto à direcção da EPF-Nacala e ao conselho de professores afim de receber comentários retorno e ter credencial para a implementação do projecto na Escola Primária.

Actividade: Apresentação do projecto à Direcção da EPF-Nacala e ao conselho de formadores.

Resultado: O projecto comentado e aceite.

Comentário: O encontro foi realizado na sala de formadores onde estiveram presentes 9 formadores, eu e a Directora da Escola. Procedi à apresentação do projecto como um dos pontos da agenda, e expliquei a necessidade de ter um grupo de estudantes da EPF como grupo de investigação, como forma de envolver os professores em formação e tendo em conta que os mesmos se encontram a realizar suas práticas nas escolas primárias.

O conselho de formadores louvou a ideia do projecto uma vez que o mesmo poderá aumentar o nível de cooperação entre a EPF e a Escola Primária onde será implementado o projecto e avançou com a proposta de trabalhar com os estudantes praticantes da EPC Mathapue já que é lá onde passarei a assistir às práticas escolares.

Avaliando o encontro, senti que tanto a Direcção da EPF como os formadores em geral mostraram-se disponíveis para apoiar na implementação deste projecto, dado que o conselho me incentivou em acelerar as actividades tendo em conta que o tempo vai passando rapidamente, sendo o passo seguinte, o de apresentação do projecto à direcção da EPC de Mathapue.

Data: 09.05.2011

Acção: 2

Objectivo: Apresentar o projecto à direcção da EPC de Mathapue afim de obter autorização para a implementação do projecto.

Actividade: Apresentação do projecto à EPC de Mathapue, Nacala Porto

Resultado: Projecto aceite.

Comentário: O encontro foi realizado no gabinete da Directora da EPC de Mathapue, onde para além de mim, estava a directora da escola e o director adjunto pedagógico.

Fiz a apresentação do projecto explicando as modalidades da sua implementação, no caso de: a classe que vamos envolver numa 1ª fase, e os professores a fazer parte do projecto. A directora da escola questionava sobre o tempo disponível para implementação do projecto tendo em conta que todo o horário se encontra preenchido. Sobre esta questão, eu expliquei que o projecto será inserido dentro do tempo lectivo nas aulas da Língua Portuguesa, ou noutras disciplinas considerando a interdisciplinaridade como recomenda o PCB.

A avaliação que faço neste encontro é que a direcção da escola mostrou a vontade de ver o projecto acontecer, dizendo que todo o apoio necessário para o projecto, estaria disponível, e em relação à questão posta pela directora sobre o horário a ser utilizado, ajudou-me a reflectir sobre a possibilidade de explorarmos mais temas em diversas disciplinas desde que se use a língua portuguesa para ensinar mas com enfoque na disciplina de língua portuguesa. Também senti que a direcção daquela escola está disposta para cooperar sempre que for necessário. O passo seguinte é formar o grupo de investigação.

Data: 16.05.2011

Acção: 3

Objectivo: Formar o grupo investigador afim de colaborar na implementação do projecto.

Actividade: Formação de grupo investigador

Resultado: Grupo investigador formado.

Comentário: Realizámos um encontro numa das sombras de acácia da EPC de Mathapue, estavam presentes; eu, o director adjunto pedagógico, 3 professores da 2ª classe, turmas A, B, C. e 8 praticantes das respectivas turmas.

O DAP fez uma breve introdução sobre a agenda do encontro e passou a palavra para eu apresentar o projecto. Tomando a palavra, apresentei que se trata de uma Investigação - Acção, cujo objectivo é como assegurar que os alunos da 2ª classe se expressam bem em Língua Portuguesa, através do uso de métodos activos. O projecto necessitará de uma das turmas da 2ª classe, numa primeira fase, e ao desenvolvermos vamos expandir o projecto para o resto das turmas. Os professores questionavam o critério de selecção da turma que fará parte do projecto uma vez que são três turmas da 2ª classe. Eu e o DAP propusemos que os professores interessados em fazer parte se deviam voluntariar. No mesmo encontro discutimos sobre os alunos, tendo em conta que as turmas da 1ª e 2ª classe são numerosas, variando entre 120 e 125 alunos, onde decidimos que vamos aplicar teste diagnóstico para identificar alunos com dificuldades da oralidade.

A avaliação que faço neste encontro é que a metodologia utilizada para formação do grupo investigador não foi eficaz, porque todos os participantes mostraram-se interessados em fazer parte do grupo investigador. Tanto o professor como os estudantes praticantes mostraram-se interessados no projecto e se prontificaram em interagir comigo sempre que for necessário, daí a necessidade de um sorteio que acabou seleccionando a turma A, com seus 2 praticantes. Sendo assim, o próximo passo de assistência é para me inteirar da situação da turma em relação ao desenvolvimento da expressão oral.

Data: 23.05. 2011

Investigação: 1

Objectivo: Observar a aula do professor da turma para me inteirar sobre a existência do problema.

Actividade: Observação da aula de Português, sobre o Material escolar e utilidade de O, a, os, as. (Dossier nº 1: ficha de Observação de aula)

Resultado: Observámos que dos 35, somente 15 conseguiram nomear correctamente, 9 mencionaram em língua Emakwa, 11 ficaram silenciosos.

Comentários: Assisti a duas aulas seguidas de Língua Portuguesa, na 2ª classe, turma A, leccionada por um dos praticantes da EPF. Na orientação desta aula, o professor usou como meio do ensino o livro do aluno página 17. Durante a aula, os alunos apresentaram dificuldades em responder às perguntas de identificação dos objectos na sala de aula, visto que não participavam activamente o diálogo com o professor. Eu achei que estas dificuldades fossem motivadas pelo fraco domínio de LP, porque durante a aula o professor, quando usava a L1 como auxiliar, as crianças contribuíam activamente. Assim, incentivamos o professor para de facto continuar com o uso da língua local como um instrumento que facilita a boa interacção e compreensão da matéria. De seguida decidimos planificar um teste diagnóstico para confirmar a existência das dificuldades constatadas durante a assistência da aula.

Data: 30.05.2011

Investigação: 2

Objectivo: Identificar os alunos com dificuldades na expressão oral afim de merecer uma atenção especial para melhoria da oralidade.

Actividade: Aplicação do teste diagnóstico aos alunos para identificação do grupo alvo.

Resultado: Foram identificados 35 alunos com dificuldades na expressão oral.

Comentário: Dividimos a turma em 4 grupos de 30 – 31 alunos, cada grupo estava sendo avaliado por um professor (investigador). Estavam presentes: eu, o professor efectivo da turma, dois praticantes da EPF Equipa 2011 na mesma turma e 121 alunos da turma em referência.

Cada professor tinha acesso a algumas questões anteriormente preparadas que aplicámos aos alunos, com uma ficha de registo dos resultados. As questões eram do tipo: qual é o seu nome? / como te chamas? com quem vives? quantos/as irmãos/as tens? (ver o dossier nº:1 teste diagnóstico e sua respectiva ficha de registos de dados.)

Avaliando a metodologia utilizada, acho que foi participativo, uma vez que todo grupo investigador esteve envolvido no assunto. Desta forma conseguiu-se abranger toda a turma dentro de 90 minutos obtendo os dados que vamos interpretar, sendo a próxima actividade de análise e interpretação dos dados obtidos.

Data: 06.06.2011

Acção: 4

Objectivo: Analisar os dados obtidos na avaliação diagnóstica afim de confirmar a existência do problema.

Actividade: Análise e interpretação de dados obtidos no teste diagnóstico

Resultado: Foram identificados 35 alunos com dificuldades de expressão oral em L.P., dos quais 14 são rapazes e 21 raparigas.

Comentários: Na sala da EPF, fizemos a análise dos resultados obtidos no teste diagnóstico. Estavam presentes os dois praticantes da EPF e eu. Os dois praticantes ditavam-me os dados eu lançava nas tabelas e, por ultimo, analisámos os resultados obtidos. Observe as tabelas em baixo.

Tabela1: Universo da turma

2ª A	Género					
Nº de Alunos	H			M		
	50	%	41	72	%	59
	HM					
	122		%	100		

Tabela 2: Resultados da avaliação inicial (diagnóstico)

Nº de alunos	Resultados		Avaliação
	Em número	Em %	
122	25	20,5	Mau
	10	8,2	Suficiente
	60	49,2	Bom
	27	22,1	Muito Bom
Total	122	100%	

Na análise destes dados relacionados com o teste diagnóstico realizado, concluímos que existe na realidade 25 alunos que se encontram com maior dificuldades da oralidade em LP e mais 10 que têm problemas. Todos têm de se esforçar para falar, mesmo que seja em língua local. Fazem parte do grupo que merece maior atenção concernente à expressão oral. Sendo o passo a seguir organizar a lista específica do grupo alvo e decidirmos de como vamos trabalhar com esse grupo.

Data: 13.06.2011

Acção: 5

Objectivo: Formar o grupo alvo afim de merecer uma atenção especial nas actividades de expressão oral.

Actividade: Formação do grupo alvo na turma.

Resultado: Grupo alvo formado na turma por 35 alunos.

Comentário: Após apuramento dos alunos com maiores dificuldades da oralidade, sentámos todos os membros do grupo investigador, para discutirmos como é que vamos trabalhar com esses alunos. Primeiro apresentei os resultados e fizemos a lista extraindo da principal onde os

alunos em causa estão escritos em negrito, codificado com seguinte sinal: (GA), quer dizer grupo alvo. Em seguida tivemos a batata quente sobre as metodologias a usar mas sem mostrar aos outros alunos que há um grupo especial na turma, porque poderia provocar mau aspecto, e concluímos que não os vamos separar dos outros, mas devemos nos esforçar para conhecermos bem esses alunos de modo a os atender de forma especial. Relativamente a isso, decidimos trabalhar todos juntos quando se trata de I-A, para imprimir uma dinâmica na turma.

Avaliação que faço nesta actividade, é que foi difícil chegar à conclusão em relação à questão de trabalharmos em simultâneo, porque o professor da turma insistia que nunca viu aulas de acção comum, onde os professores trabalham em simultâneo. Sendo o passo seguinte de formação de grupos de estudo na sala.

Data: 15.06.2011

Acção: 6

Objectivo: Formar grupos de estudo na turma, afim de facilitar a interacção entre alunos e promover o espírito de cooperação entre eles.

Actividade: Formação de grupos de estudo na turma (Dossier nº: 2 lista dos grupos de estudo na sala)

Resultado: Foram formados 24 grupos de estudos na turma.

Comentário: Realizámos a actividade de formação de grupos de estudos na turma, onde tivemos 24 grupos, dos quais 22 são de 5 membros e 2 grupos constituídos por 6 alunos cada. Essa actividade aconteceu numa das sombras da escola e todos membros do grupo investigador estavam presentes, e 120 alunos, 2 estavam ausentes por motivos desconhecidos. Decidimos enquadrá-los num dos grupos e depois seriam avisados.

Avaliação que faço nesta actividade é que os alunos ficaram organizados em grupos, algo que se pensava ser impossível naquele nível de escolaridade. Assim, os alunos passaram a socializar-se nos seus novos grupos e micro- grupos. E em relação à metodologia usada, foi divertida, uma vez que se realizou fora da sala de aula e começámos com um jogo. Organizámos os alunos em grupos mas considerando que os com dificuldades deveriam estar distribuídos em vários grupos. Assim, o passo seguinte será fazer a selecção de métodos activos, estratégias e actividades para o ensino da oralidade neste nível, através de leitura bibliográfica.

Data: 20.06.2011

Investigação: 4

Objectivo: Seleccionar métodos activos, estratégias e actividades adequadas para o ensino da oralidade na 2ª Classe, através de leitura bibliográfica, afim de servir como inspiração no desenvolvimento das nossas actividades ligadas à expressão oral.

Actividade: Selecção de métodos activos, estratégias e actividades adequadas para o ensino da oralidade na 2ª Classe, através de pesquisa na seguinte obra: Pedagogia do Português, 1º ciclo Ensino Básico, Colecção Formação de Professores por Rachel Melanie, 2010.

Resultado: Foram seleccionadas as seguintes actividades para o desenvolvimento da Oralidade:

Leitura de imagens;

Diálogo;

Canções;

Dramatização Pré-leitura e Pré-escrita;

Visita de Estudo e

Jogos

Comentário: Eu estava concentrado numa das salas da EPF Nacala para fazer um estudo na seguinte obra: Pedagogia do Português, 1º ciclo Ensino Básico, Colecção Formação de Professores por Rachel Melanie, 2010.

O essencial desta pesquisa direcciona-se à necessidade de explorar as ideias sobre o ensino da oralidade na 2ª classe, passando necessariamente pelo conhecimento das actividades que visam melhorar o ensino da oralidade neste nível. Estive sozinho e concentrado nesta actividade. Tendo feito isso, encontrei e extraí as seguintes actividades: leitura de imagens, prática de jogos,

canções diversificadas, nomeação de objectos do meio ambiente escolar, diálogo professor/aluno ou entre alunos, a pré-leitura e pré-escrita e visita de estudo.

Avaliação que faço nesta actividade é que fiquei muito inspirado através das boas ideias sobre as actividades a serem realizadas para o ensino da oralidade e passarei aplicar esses conhecimentos no sentido de apostar em ter melhores resultados. Assim, o passo a seguir será de produzir vários materiais didácticos para nos apoiar na implementação dessas actividades.

Data: 22.06.2011

Acção: 6

Objectivo: Produzir material didáctico de modo a nos auxiliar no ensino da oralidade

Actividade: Produção de material didáctico para o ensino da oralidade (cartazes, desenhos de imagens, colagens e letreiros)

Resultado: Material didáctico produzido: cartazes com letras, palavra+ilustração; desenhos vários, canções infantis; pequenos textos; Imagens do quotidiano.

Comentário: Realizámos uma acção de produção de material didáctico numa das sombras. Nesta acção estava envolvidos eu e 3 estudantes da EPF, dois fazendo parte do grupo investigador e um praticante na 2ª classe turma B, na mesma escola de Mathapue.

Nesta acção conseguimos produzir muito material o qual vamos usando durante as acções de Pesquisa Acção. É o mesmo que os praticantes daquela turma passam a usar. (ver o dossier nº 3: fotos de algumas actividades realizadas, dossier nº 7: alguns materiais utilizados nas actividades e exercícios).

Data: 27.06.2011

Acção: 7

Objectivo: Leccionar uma aula de leitura de imagens com intuito de promover o domínio da oralidade por parte dos alunos.

Actividade: Leccionação de uma aula de leitura de imagens

Resultado: Todos alunos leram as imagens correctamente

Comentário: Leccionámos essa aula de leitura de imagens, dividindo a turma em 4 grupos maiores, já que se trata de uma turma numerosa. Cada um tinha um grupo de alunos que por sua vez se organizava nos grupos anteriormente formados. Por sinal, todo o grupo investigador estava presente a interagir. Começávamos por fixar as imagens no quadro e nas paredes. Em seguida, orientávamos os alunos para lerem as imagens através de algumas perguntas como por exemplo: o que estão a ver na figura? Quantos são? Falar da cor, tamanho, etc. As tais imagens eram da vivência diária dos alunos. Como forma de criar oportunidade para as crianças expressarem-se livremente, pedíamos voluntários para fazer a leitura de imagens, situação que quase provocou desordem e acabámos mudando da metodologia, indicando um por um ou dois por dois. Nalguns casos, diziam em língua Emakwa e nós traduzíamos em Português. Sendo a próxima actividade de ensino umas canções.

Data: 29.06.2011

Acção: 8

Objectivo: Ensinar canções a partir de um tema por estudar (higiene pessoal) e imagens com finalidade de desenvolver expressão oral nas crianças a partir das palavras que indica o corpo humano.

Actividade: Leccionação de uma aula com o tema “O dia-a-dia da Regina”.

Resultado: Os alunos aprenderam a noção de higiene.

Comentário: Estavam presentes 111 alunos, e todo grupo investigador. Dividimos os alunos em 4 grupos de 27 a 28 alunos, sendo 2 permanecerem na sala e 2 dois saírem para o pátio onde há sombra mais fresca, por baixo das mangueiras. A aula começava com perguntas do tipo: O que fazes ao acordar? Costumas escovar dentes? Lavas a cara? Tomas banho? Que horas saís para escola? Depois ouvimos a história da Regina. Depois da leitura feita pelo professor, de novo retomava-se as questões que se relacionam com a vida da Regina.

Nesta aula, os alunos participaram activamente, uma vez que todos cantavam realizando alguns gestos. Recorremos também ao livro do aluno, pág. 57, onde os alunos interpretaram as imagens, entoaram canções de lava cara de manhãzinha, os dentes com uma escova, e penteia-se muito bem para bonito ficar, olá I ala, olá, I ala lá. Finalmente, como exercício, orientámos para cada aluno dizer o que faz depois de acordar até vir à escola. O passo a seguir será uma aula de dramatização.

Data: 13.07.11

Acção: 10

Objectivo: Dramatizar aula afim de aumentar o nível de interacção dos alunos.

Actividade: Dramatização da aula.

Resultado: Metade dos alunos na turma praticou directamente a dramatização.

Comentários: Foram submetidos 120 alunos que estavam presentes na turma. A mesma consistiu em formar vários grupos de 4-5 alunos, depois de 2 a dois para dramatizar a comunicação. Esta lição foi baseada no livro da 2ª classe, página 46 que fala sobre meios de comunicação (o diálogo entre Abel e Linda). Cada grupo preparou um parágrafo. De seguida começava a praticar a dramatização, depois trocava para outro parágrafo. No desenvolvimento da aula, a nossa atenção especial era de envolvermos nos alunos identificados com dificuldades da oralidade como forma de ajudá-los a melhorar a sua expressão oral.

Avaliando essa actividade e em função do elevado número dos alunos na turma e por ter sido realizada dentro da sala de aula, mostrou-se ser pouco participativo, porque alguns não tiveram oportunidade de participar na dramatização, e tentando dividir os alunos em vários grupos, a sala se tornava cada vez mais pequena. Sendo assim, o próximo passo será de leitura de palavras simples e da vivência dos alunos.

Data: 01.08.2011

Acção: 11

Objectivo: Ler palavras simples da vivência dos alunos no sentido de desenvolver a capacidade de leitura nos alunos.

Actividade: Leccionar uma aula de leitura de palavras simples e da vivência dos alunos, extraídas a partir do livro do aluno, pag. 44.

Resultado: Os alunos aprenderam a ler diferentes palavras.

Comentários: Este trabalho foi feito por mim e pelos estudantes que fazem parte do grupo investigador. Nesta aula, as palavras na sua maioria eram acompanhadas com imagens do livro do aluno e em desenhos de objectos em pequenos cartazes. Foram envolvidos, em total, 15 alunos por cada um dos membros do grupo investigador, do que podemos deduzir que eram 15x3 ou 45 alunos que participavam directamente. Os outros participavam indirectamente porque imitavam os indicados para a leitura. No fim da aula, como consolidação, demos alguns exercícios apresentando as palavras no quadro e as imagens na parede, onde os alunos deviam escolher a imagem para localizar a palavra correspondente ou vice-versa.

Avaliando esta aula, concluímos que quase todos os 45 alunos indicados para resolver o exercício acertavam, facto que nós levou a concluir que houve compreensão. O passo a seguir será a elaboração de canções para a escola primária.

Data: 15.08.11

Acção: 12

Objectivo: Elaborar um livrinho de canções com o propósito de utilizá-lo para o desenvolvimento da oralidade nas classes iniciais.

Actividades: Coleccionar canções para produzir um livrinho que visa no desenvolvimento da oralidade nas classes iniciais.

Resultado: Livrinho elaborado

Comentários: Estiveram envolvidos todos estudantes da EPF, através de uma sessão de elaboração de canções da escola primária com os estudantes da EPF.

A avaliação que faço nesta actividade é que todos estudantes estavam positivos porque para além de servir para este ano pode passar a ser usado nas próximas oportunidades. (ver o dossier nº 6: livrinho de canções da escola primária)

Data: 05.10.2011

Acção: 13

Objectivo: Estudo da letra “m” a partir de uma frase, palavra, sílaba e a letra

Actividade: Leccionação da aula

Resultado: Os alunos leram a frase, palavra, sílaba e identificaram a letra “m”.

Comentário: Nesta aula participaram 120 alunos da turma, professor da turma e eu. Primeiro dividimos a turma em 2 partes. Através de 2 cartazes com desenho de uma cama, com pequeno texto, é uma cama, fixado na parede da sala, os alunos leram a frase, palavra, sílaba e identificaram a letra m. A aula começou com a leitura do desenho da cama, depois prosseguia utilizando o método sintético.

Os alunos participaram activamente na aula, eles faziam disputas para ir ao quadro fazer leitura e escrever palavras.

Como exercício trazia muitos cartazes. Os alunos deviam identificar a letra m, no meio de muitas letras. (ver dossier nº 3: fotos de algumas actividades realizadas)

Avaliação que faço desta actividade é que mais de metade da turma praticaram o exercício correctamente sendo o passo a seguir de aprendizagem de canções infantis.

Data: 13.10.2011

Acção: 14

Objectivo: Aprender canções infantis para desenvolver oralidade nos alunos.

Actividade: Entoar canções infantis com os alunos.

Resultado: Os alunos cantaram as canções infantis.

Comentário: Nesta aula participaram 120 alunos da turma, o professor da turma, os dois praticantes. A aula começou com uma canção com a praticante, (amanhã amanhã).

Os alunos participaram activamente nas canções e mostraram eles conhecem muitas canções. Por sinal eles cantavam e dançavam quando fosse necessário. Algumas canções apontavam partes do corpo humano, sendo boas para o ensino sobre o tema, corpo humano, e outros saberes curriculares.

Esse exercício terminou com registo de mais canções para enriquecimento do nosso livrinho. (ver dossier nº 6: Livrinho de canções da escola primária)

Avaliação que faço desta actividade é que todos alunos participaram activamente, sendo o passo seguinte a avaliação final.

Capítulo VII: Avaliação do Projecto

Neste processo, fez-se avaliação com a direcção da escola onde o projecto foi implementado, com o professor da turma, com os dois praticantes, com a direcção da EPF Nacala e, por último, avaliou-se o progresso dos alunos durante a realização do projecto.

No mesmo capítulo, apresento a minha autoavaliação que é parte por onde se encontra expressa a minha própria sensibilidade sobre o projecto e o que este mudou na minha vida profissional.

7.1. Avaliação com a direcção da EPC Mathapue

Objectivo: Saber as opiniões da direcção da Escola Primária sobre o projecto.

Actividade: A direcção da Escola Primária escreveu uma carta de recomendação. (Dossier nº4: carta de recomendação da Direcção da EPC de Mathapue)

Resultado: Carta de recomendação escrita e entregue nas minhas mãos.

Comentários: Eu e o professor da turma, fomos juntos na direcção da escola, e pedimos que ela avaliasse o nosso projecto através de uma carta escrita. A directora da escola nomeou o director

adjunto pedagógico para ele fazer a avaliação. O DAP aceitou e nós disse para voltarmos no dia seguinte para recebê-la.

Como o DAP tinha prometido, voltámos no dia seguinte, recebemos a carta assim, apresento em seguida um trecho extraído da carta sobre a opinião da direcção acerca do projecto.

“Na implementação do seu projecto na turma 2ª classe, A, em colaboração com o professor da turma e estudantes praticantes provenientes da Escola de Professores do Futuro, as actividades desenvolvidas contribuíram consideravelmente para melhoria do nível de interacção entre alunos, alunos/professor, e vice versa.”

7.2. Avaliação com o professor da turma

Objectivo: Conhecer as opiniões do professor da turma acerca do projecto.

Actividades: O professor da turma preencheu uma ficha de avaliação.

Resultado: Ficha preenchida.

Comentários: O professor e eu sentámo-nos juntos. Eu introduzi a ficha e concordámos a encontrar o próximo dia para professor me entregar a ficha preenchida. Voltando no dia seguinte recebi a ficha preenchida. Em seguida, passo a apresentar um extracto do comentário do professor. Para mais detalhes pode se ver no Dossier nº 4: Ficha de avaliação para o professor.

“O projecto foi muito bom, apesar de ter vindo tarde, seria bom que começasse no início do ano lectivo.

Com este projecto, aprendi bastante a ensinar brincando com as crianças, trazendo muitas actividades dentro e fora da sala de aulas, durante o intervalo também brincamos com as crianças”.

7.3. Avaliação feita pelos praticantes da EPF

Objectivo: Conhecer as opiniões dos praticantes da turma acerca do projecto.

Actividades: Os praticantes escreveram uma experiência acerca do projecto.

Resultado: Experiência escrita e entregue nas minhas mãos.

Comentários: Sentei-me com os dois praticantes na EPF, e pedi para eles escrever uma experiência avaliando o projecto e eles aceitaram. Feito isso, recebi as 2 experiências escritas. Eis extractos das duas experiências: (Ver Dossier nº 4: Experiencias dos praticantes da EPF)

(1) “Durante a minha Investigação-Acção na minha escola de prática, Escola Primária Completa de Mathapué, tive a oportunidade de realizar algumas actividades que ajudaram no desenvolvimento da Oralidade das crianças com ajuda do meu formador acompanhante Lucas Mavira Manhula” (2) “Nestas experiências cheguei à conclusão de abordar alguns exemplos de como podemos inicialmente explorar nas classes iniciais tais como: implementação de leitura de imagens, diálogo, canções, poesia, dramatização e outras actividades; com ela levarei comigo em toda minha vida profissional”.

7.4. Avaliação com a direcção da EPF Nacala

Objectivo: Saber a sensibilidade da direcção da EPF acerca do projecto.

Actividade: A direcção da EPF Nacala escreveu uma nota de informação.

Resultado: Nota de informação escrita e entregue nas minhas mãos.

Comentários: Pedi a directora da EPF Nacala para avaliar o projecto, ela nomeou o administrador financeiro para ele fazer tal avaliação, porque ela se encontrava ausente junto com o seu Pedagógico. O Administrador escreveu conforme a orientação e me entregou. Assim, apresento em seguida um trecho extraído da nota de informação. (ver o Dossier nº 4: nota de informação da Direcção da EPF Nacala)

“Conforme o nosso acompanhamento das suas actividades durante as suas realizações e feita avaliação, concluímos que o projecto correu bem, uma vez que houve envolvimento de muitos intervenientes do processo educativo, o mesmo passa a ser implementado como inspiração”.

7.5. Avaliação final dos alunos

Objectivo: Realizar avaliação final afim de perceber se o problema identificado desde o início foi ultrapassado ou ainda persiste.

Actividade: Avaliação oral (final) através do teste diagnóstico usado no início do projecto. (Ver o Dossier nº 1: teste diagnóstico final e sua respectiva ficha de registo)

Resultado: Avaliação final foi realizada.

Comentários: Essa avaliação tinha duração de 2 dias. Todos alunos foram submetidos à avaliação, sendo no 1º dia avaliados 68 e no 2º dia 54 alunos. Feita a avaliação, se obteve os seguintes resultados: 2 alunos tiveram resultado mau, 4 suficiente, 74 bom, 42 muito bom. Abaixo, apresentamos a tabela 3, que mostra os resultados obtidos e a tabela 4 que compara os resultados da avaliação final com a avaliação inicial.

Tabela 3: Resultados obtidos na avaliação final

Nº de alunos	Resultados		Avaliação
	Em número	Em %	
122	2	1,6	Mau
	4	3,3	Suficiente
	74	60,7	Bom
	42	34,4	Muito Bom
Total	122	100%	

Tabela 4: Comparação dos resultados das avaliações (inicial e final)

Avaliação	MBom	%	Bom	%	Suficiente	%	Mau	%
Inicial	27	22,1	60	49,2	10	8,2	25	20,5
Final	42	34,4	74	60,7	4	3,3	2	1,6

Fazendo comparação dos resultados obtidos nas duas avaliações, constatamos que os 35 alunos que tinham sido identificados com dificuldades da expressão oral, 29 alunos melhoraram significativamente, 4, encontram-se numa situação mais ou menos aceitável e infelizmente, 2 alunos não conseguiram melhorar.

7.6. Autoavaliação

Este projecto trouxe uma nova aprendizagem para mim devido a sua rigorosidade na solução de problemas.

1ª Aprendi a recorrer meios locais para produzir material didáctico concreto.

2ª Aprendi colaborar com o professor da turma, alunos e estudantes da EPF, pais e encarregados de educação para resolução do problema que afecta a educação, no caso concreto, o ensino da oralidade.

3ª Aprendi a ser humilde, muito comunicativo e amigo de todos.

Portanto, as experiências deste projecto podem me ser úteis na minha vida profissional e gostaria promover mais actividades que possam melhorar/ resolver várias situações que afectam a vida escolar em Moçambique, sobretudo nas zonas rurais onde se regista carência de professores.

7.7. Dificuldades encontradas na realização do projecto

Falta de material de apoio, como máquina fotográfica, gravador

Para este problema pedíamos por emprestado a máquina fotográfica aos colegas da escola, que por vezes estavam disponíveis, outras vezes, não.

Elevado número de alunos na turma

Este facto dificultava o nosso trabalho, também o trabalho do professor da turma, a sala era relativamente pequena, o que nos obrigou a realizarmos maior parte das actividades fora da sala de aula, portanto, numa sombra do pátio da escola.

Falta de carteiras na sala

Facto que leva os alunos a sentar no chão dificultando a escrita.

7.8. Conclusão

O presente projecto foi realizado com a perspectiva de melhorar a capacidade de aprendizagem dos alunos da 2ª classe turma A, na Escola Primária Completa de Mathapue. Neste sentido, posso concluir que o projecto trouxe impacto positivo, porque serviu de inspiração para os professores da escola primária e outros actores envolvidos. Os alunos beneficiários mostraram uma mudança significativa na maneira de aprender, eles aprenderam a construir a sua própria aprendizagem na medida em que aplicaram metodologias que os ajudava a ser participativos. Outro aspecto mais importante neste projecto é que mudou a maneira de relacionamento entre alunos e com professor, eles se tornaram mais amigos do professor do que antes.

Para os estudantes da EPF envolvidos no projecto, em particular, tiveram muita aprendizagem, sobretudo quando se trata de buscar estratégias para o ensino da oralidade que eles podem aplicar na sua futura profissão e influenciar os colegas.

7.9. Recomendações

Para valorizar as várias actividades, estratégias e metodologias que serviram de experiência para o ensino da oralidade na 2ª classe apresento as seguintes recomendações:

Ao professor

- ✓ Implementar várias actividades que podem desenvolver nos alunos as competências básicas da oralidade como por exemplo: canções, diálogo, jogos lúdicos, leitura de imagens, visita de estudo e recreação. Essas actividades, para além de desenvolver as capacidades de ouvir e falar, também desenvolvem o espírito de cooperação entre alunos e com professor/aluno.
- ✓ Uso da L1 como auxílio no ensino de qualquer disciplina curricular;
- ✓ O uso frequente do material didáctico.
- ✓ Produzir material didáctico de baixo custo.
- ✓ Promover jornadas pedagógicas por classes ou disciplinas.

Ao terminar, dizer que este método é importante para dar respostas a diferentes problemas que podemos encontrar nas escolas primárias de Moçambique, como é o caso do problema por nós investigado neste projecto, assim como problemas de origem social, cultural, político e económico que podemos encontrar no meio da comunidade e país e geral.

Capítulo VIII: Investigação-Acção como Método

Ensinar exige reflexão contínua sobre a prática docente, diz Paulo Freire, 2011:40. No projecto de Investigação-Acção também se caracteriza pela reflexão contínua das suas realizações.

A Investigação-Acção é um excelente guia para orientar as práticas educativas, objectivo de melhorar o ensino e os ambientes de aprendizagem na sala de aula

Investigação-Acção exige planear, actuar, observar e reflectir mais cuidadosamente do que aquilo que se faz no dia-a-dia e procura trazer melhoramentos práticos, inovação, mudança ou desenvolvimento de práticas sociais e um melhor conhecimento dos práticos acerca das suas práticas.

Na I-A, o investigador diagnostica o problema e tenta resolver, e diante das várias tentativas estratégicas faz-se reflexões sistemáticas para perceber se está ajudando a mudar alguma coisa ou não e, em seguida, replanifica-se novos passos para ir avante.

Em suma, na I-A o investigador se ocupa em resolver um problema através de acções. Isto é, encontrar uma situação problemática e reflectir sobre as razões da sua existência, encontrar estratégias para atacar o problema e, depois, junto com os outros actores, mudar a realidade para o melhor.

I-A requer que o investigador possua as seguintes atitudes:

ser sistemático, recolher evidências na qual se baseia a reflexão, envolver um esforço de formulação de problemas motivados por uma busca da melhoria e compreensão das práticas, mudar as práticas e aprender como as melhorar a partir dos efeitos das mudanças feitas.

Capítulo IX: Lista de Conteúdos do Dossier

1. Ficha de Observação de aula, testes diagnósticos: inicial e final com as suas respectivas fichas de registos de dados;
2. Lista nominal dos alunos da turma de I – A; lista dos grupos de estudo na sala; lista dos 35 alunos identificados com dificuldades da oralidade;
3. Fotografias de algumas actividades realizadas;
4. Ficha de avaliação para o professor; experiência de 2 estudantes da EPF envolvidos na I – A, carta de recomendação da direcção da escola onde decorreu o projecto (EPC Mathapue), nota informativa da direcção da EPF;
5. Alguns planos anuais de actividades de I – A;
6. Livrinho de Canções da Escola Primária;
7. Alguns materiais utilizados de diferentes exercícios realizados.
8. Diário factual

Capítulo X: Bibliografia com Comentário

1. FREIRE, Paulo (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 5ª Edição. S. Paulo.
Esta obra usei no capítulo de I-A, como método, para uma inspiração das ideias do Paulo Freire sobre a necessidade de reflexão constante que um educador deve ter.
2. INDE – MINED (2003). *Programa de Ensino Básico 1º Ciclo: programa das disciplinas do ensino básico*, Maputo.
Utilizámos esta obra para fazer a confrontação entre os conteúdos, objectivos e as orientações metodológicas a serem seguidas pelo professor no ensino da oralidade.
3. MELANIE, Rachel, (2010). *Pedagogia do Português 1º ciclo Ensino Básico: colecção Formação de Professores*. Porto Editora.
A utilização desta obra foi para permitir obter uma inspiração sobre os métodos activos, adequados para a leccionação de aulas de oralidade.
4. MOÇAMBIQUE, INDE/MINED (2003). *Plano Curricular do Ensino Básico: objectivos, política, estrutura, plano de estudos e estratégia de implementação*. Utilizámos esta obra para ver os objectivos do Sistema Nacional de Educação.
5. MOÇAMBIQUE, INDE/MINED (2004). *Livro do Aluno Língua Portuguesa, 2ª classe: já sei ler*. 1ª Edição, Texto Editores.
Utilizámos esta obra para nos basearmos dos conteúdos existentes no livro e que foram concebidos pelo programa do Ensino Básico.
6. QUIST, Dawn (2007). *Método do ensino Primário*. Editora Nacional de Moçambique – S.A Maputo.
A utilização desta obra foi para permitir obter uma inspiração sobre os métodos activos, adequados para a leccionação de aulas de oralidade.

Matemática, Ensino Inicial

Nas primeiras classes é indispensável que as crianças tenham a possibilidade de construir uma base concreta da matemática. Tal foi óbvio para os participantes que escolheram trabalhar com esta disciplina. Em todos projectos de matemática foi produzido material didáctico concreto



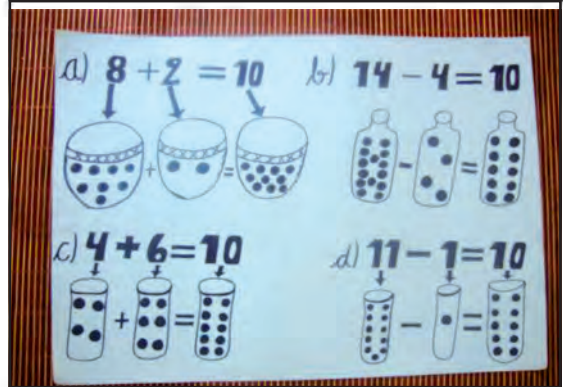
2ª classe. Dividir em números pares e números ímpares



2ª classe. Os livros escolares também têm um papel muito importante



Duas maneiras de ilustrar o conceito de "três"



1ª classe. Cartaz ilustrando adição e subtração



Alguns grupos de acção produziram material didáctico concreto para todas as turmas da escola



3ª classe. Uso de pauzinhos dá a possibilidade de manipular as operações

II.2. O Capítulo VI de alguns relatórios

II.2.1. Matemática, 2ª classe, Cálculo Mental

Escola Primária Trevo.

Autora: Carlota da Graça Magule.

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1. Tema: Matemática, 2ª classe, cálculo mental

1.2. Problema: Os alunos da 2ª classe não dominam o cálculo mental

1.3. Objectivo geral

Desenvolver habilidade de resolver operações mentalmente em matemática ao nível da 2ª classe

1.4. Objectivos específicos

Resolver mentalmente as operações simples de adição, subtracção, multiplicação e divisão;

Produzir e utilizar o material didáctico para efectuar o cálculo simples de adição, subtracção, multiplicação e divisão;

Efectuar o cálculo simples de adição, subtracção, multiplicação e divisão a partir de jogos;

Desenvolver e experimentar uma metodologia, onde todos alunos trabalham em grupo.

1.5. Número de alunos: 56 H: 23 M: 33

CAPÍTULO VI: ESPIRAL COM COMENTÁRIOS

Data: 06.04.10

Acção 4: Apresentação do projecto ao professor da turma.

Objectivo da Acção: Apresentar o projecto de I-A ao professor da turma.

Actividade: Um encontro com o professor para explicar a ideia e os objectivos do projecto.

Resultado: O professor compreendeu a ideia de I-A e aceitou a implementação do projecto na turma.

Comentários: No dia, tive um encontro com o professor da turma. Para iniciar, apresentei-me e depois expliquei a ideia de I-A e o projecto. A seguir, o professor disse que não havia problemas, o projecto era bem-vindo na sua turma, uma vez que ia envolver a todos, e, acrescentou que seria bom que tivéssemos encontros para que as actividades fossem planificadas e realizadas de acordo com o nível dos alunos.

O encontro com o professor foi muito bom, visto que compreendeu a ideia do projecto e mostrou-se interessado em fazer parte do mesmo. Para o passo a seguir, pretendo observar uma aula de modo a ter uma visão sobre os métodos usados pelo professor e pelos estudantes na disciplina de matemática.

Data: 12.04.10

Investigação 1: Observação de uma aula.

Objectivo da investigação: Observar as metodologias aplicadas pelo professor na aula de Matemática.

Actividade: Observar a aula e tomar nota dos aspectos relacionados com metodologias de ensino.

Resultado: Na aula observada, o professor usou o método expositivo e trabalho individual, não utilizou o material didáctico.

Comentários: No dia, observei uma aula onde estiveram presentes 56 alunos, dois estudantes da EPF e o professor da turma. Na parte inicial da aula, o professor passou o tema e explicou sem perguntar nada aos alunos. Depois de explicar o tema indicou alguns exercícios do livro do aluno

para que os alunos resolvessem individualmente. Após a resolução passou por cada aluno para corrigir nos cadernos. No fim da aula, o professor perguntou se tinham entendido e em coro os alunos responderam: “Sim”.

Mucavel et al. (2009:15) lembram que uma das desvantagens do uso do método expositivo na aula de matemática é que "inibe a iniciativa criadora dos alunos, há pouca actividade mental na aprendizagem e impõe métodos de avaliação que só exigem respostas decoradas". Este foi o ambiente que observei na turma, o aluno ainda não tem espaço para expor as suas ideias, e nas actividades dadas não consta o cálculo mental nem o trabalho de grupo.

Para o passo a seguir, pretendo fazer leitura do Programa do Ensino Básico de modo a familiarizar-me com os objectivos, as sugestões metodológicas para o ensino da matemática e os tipos de avaliação para melhor avaliar o nível de cada aluno em relação ao cálculo mental.

Data: 03.05.10

Investigação 2: Leitura do Programa de Ensino Básico - 1º Ciclo, Matemática 2ª classe.

Objectivo da Investigação: Identificar os tipos de avaliação preconizados no Programa do Ensino Básico.

Actividade: Encontro com os estudantes para a leitura do programa de ensino do 1º ciclo – Matemática.

Resultado: Decidimos utilizar o teste diagnóstico para melhor identificar a habilidade de fazer cálculos mentalmente.

Comentários: No dia, tivemos um encontro com o grupo do projecto (actores), do qual presenciaram os estudantes da EPF. No encontro, fez-se a leitura do programa de ensino do 1º ciclo onde destacamos as seguintes partes: os objectivos, as sugestões metodológicas e os tipos de avaliação.

Em relação aos objectivos vimos que privilegiam a prática do cálculo mental para adição e subtracção, quanto aos métodos, o programa sugere aplicação de métodos que colocam o aluno como o centro da aprendizagem, e para o tipo de avaliação escolhemos o teste diagnóstico como ideal para identificar a situação dos alunos através de conteúdos ligados a contagem progressiva, contagem regressiva e operações de adição.

Esta actividade foi boa, porque aprofundamos mais sobre os objectivos, os métodos e os tipos de avaliação propostos para 2ª classe. Para o próximo passo, pretendemos avaliar os alunos da turma.

Data: 11.05.10

Investigação 3: Avaliar os alunos.

Objectivo da investigação: Identificar o nível de assimilação do cálculo mental em cada aluno.

Actividade: Orientar os alunos da turma a realizar o teste.

Resultado: Os alunos foram submetidos ao teste.

Comentários: No dia, realizámos uma actividade com objectivo de identificar o nível de assimilação do cálculo mental, nesta actividade participaram os estudantes da EPF e a turma. Para começar, organizámos os alunos em colunas, de modo a avaliar um por um, onde cada coluna estava para um professor. A seguir, começámos a avaliação fazendo perguntas onde o aluno devia responder correctamente.

Depois de avaliar os alunos, juntámos todos os testes e marcámos o dia seguinte para analisar os dados e planificar algumas actividades de acordo com o resultado encontrado. O trabalho foi muito positivo porque os alunos colaboraram respondendo todas questões do teste. Para o próximo passo pretendemos analisar as respostas obtidas no teste.

Data: 12.05.10

Acção 5: Análise dos dados colhidos no teste diagnóstico.

Objectivo da acção: Analisar os resultados do teste diagnóstico.

Actividade: Encontro com o grupo de trabalho.

Resultado: Maior parte dos alunos não conseguiu realizar a contagem regressiva e as operações de adição mentalmente.

Comentários: No dia, reunimo-nos na EPF onde estavam presentes os estudante/praticantes. No encontro, decidimos que devíamos analisar os dados obtidos e no fim propor possíveis acções. Após a análise dos resultados obtidos verificámos que mais que a metade tem dificuldades em realizar o cálculo mental, tendo menor número de alunos com resultado positivo, o que achámos preocupante.

Para fazer face ao resultado obtido decidimos que na contagem regressiva podíamos treinar os alunos com auxílio de pedrinhas, e para a adição podíamos dar mais exercícios durante as aulas usando material didáctico e incentivando o trabalho em grupo para que os alunos com dificuldades possam melhorar.

A actividade desenvolvida foi muito boa porque conseguimos ideias de como encarar a situação dos alunos e propusemos que a próxima actividade a realizar na turma seria a organização dos alunos em micro-grupo.

Data: 18.05.10

Acção 6: Formação de micro-grupos.

Objectivo da acção: Desenvolver a inter-aprendizagem no domínio do cálculo mental.

Actividade: Formação de micro-grupos de 3 alunos.

Resultado: Conseguimos formar 19 micro-grupos com os seus respectivos nomes.

Comentários: No dia, realizei uma actividade na EP1 do LÍngamo, onde estiveram presentes o professor da turma, os estudantes/praticantes e os alunos. Para começar, o professor da turma explicou aos alunos que seriam divididos para formar micro-grupos e que estes iriam se identificar com o nome de um animal.

A seguir, o professor chamou os alunos e atribuiu nome a cada micro-grupo enquanto eu e os praticantes organizávamos os lugares que os micro-grupos iriam ocupar. A formação de micro-grupos foi de acordo com o nível dos alunos de realizar o cálculo mental, respeitando os resultado que cada um obteve no teste.

Esta actividade foi bem realizada porque conseguimos formar os micro-grupos que vão contribuir para inter-aprendizagem entre os alunos da turma com dificuldades. Passo a seguir, temos a produção de materiais didácticos para desenvolver o cálculo mental.

Data: 05.06.10

Acção 7: Produção de material didáctico.

Objectivo da acção: Assegurar que cada micro-grupo manipule o material didáctico nas aulas de matemática.

Actividade: Produção de material didáctico para as aulas de Matemática.

Resultado: No final da actividade, conseguimos fazer 60 peças de cartões de tabuada e 19 cartazes com nomes dos micro-grupos.

Comentários: No dia, tivemos um encontro na EPF-Maputo onde estiveram presentes a supervisora e colegas do ISET. Também estiveram no encontro os estudantes/praticantes que fazem parte dos projectos de I-A. Estávamos organizados em grupos, no meu grupo produzimos cartões a partir de caixas usadas de tabuada de 2,3,4 e 19 cartões com os nomes dos micro-grupos.

Esta actividade foi bastante importante porque possibilitou-nos a produzir material didáctico e que devíamos reflectir como este poderia ser usado principalmente por parte do aluno, como mostra Kurtz (1985:07) "A criança aprende refletindo sobre suas acções, as actividades propostas devem permitir uma intensa manipulação de material concreto adequado, para que os conceitos possam ser realmente aprendidos". Para o próximo passo pretendemos planificar a aula com o colectivo de investigação.

Data: 22.06.10

Acção 8: Planificação da aula.

Objectivo da acção: Descrever os passos da aula sobre números pares e números ímpares.

Actividade: Planificar aula sobre “os números pares e números ímpares”.

Resultado: Descrevemos os passos da aula.

Comentários: No dia, tive um encontro com os estudantes da EPF. No encontro decidimos que devíamos ter os seguintes passos de aula:

1º A apresentação do que vai acontecer na aula;

2º Orientar uma canção;

3º Orientar os alunos a realizarem exercícios através de cartões com números de 1 a 20;

4º O professor devia orientar os alunos a corrigir o exercício realizado.

No fim da planificação, decidimos que devíamos orientar a aula deixando o aluno falar mais e manusear o material didáctico, e que este modelo serviria para todas as aulas a leccionar.

Para o próximo passo, pretendemos leccionar a aula sobre os números pares e números ímpares, garantindo a participação activa de todos grupos.

Data: 23.06.10

Acção 9: Leccionação de aula.

Objectivo da acção: Assegurar que os alunos identifiquem os números pares e os números ímpares.

Actividade: Leccionar uma aula sobre os números pares e os números ímpares.

Resultado: Os alunos conseguiram identificar os números pares e os números ímpares.

Comentários: No dia, orientamos uma aula onde estiveram presentes os alunos da turma, os estudantes/praticantes, o professor da turma e a supervisora. O professor iniciou a aula escrevendo o tema no quadro e orientou os alunos a cantar uma canção. A seguir, pediu que os alunos abrissem os seus livros na página 64 e explicou aos alunos sobre os números pares e ímpares.

Depois, chamou um grupo para mostrar os números, outros grupos também apresentaram e no fim aplaudimos. Depois demos um trabalho para os alunos separarem os números pares dos números ímpares, passamos pelos grupos para orientar.

No fim da aula, tivemos uma conversa onde a supervisora sugeriu que podíamos elaborar uma ficha de controlo para registar o comportamento dos alunos em cada actividade realizada, e definir o tempo onde os alunos falam mais durante a aula.

Em geral a aula foi boa porque os alunos trabalharam juntos e verificámos que eles têm a noção dos números. Para o próximo passo, pretendo elaborar a ficha de controlo do aproveitamento dos alunos em cada aula e leccionar aula sobre adição.

Data: 31.08.10

Acção 10: Leccionação da aula sobre a adição horizontal.

Objectivo da acção: Treinar os alunos a realizar cálculos mentais de adição.

Actividade: Leccionação de aula sobre adição horizontal.

Resultado: Dez micro-grupos conseguiram acertar as operações e 9 não conseguiram.

Comentários: No dia, leccionámos uma aula com o tema adição, onde estiveram presentes os alunos, o professor da turma e os estudantes. Para começar, o professor contou uma pequena história, em que através dela deu algumas questões. Assim, apresentou as respostas dos alunos no quadro e explicou como fazer mentalmente cálculos de adição. A seguir, cada grupo teve como tarefa completar a imagem ligando em ordem os números.

Depois pedimos que tirassem os pauzinhos ou caricas de frescos para realizar exercícios de adição em grupos. Enquanto resolviam, passamos por cada grupo para ajudar. Após a resolução pedimos um grupo para apresentar no quadro mostrando aos colegas como fizeram usando os pauzinhos ou caricas de frescos na contagem.

Esta aula foi boa visto que os alunos participaram dando resposta às questões, nos exercícios dados. 10 micro-grupos conseguiram fazer, mas não conseguiram concluir devido a agitação durante a troca de ideias.

Para o passo a seguir, pretendemos dar continuidade com as aulas incentivando o trabalho em grupo pois como lembra Piletti (2004:96) “O trabalho em grupo oferece ao aluno a oportunidade de estabelecer troca de ideias e opiniões, desenvolvendo as habilidades necessárias à prática da convivência com as pessoas”.

Data: 07.09.10

Acção 11: Leccionação sobre a subtracção horizontal.

Objectivo da acção: Assegurar que os alunos façam cálculo mental sobre a subtracção.

Actividade: Leccionação sobre a subtracção horizontal.

Resultado: Todos micro-grupos conseguiram realizar as operações mas com dificuldades de interagir nos grupos.

Comentários: No dia, leccionámos a aula sobre a subtracção horizontal onde estiveram presentes os alunos da turma, os estudantes e o professor da turma. A seguir, chamámos alguns grupos para que pudessem fazer a contagem regressiva de 50 a 1. Depois fizemos perguntas como: se tivesses 6 laranjas e tivesses que dar 3 ao teu amigo, com quantas laranjas ficarias? Assim, os alunos iam dando respostas às perguntas colocadas. Através das respostas, explicamos como achar o resultado.

Depois, pedimos que os alunos resolvessem em grupo algumas operações de subtracção usando caricas ou pedrinhas para a contagem. Depois de terem resolvido, pedimos que alguns grupos apresentassem o resultado obtido em cada operação.

Analisando a aula, foi boa porque os alunos participaram com muita vontade em todos momentos lectivos e acertaram os exercícios dados, embora alguns grupos não conseguiram interagir ou seja trocar ideias, pois, preferiam realizar os exercícios individualmente, e entendemos que isto ocorreu devido ao hábito que os alunos tinham nas aulas anteriores, mas com o acompanhamento e controlo nas actividades conseguimos ultrapassar.

Para o passo seguinte pretendemos dar continuidade às aulas dando exercícios de consolidação sobre adição e subtracção de modo a verificar o nível de aproveitamento das aulas anteriores e incentivar aos alunos a trabalharem em grupo.

Data: 08.09.10

Acção 12: Exercícios de consolidação.

Objectivo da acção: Consolidar o que foi aprendido sobre a adição e subtracção horizontal.

Actividade: Exercícios em grupo sobre a adição e subtracção horizontal.

Resultado: Dos 19 micro-grupos 5 não completaram os exercícios dados.

Comentários: No dia, leccionámos uma aula onde demos alguns exercícios de modo a consolidar o que aprenderam nas aulas anteriores. A seguir, pedimos que os alunos tirassem as caricas de refresco e pauzinhos para a contagem na resolução de exercícios. Depois explicámos o que os alunos deviam fazer e pedimos um grupo para ajudar a distribuir as folhas com os exercícios para os outros grupos.

Depois de distribuir o trabalho sobre a adição e subtracção fizemos acompanhamento nos grupos e registámos o comportamento dos alunos em relação ao aproveitamento nos grupos. Enquanto fazíamos o acompanhamento, os estudantes passaram algumas operações no quadro. No fim da aula, pedimos alguns grupos para demonstrar para a turma como fizeram.

Esta aula foi muito produtiva porque os alunos estavam envolvidos no trabalho e conseguiram trocar ideias na resolução dos exercícios, mas 5 grupos não completaram os exercícios. Para o passo a seguir, pretendemos dar mais actividades aos grupos que não conseguiram realizar os exercícios e dar continuidade às aulas fazendo controle dos alunos durante os trabalhos em grupo.

Data: 14.09.10

Acção 13: Leccionação sobre a multiplicação por 2.

Objectivo da acção: Assegurar que os alunos interpretem a tabuada de 2.

Actividade: Leccionação da aula sobre a multiplicação por 2.

Resultado: Todos alunos conseguiram trabalhar em grupo na resolução de exercícios.

Comentários: No dia, leccionámos uma aula onde estiveram presentes o professor da turma, os alunos e os estudantes/praticantes. Começámos por pedir dois grupos que fizessem a contagem de 2 em 2. A seguir, explicámos aos alunos como multiplicar por dois sob auxílio da adição através de exemplos conhecidos pelos alunos como o seguinte: 2 bananas + 2 bananas = 4 bananas que é igual a 2 bananas * 2 = 4 bananas.

A seguir, chamámos 2 grupos para realizar o jogo de tabuada, que consistia em tomar os cartões com operações completas dando o resultado certo em pouco tempo. A seguir pedimos que os dois micro-grupos trocassem os cartões para fazer a correcção no quadro.

Nesta aula, a participação dos alunos nos grupos foi melhor visto que o grupo de professores na turma fez um acompanhamento em especial para os alunos com mais dificuldades de realizar trabalho em grupo. Para o passo a seguir, pretendemos continuar S CALIGRAFIA com a leccionação de aulas sobre a multiplicação por 3.

Data: 15.09.10

Acção 14: Leccionação sobre a multiplicação por 3.

Objectivo da acção: Assegurar que os alunos interpretem a tabuada de 3.

Actividade: Leccionação de aula sobre a multiplicação por 3.

Resultado: Na turma todos grupos conseguiram resolver os exercícios de tabuada de 3, mas não acertaram todas contas.

Comentários: No dia, leccionámos a aula sobre a multiplicação por 3, onde estiveram presentes o professor da turma, os alunos e os estudantes da EPF. Para começar a aula orientámos uma canção relacionada com a contagem.

A seguir, explicámos aos alunos como multiplicar por 3 através da adição, como por exemplo 2 laranjas + 2 laranjas + 2 laranjas = 6 laranjas. O mesmo que, em multiplicação, 2 laranjas * 3 = 6 laranjas. Depois da explicação orientámos os alunos na resolução de exercícios onde fizemos acompanhamento e registo do comportamento dos grupos. A seguir, pedimos alguns alunos para mostrarem no quadro explicando como fizeram o exercício.

Esta aula foi bem concebida pelos alunos porque 15 grupos conseguiram realizar os exercícios, assim, pretendemos voltar a dar exercícios de consolidação sobre as tabuadas de 2 e 3.

Veja, na Parte III, as avaliações ligadas ao relatório de Carlota da Graça Magule

Escrita - Caligrafia

A chave do sucesso nas seguintes actividades da Língua Portuguesa: copiar, fazer ditado e fazer redacção, são capacidades de escrever legível e correctamente. Conhecendo as dificuldades nas escolas primárias neste contexto, um grande número de participantes escolheram, dentro das aulas de Português, de trabalhar para capacitar os alunos em caligrafia. Mas o próprio professor deve também saber escrever legivelmente no quadro. Durante a preparação dos projectos na ISET/OWU fizemos cursos de caligrafia.



Escrever letras correctamente exige grande concentração



2ª cl. As crianças superam muitas dificuldades treinando a escrita



Nunca existem cadernos suficientes, treinamento na areia



5ª classe. É necessário continuar a treinar a caligrafia, ainda na 5ª cl.



3ª classe. Ajuda mútua no grupo



ISET/OWU. Os participantes treinam a escrever no quadro

II.2.2. Língua Portuguesa, 2ª classe, Currículo Local

Escola Primária Completa Acordos de Lusaka, Nhamatanda
Autora: Conceição da Glória Sozinho

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1. Tema: Língua Portuguesa, 2ª Classe, turma D, Currículo Local (CL).

1.2. Problema: Fraca implementação dos conteúdos do Currículo Local por parte de alguns professores e membros da comunidade.

1.3. Objectivo geral: Assegurar a implementação dos conteúdos do Currículo Local pela professora com a participação dos membros da comunidade.

1.4. Objectivos Específicos: Despertar interesse nos membros da comunidade local para a participação na transmissão dos conteúdos do Currículo Local;
Identificar membros da comunidade em volta da escola que podem fazer parte na transmissão dos conteúdos do Currículo Local;
Incentivar os professores a ministrar conteúdos do Currículo Local com a participação dos membros da comunidade local.

CAPÍTULO VI: ESPIRAL COM COMENTÁRIOS

Investigação 1

Objectivo: Diagnosticar o modo que os professores implementam os conteúdos do Currículo Local.

Actividade: Conversa com alguns professores e o director pedagógico;

Resultados: Os conteúdos do CL são enquadrados nas planificações quinzenais, mas a sua leccionação, varia de disciplina para disciplina e de ciclo para ciclo.

Comentários: O entendimento sobre Currículo Local não é satisfatório nos professores, por isso, a sua implementação é deficiente. Cada professor faz o que entender, mesmo que pertençam à mesma classe.

Professores que trabalham com o 2º ciclo consideram do Currículo Local somente os conteúdos da disciplina de Ofícios que são ministrados de acordo com o entendimento do professor titular da turma.

Os professores que trabalham com as classes do 1º ciclo de aprendizagem dizem ser difícil integrar os conteúdos do Currículo Local nas classes deste ciclo e não sabem como fazer.

Investigação 2

Objectivos: Analisar a situação da integração dos conteúdos do Currículo Local na 2ª classe.

Actividade: Análise da integração dos conteúdos do Currículo Local na 2ª classe.

Resultados: Recebi informação indicando que os professores da 2ª classe não seleccionam conteúdos do Currículo Local e fazem uma lista de temas que são anexados à dosificação que fica na secção pedagógica.

Apreciei a dosificação e a lista em anexo dos conteúdos do Currículo Local.

Comentários: Para entender a situação da integração dos conteúdos do Currículo Local, conversei com três professores da 2ª classe da Escola Primária Completa Acordos de Lusaka. Os professores disseram-me que as classes do 1º ciclo não integram os conteúdos do Currículo Local nos planos quinzenais e nas lições diárias, por serem turmas numerosas e com alunos de menor idade. Não sabem como enquadrar estes conteúdos na dosificação porque os programas das disciplinas são vastos. Não tiveram capacitação para trabalhar com o Currículo Local.

No meu ponto de vista, a idade das crianças não pode limitar o trabalho dos professores. O programa da 2ª classe apresenta temas ligados ao Currículo Local, cabendo ao professor planificar actividades que envolvam outros intervenientes no processo de ensino e aprendizagem.

Investigação 3

Objectivo: Identificar as metodologias de trabalho usadas pela professora.

Actividade: Assistências de aulas da disciplina de Português.

Resultado: A metodologia utilizada pela professora é tradicional. Os alunos não sabem ler nem escrever. A professora tem dificuldade de uso de métodos activos.

Comentários: Assisti 3 aulas da 2ª classe na Escola Primária Completa Acordos de Lusaka. Dos temas tratados, em nenhum momento fez-se sentir os 20% do tempo reservado ao Currículo Local.

No fim, perguntei a professora se sabia alguma coisa do Currículo Local. A resposta foi que sabia e que algumas vezes falou disso em reuniões dos professores e que já tinham conteúdos do Currículo Local seleccionados, mas pelo facto do programa ser intensivo e o tempo ser limitado para tratar os outros assuntos embora necessários, não chegam a tratá-los.

Disse também que não sabia como fazer para enquadrar esses conteúdos tendo em conta que nunca discutiram esse assunto nos encontros do conselho de professores e somente se lembrava de terem feito um levantamento de alguns temas que podiam ser considerados como temas do Currículo Local.

A explicação da professora fez-me acreditar que os professores entendem que é necessário enquadrar os temas do Currículo Local nas planificações, mas a dificuldade é como fazer.

Acção 1

Objectivo: Discutir ideias sobre a gestão participativa.

Actividade: Encontro com a professora e os membros da comunidade.

Resultado: Foi apresentada a ideia da gestão participativa. A comunidade e a professora aceitam. Fez-se o levantamento de temas que a comunidade gostaria que fossem abordados com a participação dos membros locais e outros temas que os alunos podem aprender na prática.

Comentários: Convidei os pais e encarregados de educação, outros membros da comunidade e a professora para um encontro.

Apresentei o projecto e as ideias de envolver a comunidade na planificação e na execução das actividades.

Expliquei por que era importante ter a gestão participativa. Relacionámos esta necessidade com as ideias do Lucki (2000:27), que afirma que na gestão participativa todos segmentos da escola colaboram de forma activa na planificação e execução do plano, todos desempenham um papel preponderante para o cumprimento dos propósitos formativos.

Achámos que não bastava que os membros da comunidade fossem chamados para ouvir e realizar decisões sobre a escola ou sobre a professora. Era necessário que nos seguimentos das unidades assumissem um papel activo, isto é, participarem na elaboração dos planos, com mesmo peso participarem na execução. Todos concordaram com as ideias.

A professora e os membros da comunidade concordaram com a gestão participativa e acreditaram que muita coisa ligada à realidade da comunidade pode ser aprendida na escola. Todos mostraram disponibilidade em ajudar na educação dos filhos como forma de garantir que os mesmos tenham enquadramento na sociedade.

Acção 2

Objectivo: Enquadrar os temas escolhidos pela comunidade na primeira planificação quinzenal.

Actividade: Enquadramento dos temas do Currículo Local na planificação quinzenal.

Resultado: Dois temas dos propostos pela comunidade foram enquadrados na planificação quinzenal e foram seleccionados temas do programa de ensino, ligados ao Currículo Local para fazê-los corresponder.

Comentários: Trabalhámos com o programa do 1º ciclo e o livro de aluno da 2ª classe, Língua Portuguesa. Fizemos o levantamento da carga horária disponível para a disciplina de português. Distribuámos os conteúdos ligados ao Currículo Local previstos no programa do Ensino Básico para duas semanas, e incluímos um tema proposto pela comunidade.

Planificamos uma aula com o tema “ meio ambiente, conservação e protecção”. A reflexão que faço desta acção é que, por parte dos professores o desejo existe. O que falta é a metodologia de

inclusão dos conteúdos do Currículo Local nas planificações das lições diárias e encontrar mecanismos de abordar o tema de acordo com as regras do Currículo Local. O importante nisso é a criação de espaço para discussão de questões ligadas aos temas já existentes e descobrir possibilidades de envolver membros da comunidade e outras individualidades quando necessário.

Acção 3

Objectivo: Identificar as doenças mais frequentes na Localidade de Lamego.

Actividade: Aula no Posto de Saúde de Lamego.

Resultado: Aula dada sobre o tema doenças mais frequentes da localidade de Lamego. Os alunos a terem informações sobre as doenças mais frequentes da localidade de Lamego (malária e diarreia), métodos de prevenção e combate.

Comentários: Coordenei com o enfermeiro para levar os alunos da 2ª classe ao hospital de modo a terem informações das doenças mais frequentes na localidade, métodos de prevenção e combate. Por exemplo, este tema já vem previsto no programa de ensino da segunda classe e não era tratado.

Coordenámos tempo para uma actividade idêntica de modo a não prejudicar o trabalho do enfermeiro. Levámos os alunos ao hospital, escutaram as explicações do enfermeiro, viram alguns doentes cuja maioria padecia de malária.

Fizeram muitas perguntas tais como: O que podem fazer para não apanhar malária? Por que essa doença mata muito? Como se chama o remédio que se toma quando alguém tem malária? Curandeiro, trata doente de malária? E outras questões que na sua maioria foram feitas e esclarecidas na língua Cisena.

As questões levantadas pelas crianças fizeram-me entender que algo de importante ficou “gravado”.

A outra situação que mais me impressionou nessa aula foi a língua que o enfermeiro usou para se comunicar com as crianças e a reacção das crianças em relação ao uso da língua local para a comunicação durante a aula. Para crianças é sempre bom quando experimentam outras formas de aprendizagem, quando deixam as quatro paredes da tradicional sala de aulas.

Investigação 4

Objectivo: Identificar membros da comunidade que possam falar das regras de convivência na comunidade.

Actividade: Conversa com os membros da polícia e o Presidente da Localidade.

Resultado: Foi identificado um membro da comunidade para falar da regra de convivência naquela localidade (o presidente da localidade).

Comentários: Apresentei o projecto ao Presidente da localidade e disse-lhe que um dos temas previstos no programa de ensino do 1º ciclo é a “regra de convivência na comunidade”.

Expliquei também que ele era uma pessoa ideal para abordar este assunto com os alunos.

Agradeceu a iniciativa e coragem que tivemos, e explicou que o desejo por parte das autoridades locais em puderem transmitir um pouco de tudo que sabem em relação às boas maneiras de convivência na comunidade sempre existiu, mas nunca existiu espaço na escola para fazê-lo. Concordou em ajudar-nos sempre que possível.

Os programas de ensino apresentam proposta de temas ligados ao dia-a-dia, para os quais podemos convidar as autoridades locais para nos transmitir. Que falta é seleccionar do programa ou mesmo investigar nas comunidades os bons temas a ser tratados na escola.

Acção 4

Objectivo: Conhecer as regras de convivência da comunidade.

Actividade: Exposição de várias situações que criam instabilidade nas comunidades.

Resultado: O presidente da localidade fez uma exposição de vários panfletos que mostram diferentes situações que acontecem em nossas comunidades e que criam intranquilidade. Os alunos aprenderam que faz parte das regras de convivência respeitar o próximo e os “mais velhos”, entre outros aspectos dentro da comunidade.

Comentários: A professora apresentou a turma ao membro da comunidade. O presidente usou a exposição para contar uma história duma criança que não escutava os conselhos dos “mais velhos”.

Eu acho que há maior atenção em crianças quando se trata de um tema que não é a professora que orienta, elas ficam mais curiosas.

O presidente usou uma metodologia que, em minha opinião, é especial de tratar os conteúdos como uma história.

Investigação 5

Objectivos: Identificar membros da comunidade que praticam a olaria, dança e contadores de histórias.

Actividade: Contacto com fazedora de panelas de barro e vasos, grupos de dança e contadores de histórias.

Resultados: Foram identificados os fazedores de panelas de barro, contadores de história e grupos de danças tradicionais de adultos e de crianças da comunidade.

Comentários: Contactámos o secretário do bairro e explicámos que gostaríamos de ensinar as crianças da Escola Primária Completa Acordos de Lusaka, 2ª classe, a fazer objectos a partir do barro, a contar histórias locais e treinar algumas danças tradicionais e locais.

Na companhia do secretário fomos ao encontro dos grupos de danças tradicionais, fazedores de panelas e vasos de barro e contadores de histórias locais.

Apresentámos o projecto de Investigação-Acção e o seu objectivo. Do grupo de dança tivemos os seguintes comentários: “gostamos do projecto porque é uma oportunidade que temos de passar a nossa sabedoria aos mais novos; o que podemos pedir é que venham nos dias de ensaios”.

Acção 5

Objectivos: Aprender a fazer panelas de barro.

Actividades: Encontro com uma “mãe comunitária” fazedora de panelas de barro.

Resultados: Os alunos aprenderam a fazer panelas de barro. Sabem que para além de panelas de barro podem fazer vasos, bilhas e outros objectos, usando o mesmo processo.

Comentários: Os alunos saíram da escola para encontrar uma mãe da comunidade fazedora de panelas de barro.

Os alunos assistiram a senhora fazendo uma panela, em seguida, eles próprios organizados em micro-grupo de quatro membros, trabalharam com o barro produzindo panelas e vasos, sob orientação da senhora da comunidade.

Os alunos tiveram oportunidade de usar o barro para uma aprendizagem que lhes conferiu habilidades úteis para o resto de sua vida.

A mãe explicou, que para além das panelas eles podem fazer outras coisas como bilha, vasos, bonecas e casa.

Acção 6

Objectivos: Assegurar que se mantenha um nível aceitável dos planos de lição e dos métodos activos.

Actividades: Planificação das aulas

Resultado: Quatro (4) aulas planificadas.

Comentários: Planificámos 4 aulas, duas das quais estão ligadas ao Currículo Local e outras duas à leitura e escrita.

As aulas de leitura e escrita surgiram a partir do momento que identificámos um tema ligado ao Currículo Local, cujo exercício era de ler um texto e escrever algumas palavras extraídas dele.

Eu acho que não é possível fazer um trabalho de Investigação-Acção sem ter desvios, embora que fossem desvios necessários. O meu desvio foi motivado pelo facto de os problemas do processo de ensino e aprendizagem estarem interligados e para minimizar um, algumas vezes torna-se necessário que se saia um pouco da linha da pesquisa.

Duma maneira geral esse exercício é muito importante porque faz com que o pesquisador não se limite num único problema mas que tenha uma visão abrangente em relação às actividades que se devem fazer para ultrapassar alguns problemas pontuais. Sem este tipo de esforço, muitas das vezes os resultados ficam comprometidos.

Acção 7

Objectivos: Aplicar as expressões de compra e venda.

Actividades: Vender e comprar produtos.

Resultado: Os alunos usam as expressões de compra, venda e convidam os clientes a comprar. Aprenderam a dizer: Quanto custa um molho de tomate, cebola, couve e outros. Um molho custa 10 meticais. Pode comprar esse produto, saiu hoje da machamba.

Comentários: Coordenamos com quatro vendedeiras de produtos diversos e concordaram que iríamos levar os alunos para terem a prática de vender e comprar os produtos.

Fomos ao mercado com os alunos e em grupos de quatro ficaram numa barraca a venderem e os outros grupos de quatro alunos passavam pelas barracas para comprarem os produtos que estavam a ser vendidos.

Foi um processo rotativo para todos alunos, experimentaram vender e comprar produtos.

As senhoras vendedeiras explicavam como “aliciar” um cliente para comprar um certo produto.

Essa experiência veio a confirmar que existem várias maneiras de transmitir os conhecimentos e que as lições não são transmitidas somente na sala de aula, dependendo da criatividade do professor. Há várias situações da vida diária que podem ser transmitidas em harmonia com o programa de ensino.

Acção 8

Objectivo: Utilizar outras metodologias de leitura e escrita através do método “DmM” (trabalho de grupo, uma imagem com instrução para interpretá-la).

Actividade: Planificação da aula com o tema 7 de Abril.

Resultado: A professora experimentou: o uso do método DmM nas aulas de leitura e escrita. Através deste método, os alunos escreveram frases simples a partir da observação de imagens. Os alunos interpretaram as fotos e responderam às perguntas da instrução que a professora orientou.

Comentários: Planificamos a aula com o tema: 7 de Abril. Para sua leccionação contámos com ajuda de duas senhoras do bairro.

Uma das convidadas explicou usando várias fotos que representavam as actividades do dia 7 de Abril - a razão de se comemorar o dia. Entregámos algumas fotos extraídas das actividades apresentadas no dia 7 de Abril.

Cada grupo foi orientado a descrever oralmente o que viu nas imagens e a responderem às perguntas relacionadas com as fotos. Assim o fizeram - coláram as respostas num cartaz.

A aula foi muito interessante e despertou muita atenção nas crianças por tratar-se de figuras públicas.

Acção 9

Objectivos: Limpar alguns locais públicos como hospital, mercado local e escola.

Actividades: Varrer a rua do mercado até a escola onde decorreu a I-A.

Resultado: Os alunos já sabem que devem manter limpos os locais públicos, como apanhar papéis no hospital e na escola, varrer no hospital.

Comentários: Um dia antes da aula, a professora explicou aos alunos que na próxima aula iriam fazer limpeza e o trabalho de casa era de levar a vassoura à escola.

No dia seguinte, a professora explicou a necessidade de os alunos fazerem limpeza, começando por falar de algumas doenças mais frequentes na comunidade e que podem ser evitadas com limpeza.

Em seguida perguntou aos alunos sobre onde imaginavam estar sujo e que gostariam de limpar. Os alunos escolheram varrer a rua que dá acesso ao mercado até à escola.

Acção 10

Objectivos: Escutar as lendas e histórias da localidade.

Actividades: Ouvir algumas lendas da comunidade local.

Resultados: A aula não foi dada e não tivemos explicação do motivo que fez com que o historiador não aparecesse à escola.

Comentários: Infelizmente, esta actividade não foi realizada porque o convidado não apareceu. Penso que num trabalho tem bons e maus momentos, e este foi um dos maus momentos que tivemos. Tivemos uma fraqueza porque não seguimos o membro da comunidade para ouvir o que teria lhe impedido de vir à escola.

Página com Imagens: Como aprender a ler

Como aprender a ler?

Eis algumas actividades na disciplina da Língua Portuguesa no processo de aprendizagem da leitura!

Em muitos dos projectos, o grupo de acção aplica métodos que asseguram que todos os alunos ao mesmo tempo sejam activos na aprendizagem.

Na maioria dos projectos produz-se material didáctico concreto.



Ainda na 5ª classe há dificuldades de leitura; ajuda utilizar material didáctico concreto



“O que está na imagem?” Diga em língua materna e em Português



1ª classe. Sopa de letras. Podes encontrar “e” ?



1ª classe. Cooperação na aprendizagem das vogais



3ª classe. Não existe número suficiente de livros – uma solução!



1ª classe. Ter as letras na mão ajuda a aprendizagem

II.2.3. Língua portuguesa, 4ª classe, Leitura

Escola Primária 22 de Novembro
Província de Kunene, Angola
Autor: Cardoso Manuel

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1. Tema: Língua Portuguesa, 4ª Classe, Leitura.

1.2. Problema:

Como desenvolver habilidades de leitura nos alunos da 4ª Classe.

1.3. Objectivo Geral:

Desenvolver habilidades de leitura nos alunos da 4ª classe, turma B.

1.4. Objectivos específicos

Leccionar aulas de leitura utilizando métodos activos como trabalho de grupo, investigação, debates, visitas, jogos lúdicos.

Aplicar adequadamente o método analítico-sintético no ensino da leitura.

Encontrar soluções e planificar novas acções junto com a turma.

Transformar a sala de aula num laboratório de estudos.

Criar gosto nos alunos através de leitura de pequenos textos.

CAPÍTULO VI: ESPIRAL COM COMENTÁRIOS

Data: 18. 03. 2011 e 11.04.2011

Investigação: 01

Objectivo: Assistir aula do professor da turma, 4ª classe.

Actividade: Assistência da aula do professor da turma "B", 4ª classe.

Resultado: Aula assistida

Comentários: Nesta aula participaram 25 alunos, o professor da turma, 2 praticantes da EPF e eu. Foi uma aula de leitura, Língua Portuguesa. Durante a aula constatei os seguintes aspectos:

Boa motivação, professor e alunos inspirados a cantar; falta de domínio da língua portuguesa por parte do professor (mau pronunciamento de palavras, péssima caligrafia, falta de dinamismo, uso do quadro inadequado); alunos não participativos e tímidos na aula e comunicavam-se mais na língua local "Kwanhama" que em português; a má condição do quadro dificultava a boa visualização das letras para os alunos; também ao longo da leitura o professor não pediu voluntários para uma leitura individual. No final da aula formamos micro-grupos de estudos de 4 até 5 alunos e receberam nomes locais tais como:

Grupo1: Rei Chetekela;

Grupo2: Rei Mandume;

Grupo3: Rainha Nzinga;

Grupo4: Agostinho Neto

Grupo5: Nzinga nkuvo

Sobre a aula faço uma avaliação positiva, porque foi possível ter uma visão sobre a situação interna e externa da turma assim como formação de micro- grupos, o que é bom para as próximas actividades. Na próxima actividade vamos fazer o teste diagnóstico com os alunos da 4ª classe.

Data: 16.04.2011

Investigação: 02

Objectivo: Avaliar o nível de conhecimento dos alunos através de um teste diagnóstico.

Actividade: Realização de um teste diagnóstico.

Resultado: Os alunos foram avaliados.

Comentários: Foram submetidos ao teste todos os 25 alunos da turma, mas antes, entoamos uma canção cujo título é “a minha boneca de lata”. Em seguida o professor fez uma leitura modelo do texto da pág.8 “A comunidade”. Depois os micro-grupos foram orientados a lerem e mais tarde a leitura individual como era o nosso principal objectivo. Desta feita, tivemos no final do teste os dados conforme se apresenta no quadro abaixo:

6.1.Tabela 1. Estatística do teste diagnóstico realizado aos alunos da 4ª classe

Nº	Critério de classificação dos alunos	Nº alunos	Classificação	%
01	Não conseguiram ler nenhuma frase	12	Medíocre	48%
02	Leram mas soletrando e com muita ajuda	5	Suficiente	20%
03	Leitura sem soletrar e com pouca ajuda	6	Bom	24%
04	Leram muito bem, não precisaram de ajuda	2	Muito Bom	8%
05	Total	25		100%

Todos alunos tiveram a oportunidade de ler tanto colectiva, como individualmente e verificou-se o nível da leitura por cada aluno. Pedíamos que cada um fosse ao quadro ler o texto da mesma página.

Quanto a isso, o grupo de trabalho comentou que o teste diagnóstico trouxe em nós a realidade da turma, deu-nos os dados sobre o nível de leitura na turma. Também comentámos que a avaliação foi boa, a partir da qual conhecemos o nível da leitura da turma e em particular de cada aluno. Comentámos ainda que há um desafio maior, devemos trabalhar formando trio (Professor – Aluno - Pais). Ficamos também preocupados com 12 alunos que se apresentaram na categoria de Medíocre.

Data: 25.04.2011

Acção: 04

Objectivo: Fazer o estudo de vogais e sons para desenvolver a compreensão dos textos.

Actividade: Estudo de vogais e sons.

Resultado: Estudo feito.

Comentários: Nesta aula participaram 22 alunos e o grupo de investigadores colectivo. A aula era sobre “vogais e sons”. Fez-se o uso do cartaz, onde cada aluno ia ao quadro ler em voz audível. Este exercício foi bom, porque foi possível identificar o nível de conhecimento em relação às vogais e sons, como a base para a aprendizagem da leitura. Nesta aula o grupo comentou que grande parte de alunos na sala não conheciam bem as vogais e seus respectivos sons, apresentaram dificuldades que podem ser sanadas com a utilização de diferentes estratégias ao longo do processo de ensino. Entendemos também que ler e escrever é um processo, e o grupo acreditou que os alunos vão melhorando ao longo do tempo.

No final da aula o grupo fez uma avaliação positiva, porque os alunos estavam atentos, interessados em aprender, assim como puderam colocar dúvidas. A nossa próxima actividade será de continuar o treino da leitura na pág.20 “O dia da mãe”.

Data: 16.05.2011

Acção: 05

Objectivo: Treinar os alunos para leitura dos textos.

Actividade: Leitura do texto pág.20 “O dia da mãe”.

Resultado: Alunos habilitados para leitura.

Comentários: Nesta aula participaram 23 alunos e o grupo de investigadores colectivo. Primeiro tivemos uma "dinâmica " como motivação e em seguida o professor da turma fez uma leitura modelo, depois seguiram-se os micros e, por fim, pedimos que um aluno de cada vez lesse o

mesmo texto “O dia da mãe” individualmente. No final da leitura, o grupo de investigadores colectivo comentou que a metodologia utilizada teve um bom impacto, porque incentivou maior participação dos alunos, e notámos também que os alunos gostaram muito de estudar, tanto em grupos como individualmente. Houve uma evolução de 5 alunos que conseguiram soletrar, uma atitude que nunca manifestaram nas aulas anteriores. Por isso, vamos continuar a privilegiar ensaios da leitura usando o quadro silábico.

Data: 23.05.2011

Acção: 06

Objectivo: Treinar a leitura através do quadro silábico.

Actividade: Manipulação de letras através do quadro silábico.

Resultado: Os alunos foram treinados a manipular letras e a usar adequadamente o quadro silábico para aprendizagem da leitura.

Comentários: Nesta aula participaram 25 alunos e o grupo de investigadores colectivo. Para esta aula tínhamos como tema “Formação de palavras”, manipulação de letras “a partir do quadro silábico”. Nesta acção os alunos organizados em micro-grupos manipularam letras e, mais tarde, manipularam individualmente. Durante a acção notámos que os alunos estavam muito participativos em relação à aula anterior, porque a manipulação parecia-lhes como um “jogo”. Para o grupo, o comentário foi que a metodologia utilizada por nós teve bons resultados. Visto que ofereceu maior interacção e colaboração entre os alunos na aula, bem como incentivou interesse em cada um deles.

No final da aula, o grupo avaliou a aula de positiva, porque 20 alunos foram capazes de manipular as letras sem dificuldade. Nós, membros do grupo de investigadores, procurámos ouvir as sensibilidades dos alunos sobre a aula do dia, assim eles disseram, que gostaram muito e pediram que a mesma actividade fosse feita na próxima aula.

Feito o treino, a próxima actividade será de fazer leitura da pág. 21 “O dia do pai”.

Data: 30.05.2011

Acção: 07

Objectivo: Treinar a leitura da pág.21 “O dia do pai”.

Actividade: Organização dos alunos em micro-grupos para de forma individual realizarem a leitura do cartaz.

Resultado: Aula de treino dada.

Comentários: Na aula participaram 15 alunos e o colectivo de investigadores. Mantivemos os alunos em micro-grupos. Nos micro-grupos começaram com a leitura individual do cartaz. Nesta aula, houve aprendizagem, os alunos liam o cartaz e pediam ajuda quanto necessário. Portanto, o balanço que fazemos na aula é positivo, porque os alunos conseguiram a ler o texto embora alguns com dificuldades e registamos 2 alunos com uma participação muito activa e que conseguiram ler tão bem. Os mesmos ainda foram capazes de ajudar outros colegas em muitas ocasiões, o que foi bom para nós.

Feito isto, pensamos que a próxima actividade devia ser de balanço com o colectivo de investigadores sobre as actividades já realizadas no projecto.

Data: 08.06.2011

Investigação: 03

Objectivo: Fazer balanço sobre actividades já realizadas no projecto.

Actividade: Junto com outros membros do colectivo de investigadores, avaliar as actividades do projecto.

Resultado: Balanço feito.

Comentários: Neste balanço o grupo de investigadores colectivo reflectiu sobre as actividades já realizadas no projecto, seu impacto e o nível actual dos alunos na leitura. Para nossa orientação formulamos as seguintes perguntas:

1. Qual é o impacto das actividades realizadas em relação aos nossos objectivos até agora?
2. Quais são os aspectos que o colectivo de investigadores deve melhorar?
3. Que apoio o grupo precisa para continuar suas actividades? E que tipo de material didáctico o grupo precisa produzir e como produzir?
4. Que tipo de tarefas podemos dar aos alunos durante as férias para realizarem em casa?

No final do balanço o grupo comentou que os alunos estão a evoluir pouco a pouco. Houve uma evolução na aprendizagem dos alunos até agora. Alguns deles não conheciam as vogais e sons no princípio, mas agora são capazes de diferenciar. Comentámos também que existe ainda alunos que precisam de maior ajuda e, por fim, concordámos que durante as férias do 2º Trimestre, os alunos levarão uma cópia do texto da pág.25 “Eu tenho um sonho”, para continuar com o ensaio da leitura.

Data: 15.06.2011

Acção: 08

Objectivo: Treinar a leitura e a escrita.

Actividade: Leitura e escrita de frases no chão, de letras a partir da cartilha.

Resultado: Treino feito.

Comentários: Nesta aula de leitura e escrita estiveram presente 24 alunos e o colectivo de investigadores. Na execução da actividade, espalharam-se as letras em cartilhas no chão e pedimos um micro, de cada vez, para entrar no espaço delimitado denominado “quadro – chão” para escolher letras e escreverem a palavra ou frases que quisessem. Assim aconteceu. Neste exercício notou-se que os micros conseguiram formar frases e leram. Também estavam bem interessados e cooperavam entre eles, enquanto um escolhia a letra outros escreviam. Entendemos ainda que foi um bom exercício não só pela aprendizagem mútua que houve, mas também a união, partilha de ideia e um trabalho em grupo de verdade.

Contudo, a avaliação que fizemos no final é positiva, visto que todos os 5 micros da turma tiveram oportunidade de formar palavras e em conjunto conseguiram ler. Para comprovar a dinâmica do exercício, pensamos que em continuar com o mesmo exercício na próxima aula, visando levar um aluno de cada vez ao “quadro – chão” para formar e ler a sua palavra.

Data: 22.06.2011

Acção: 09

Objectivo: Continuar com o exercício da leitura e escrita de palavras no “quadro – chão”.

Actividade: Continuação da leitura e escrita de palavras a partir do “quadro – chão”.

Resultado: Exercício feito.

Comentários: Nesta aula de formação de palavras a partir do “quadro – chão” estiveram presentes 25 alunos, o professor da turma e eu. O objectivo da aula era de continuar com o exercício anterior de leitura e escrita a partir do “quadro – chão”, afim de avaliar nos alunos o nível de leitura individualmente.

Na aula conseguiu-se realizar o exercício e foi bom. Todos 25 alunos da turma tiveram oportunidade de formar e ler palavras a sua escolha, onde notámos que 3 alunos tinham dificuldades de formar palavras. A avaliação que o grupo fez é positiva, embora com uma baixa de 3 alunos, mas os 22 alunos que conseguiram formar palavras, leram sem problema. Para nós isso representou uma satisfação.

Data: 29.06.2011

Investigação: 04

Objectivo: Visitar casas de alunos afim de conhecer a sua realidade fora da sala e do ambiente escolar.

Actividade: Visita à casas de alunos afim de termos uma visão sobre a vida na família.

Resultado: Visita feita.

Comentários: Realizaram a visita eu e 2 alunos da turma. A visita tinha como objectivo conhecer a realidade dos alunos fora da sala de aula e do ambiente escolar. Neste contacto, encontrei-me

apenas com um encarregado de educação. Primeiro tive auto-apresentação e em seguida falei do objectivo da minha visita, focalizando na importância dos pais colaborarem na aprendizagem dos filhos. Por sua vez o encarregado disse estar feliz em ver o professor do seu filho visitar a sua casa.

Contudo, a avaliação que fiz dessa visita é positiva, porque consegui visitar 5 casas, embora só ter falado apenas com um encarregado de educação, mas com ele obtive dados importantes sobre o aluno e que serviu de inspiração para outras próximas visitas. Por outro lado, a partir da conversa com este encarregado de educação, senti ainda haver limitações na visita em relação ao que esperava, porque não comuniquei directamente com ele por não falar a língua portuguesa, precisando de um intermédio que foi um dos alunos.

Agora voltámos à sala para continuar com o treino da pág.28 “Caminho do mato.”

Data: 06.07.2011

Acção: 10

Objectivo: Treinar os alunos sobre a leitura utilizando o livro do aluno pág.28.

Actividade: Treino da leitura com o livro do aluno pág.28 “Caminho do mato”.

Resultado: Treino feito.

Comentários: Nesta aula participaram 18 alunos, o professor da turma e eu. Organizámos os micro-grupos e uma das primeiras actividades foi cantar, cujo título da canção é “vamos cantar começa devagar”, e levámos a cabo a leitura da pág.28 sobre “Caminho do mato” a nível dos micro-grupos e depois individualmente, fazendo no cartaz, o que foi bom, porque os alunos conseguiram ler o texto em grande escala no micro grupo. Já na leitura individual, tivemos um registo de 15 alunos que conseguiram ler devidamente o texto e 3 apresentaram dificuldades. Portanto, o balanço do grupo no fim é positivo, visto que em 18 alunos apenas 3 tiveram dificuldade de ler o texto, o que já é bom.

Assim marcámos para a próxima actividade, a parceria com escolas primárias, com as populações da cidade de Ondjiva/Província do Kunene/ Angola.

Data: 09.07.2011

Acção: 11

Objectivo: Fazer parceria com as populações da cidade de Ondjiva.

Actividade: Angariação de fundos para apoio às Escolas Primárias junto da EPF-Cunene.

Resultado: Parceria feita.

Comentários: Na acção participaram 75 estudantes da EPF - Kunene, 2 alunos da Escola Primária, o professor da turma e eu. Com esta acção pretendíamos angariar fundos junto das populações em apoio às Escolas Primárias circunvizinhas da EPF - Cunene/Angola. Numa boa organização pedimos a Direcção da EPF - Cunene afim de passar-nos credenciais já que a escola primária não tem carimbo, e assim aconteceu.

Saímos pela rua, mercados e dividimo-nos em grupos com uma credencial para cada e fomos contactando pessoas pedindo 100 kwanzas a cada, explicando o objectivo e o destino do valor. Também ligámos a parceria com uma actividade de sensibilização das pessoas sobre HIV/SIDA, onde distribuimos uma camisinha a cada em caixas no total de 1500 camisinhas. Tivemos no final da parceria êxitos e recebemos das populações cerca de 26.750 kwanzas e 50 rands correspondente a 355.USD.

Fizemos uma avaliação positiva no final da acção com todos os elementos envolvidos na parceria, e o grupo de parceria comentou que os objectivos foram atingidos e o valor deveria ser guardado temporariamente no cofre da EPF para maior segurança. Com este valor de parceria penso que estamos em condições de continuarmos a realizar aulas activas com menos dificuldades.

Feito isto, a próxima actividade será de treino da leitura, pág.70 “A carta da natureza”.

Data: 25.07.2011

Acção: 12

Objectivo: Treinar a leitura a partir do livro do aluno pág.70.

Actividade: Treino da leitura no livro do aluno, pág.70 "A carta da natureza".

Resultado: Treino feito

Comentários: Participaram nesta aula 25 alunos e eu. Primeiro fiz leitura modelo e depois orientei os micro-grupos a lerem o cartaz, em seguida pedi aos alunos passarem em frente para ler o pequeno texto no cartaz. Formou-se, antes de tudo, algumas perguntas orais tais como: Quem já ouviu falar sobre a natureza? O que é a natureza para vocês? Como devemos tratar a nossa mãe natureza?

Estas perguntas foram feitas com intuito de levar os alunos a entenderem melhor o texto do dia. Feito isto, voltámos com o treino da leitura a nível dos micro-grupos e pedi aos grupos que interpretassem o que liam. O mesmo aconteceu, 1 aluno evoluiu bastante, teve a coragem de ser primeiro a levantar como voluntário e conseguiu ler embora com muita ajuda do professor. Contudo, a avaliação que faço é positiva, porque foram activos e interpretaram o texto que liam. Com este resultado, sentimo-nos encorajados a continuar com actividade de treino da leitura.

Data: 17.08.2011

Acção: 13

Objectivo: Treinar a leitura utilizando diferentes estratégias.

Actividade: Treino da leitura através do jogo de "tesouro".

Resultado: Realizado o jogo "tesouro".

Comentários: Na actividade participaram 25 alunos, o professor da turma e eu. O jogo tinha como objectivo treinar a leitura utilizando diferentes maneiras, como "jogo de descoberta do Tesouro", e estruturou-se um guião de orientação do jogo tal como:

1ª Posição: Abre o envelope e siga a orientação;

2ª Posição: Encontra-me na porta do gabinete da Directora;

3ª Posição: Vai junto do fontenário leia o envelope e siga a orientação;

4ª Posição: Obrigado por chegar aqui, mas vai ao professor Cardoso e pede o envelope;

5ª Posição: Aqui está o envelope abrem e tirem o vosso tesouro.

Foi um jogo que decorreu ao nível dos micro-grupos com diferentes dizeres, onde os alunos em grupo estavam engajados na procura do tesouro. Por outro lado, o jogo foi escolhido na perspectiva de desenvolver habilidades e atitudes como: habilidade de leitura, compreensão e expressão oral, espírito de equipa, camaradagem, solidariedade, dinamismo, criatividade, coragem e tantas outras. No final do jogo vimos que os grupos conseguiram encontrar o tesouro como fruto da cooperação, leitura e interpretação, união e, sobretudo, desempenho.

A avaliação que fizemos no final do jogo é positiva, porque conseguimos almejar os objectivos preconizados. Os alunos responderam a exigência do jogo, leram e interpretaram os textos. Transformaram desta feita a teoria numa prática dinâmica e competitiva, e classificámos os grupos mediante a ordem de chegada, onde o primeiro teve um prémio de 3 pacotes de bolachas, o 2º grupo 2 pacotes e o último grupo que é o 3º um pacote de bolacha. Feito isto, decidimos continuar a trabalhar na investigação-acção.

Data: 24.08.2011

Acção: 14

Objectivo: Fazer letreiro (escrita) em cinco escolas primárias influentes da EPF.

Actividade: Nomenclatura de cinco escolas primárias do Município de kwanhama.

Resultado: Escrita feita.

Comentários: Nesta actividade participaram 7 estudantes da EPF, a Directora da Escola Primária 22 de Novembro e eu. Na nomenclatura, primeiro mandámos cartas de pedido de autorização às escolas primárias. Depois do deferimento, o passo a seguir foi planificar junto com as escolas sobre o material que deveria ser comprado, informando-lhes que havia dinheiro numa parceria feita com as populações. Posto isto, decidimos comprar tintas de água e de óleo, pincéis e luvas.

Depois deste material, o outro passo foi pintar as escolas, onde dividimos o macro grupo em (3) micro-grupos para assegurar que as cinco Escolas Primárias sejam devidamente escritas e identificadas pelos seus próprios nomes. No entanto, a avaliação que o grupo fez no final foi positiva, porque alcançámos os objectivos, as cinco escolas planificadas foram escritas com o seu timbre, o que deixou as Direcções e alunos das escolas assim como nós contentes e orgulhosos.

Data: 16.09.2011

Acção: 15

Objectivo: Apresentar o relatório de I-A ao grupo de supervisão em Luanda.

Actividade: Apresentação do relatório de I-A ao grupo de supervisão em Luanda.

Resultado: Relatório apresentado.

Comentários: Trata-se de uma apresentação dos resultados alcançados até a data presente, junto do grupo de supervisão. No encontro estava o grupo de supervisão composto pela Senhora Else, a Professora Noélia e os meus colegas do ISET. Primeiro tivemos um encontro de boas vindas e em seguida apresentei os êxitos alcançados e as dificuldades que o projecto passava, mostrando em espiral o reflexo da turma. Os supervisores observaram e fizeram várias correcções do projecto e trabalhamos ainda juntos durante uma semana.

No entanto, a avaliação que faço nesta supervisão é positiva, porque foi possível colocar todas as dúvidas e tomar apontamentos junto dos supervisores em relação à modalidade que deveria seguir para boa continuação do projecto. Uma outra experiência foi do Workshop em que participei que contou com três instituições superiores peritos em matérias de investigação, nomeadamente ISCED, UCM e ISET/OWU. Tive a oportunidade de compreender sobre o que é a investigação em outras instituições e compará-la sobre como nós fizemos.

Feito isso, vamos voltar à EPF e na escola primária continuar com o projecto de I-A.

Data: 21.10.2011

Acção: 16

Objectivo: Compreender os tempos verbais.

Actividade: Estudar os tempos verbais.

Resultado: Aula dada.

Comentários: Nesta aula participaram alunos, um praticante da EPF e eu. Com esta aula pretendíamos que no final os alunos fossem capazes de caracterizar os tempos verbais. Ao ensinar sobre os tempos verbais primeiro partimos numa canção com título "Hoje é dia lindo, sinto-me contente", em seguida fizemos algumas perguntas orais tais como: Que dia foi ontem? Que dia é hoje? E amanhã, que dia será? Como se chama o ano que já passou? O presente e o próximo?

Feitas as perguntas, os alunos responderam satisfatoriamente. E para a condução da própria aula, fizemos a demonstração prática dos tempos verbais através de três cartilhas escritas com anos 2010 – 2011 – 2012 como forma de levar os alunos a compreender o tema em estudo do modo concreto.

No entanto, a nossa avaliação no final foi positiva, porque os alunos leram a cartilha e entenderam muito bem sobre o tema e levantaram ainda outras questões importantes em título de exemplos, e por fim, passaram o conteúdo nos cadernos. E para assegurar o conhecimento, orientamos TPC aos alunos para continuarem a estudar os tempos verbais.

Feito isto, a próxima actividade será realizar o último teste diagnóstico com a turma.

Data: 10.10.2011

Investigação: 05

Objectivo: Realizar o último teste diagnóstico com os alunos.

Actividade: Realização do último teste diagnóstico afim de testar e ver a progressão quantitativa e qualitativa dos alunos na turma em relação ao nível da leitura.

Resultado: Teste realizado.

Comentários: Entre os 25 alunos tivemos como resultados:

6.2.Tabela 2: Estatística do último teste diagnóstico/ 4ª classe

Nº	Critério de classificação de alunos	Nº alunos	Classificação	%
01	São alunos com uma nota de 0 á 4	2	Medíocre	8%
02	Alunos com uma nota de 5 á 6	7	Suficiente	28%
03	Tiveram uma nota que vai de 7 á 8	7	Bom	28%
04	Tiveram uma nota a que vai de 9 á 10	9	Muito Bom	36%
05	Total	25	_____	100%

Para chegarmos a este resultado, submetemos todos alunos ao teste diagnóstico, onde leram o texto da pág.8 “A comunidade”, individualmente. O objectivo desta metodologia era para testar os alunos ao nível da leitura em comparação com o resultado do primeiro teste, se houve melhorias ou não. Por outro lado, na última avaliação voltámos a utilizar a mesma metodologia do primeiro teste em que pedíamos a cada um deles fosse ao quadro ler o cartaz sobre “A comunidade”. No final do teste o grupo comentou que o projecto teve impacto e trouxe melhorias na turma conforme o rendimento no quadro acima apresentado. Comentámos ainda que o rendimento subiu significativamente no que tange o nível da leitura na turma.

Finalmente, vamos fazer a avaliação final ao nível dos autores directos envolvidos no projecto (professor da turma, direcção da escola primária, alunos e por fim a auto-avaliação a partir do investigador).

Higiene e Saúde, Ensino Integrado

Cada ano foram participantes escolherem temas ligados a melhorias na higiene e na saúde da escola. O tema pode ser integrado nas disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências Naturais ou Educação Moral e Cívica e podem ter actividades extra-curriculares como, por exemplo, recolher e administrar o lixo na escola ou construir latrinas. O projecto está centrado numa turma que organiza o resto da escola. O entendimento do objectivo, a importância da higiene para a saúde e o desenvolvimento de regras na escola se realizam nas aulas das disciplinas envolvidas.



5ª classe planifica a mobilização de toda a escola para uma campanha de limpeza e saúde



Um dos cartazes de informação. Também aprendizagem de L.P.



Construção de latrinas. Primeiramente a fundação.



Montagem de paredes na latrina



Produto: Latrinas para os alunos, assim como para os professores



A Escola Limpa!
Campanha de sábado

II.2.4.Saúde e Higiene

Escola Primária 7 de Abril. Manje, Província de Tete

Autor: José Pacanate

CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO TEMA

1.1 Tema: Higiene e Saúde escolar na Escola Primária 7 de Abril de Manje.

1.2 Problema: Como melhorar a Higiene e Saúde na Escola Primária 7 de Abril de Manje?

1.3 Objectivo geral: Promover acções com vista a melhorar a Higiene e Saúde na Escola Primária 7 de Abril de Manje.

1.4 Objectivos específicos:

- 1- Identificar situações relacionadas à higiene e saúde na EP1, 7 de Abril;
- 2- Envolver os professores, alunos e toda a comunidade escolar nas acções práticas;
- 3- Sensibilizar a comunidade sobre a importância da higiene escolar;
- 4- Formar um grupo de activistas escolar que promova acções práticas.

1.5 A relação do problema com o Programa do Ensino Básico

A higiene e saúde escolar, individual e colectiva constitui uma ferramenta muito importante para a formação cívica e moral da personalidade do aluno, não só pelo valor moral e cívico, mas também pela grande pertinência que assume na manutenção do bem-estar do aluno de maneira a que esse participe de forma activa no processo de ensino-aprendizagem bem como em outras actividades.

Tal facto associa-se aos desafios do Ministério de Educação, que se encontram definidos no Programa do Ensino Básico, apresentados e discutidos em forma de temas transversais nas diferentes disciplinas do ensino básico; todavia salienta-se ainda que a higiene e saúde constituem um elemento básico para colocar o aluno fora de perigo de várias doenças de forma a ser um cidadão activo para a busca de soluções na sua própria vida.

Assim, o papel do professor é indispensável para assegurar que o ambiente escolar seja saudável de tal maneira que os alunos compreendam esta necessidade como sendo um hábito para a vida.

CAPÍTULO VI: Espiral com comentários

Data: 01/04/2010

Acção 1

Objectivo: Apresentar o projecto à direcção da EP1, 7 de Abril.

Actividade: Apresentação do projecto à direcção da escola

Resultado: O projecto foi devidamente apresentado e aceite.

Comentários: No encontro apresentei os objectivos do projecto à direcção da escola, composta pelo Director e a respectiva Pedagógica. Após a apresentação e explicação dos objectivos, o Director comentou que o projecto era bem-vindo e deve ser implementado. Em seguida, a Pedagógica procurou saber da turma com a qual gostaria trabalhar e, em resposta à questão colocada, disse que gostaria trabalhar com a 5ª classe, turma A, onde por sinal o professor da turma era o Director da escola. A partir deste debate, está claro que a direcção concordou com a implementação do projecto e achamos haver necessidade de envolver os estudantes da EPF, especialmente com aqueles que fazem práticas naquela turma. Para o envolvimento dos estudantes da EPF decidi apresentar o projecto à Direcção da EPF.

Acção 2

Data: 5/04/2010

Objectivo: Apresentar o projecto à direcção da EPF-Tete.

Actividade: Apresentação do projecto à direcção da EPF-Tete

Resultado: A direcção compreendeu e concordou com a ideia.

Comentários: No encontro iniciou-se com a apresentação das ideias do projecto à direcção da escola composta por três membros, a destacar: director da EPF, o líder do projecto¹ e o administrador da escola, onde após a apresentação, o director da EPF comentou louvando bastante a iniciativa e, chegando a propor para trabalhar junto com os estudantes de forma a implantar-se esta experiência aos futuros professores que é a base da qualidade de ensino primário. Para isso tivemos que apresentar o projecto aos formandos da EPF.

Acção 3

Data: 06/04/2010

Objectivo: Envolver formandos da EPF – Tete no projecto.

Actividade: Apresentação do projecto aos formandos da EPF.

Resultados: 5 formandos manifestaram interesse de fazerem parte do projecto.

Comentários: Depois das apresentações feitas na escola primária e na direcção da EPF, houve a necessidade de apresentar o projecto a todos formandos, num total de 95, e o líder do projecto; depois da apresentação, houve dois formandos que colocaram algumas questões como: que tempo podemos fazer este trabalho, tendo em conta a super ocupação que temos, a leccionação das aulas e actividades extra - curriculares? De seguida, passei a satisfazer as inquietações, explicando que o objectivo era de trabalhar só com uma turma e, essa por sua vez poderia influenciar o outro grupo de alunos; e quanto aos praticantes e professores, estes poderiam obter inspiração das experiências dos colegas, não só, mas também salientou-se que as actividades poderão ser realizadas duas vezes por semana, no tempo das actividades extracurriculares em coordenação com o grupo investigador colectivo. Daí, todos mostraram vontade de fazer o trabalho, visto que segundo os seus comentários eram bastante louváveis, visto que este trabalho constitui uma base para qualquer professor que precisa de ser bem sucedido na sua carreira, acreditando que será uma grande aprendizagem para a sua futura vida profissional e social. Assim, houve o consenso que deveríamos fazer a sondagem do ambiente da escola para identificarmos as actividades emergentes ou áreas que necessitem de uma intervenção imediata.

Investigação 1

Data: 03/05/2010

Objectivo: Observar o nível de higiene e saúde na escola.

Actividade: Observação da qualidade de higiene e saúde na escola.

Resultado: O recinto escolar foi observado e as áreas cruciais foram identificadas.

Comentários: Durante a realização desta actividade andámos em volta da escola e a observação contou com a participação de 5 formandos membros do clube, a Direcção da escola, a professora responsável de higiene e 10 alunos. Identificámos que havia lugares sujos, não existência de latrinas, casas de banho, aterros sanitários entre outros, facto que nos incentiva a termos que iniciar a levar a cabo acções para mudanças dessa realidade que actualmente mancha o bom ambiente de aprendizagem na escola em causa. Na análise do grupo, a actividade foi boa, porque o grupo de investigadores colectivo verificou as áreas emergentes e assim, concluiu por unanimidade em compreender junto dos professores, os factores por de trás da situação, para poderem agir.

Investigação 2

Data: 18/05/2010

Objectivo: Identificar as causas da falta de hábitos de higiene na escola.

Actividade: Teste diagnóstico – entrevista estruturada para os professores e alunos.

Resultados: Foram submetidos a entrevista 6 professores e 15 alunos da turma A.

Comentários: Depois de se ter constatado a existência do problema a partir da observação, houve a necessidade de compreender pelos professores e alunos sobre alguns aspectos inerentes à higiene e saúde na escola, tais como: a importância de uma escola limpa e saudável, o porquê da não aderência aos bons hábitos de higiene e saúde, entre outras (ver anexo no dossier). Assim, do número total de professores e alunos entrevistados, uma parte deles composta por dois professores e 11 alunos mostraram desconhecer a necessidade de se preservar o ambiente escolar limpo para uma boa saúde; a outra parte, por tanto composta por quatro professores e quatro alunos, mostraram compreender a importância da higiene e saúde escolar e acham ser possível influenciar a todos outros na escola a aderirem a estes hábitos, porém, vêm uma resistência por parte dos colegas e principalmente de alguns pais e encarregados de educação, mas que para eles, o que faltou foram iniciativas para mudanças. Para nós, esses comentários motivam-nos bastante a trabalharmos para promovermos mudanças, visto que já existem pessoas dispostas para trabalhar e principalmente que acreditam na mudança, pelo que o próximo passo será de mobilizar e sensibilizar aos professores, alunos, e outros elementos da escola sobre a necessidade de uma escola limpa e saudável.

Acção: 4

Data: 25/05/2010

Objectivo: Sensibilizar a comunidade escolar sobre a necessidade de manter a escola limpa em relação à saúde.

Actividade: Palestra aos professores, alunos e outros elementos da escola.

Resultado: Todos já compreendem claramente a importância da higiene e saúde escolar.

Comentários: A palestra contou com a participação de todos quanto fazem parte do quadro escolar, desde a direcção da escola, professores, alunos, agentes de serviços, auxiliares, entre outros. O objectivo fundamental foi de trazer uma compreensão clara sobre a necessidade de manter o ambiente escolar higiénico e saudável de maneira que o processo de ensino-aprendizagem seja exequível, efectivo e eficiente com qualidade. O encontro foi bastante proveitoso, visto que os participantes manifestaram-se positivamente ao comentarem que se anteriormente não compreendiam a necessidade de uma escola higiénica e saudável, foi porque faltavam encontros similares a estes, onde cada um pudesse expor suas experiências e as partilhasse com os alunos e a comunidade em volta da escola. Contudo, prometeram alguns professores e alunos, não só, como também auxiliares e outros agentes da escola, a fazerem o seu máximo e colaborarem na implementação do projecto, especialmente na execução de acções práticas.

Deste modo, sentimos uma enorme satisfação e decidimos, dentro do colectivo de trabalho, desenhar acções práticas de modo a operar as primeiras mudanças naquela escola.

Acção 5

Data: 30/05/2010

Objectivo: Realizar a limpeza do recinto escolar.

Actividade: Acção comum na escola envolvendo todos membros.

Resultados: Todos trabalharam e gostaram, e a escola ficou completamente limpa.

Comentários: Foi planificada e realizada uma acção comum na escola, envolvendo a todos quanto fazem parte da estrutura escolar, com o intuito principal de limpar todas áreas onde carecia de uma intervenção imediata, visto que havia dentro do recinto partes com sujidade nas paredes, papéis em volta dos edifícios entre outras sujidades que desestabilizavam o bom ambiente escolar. Até ao fim da acção todos esses lugares identificados ficaram limpos e, de seguida, achámos abrir espaço para uma reflexão sobre o nosso trabalho; aqui, muitos bons comentários foram apresentados, na medida em que todos estavam satisfeitos com os resultados

da acção. Alguns participantes chegaram a propor que tais jornadas de trabalho se realizassem duas a três vezes por semana. Quanto a nós, o grupo colectivo de trabalho, achámos estar a caminhar num bom ritmo e o passo agora é de planificar envolver os encarregados de educação de modo a influenciarem seus educandos.

Acção 6

Data: 07/06/2010

Objectivo: Sensibilizar os pais/encarregados de educação no contexto de higiene e saúde.

Actividade: Visita aos pais e encarregados de educação no âmbito de higiene dos seus educandos.

Resultados: Foram visitados e sensibilizados seis pais/encarregados de educação.

Comentários: Inicialmente fomos visitar e sensibilizar seis pais/encarregados de educação no bairro 2 na localidade de Manje, na qual fazia parte todo o grupo colectivo de investigadores e a professora responsável de higiene e saúde da escola, tendo-se distribuído, em grupo, dois membros acompanhados por alguns alunos; foi nesta ocasião que falamos aos pais e encarregados de educação sobre a importância de prestarem acompanhamento a higiene dos seus educandos, a construção de casas de banho, latrinas e abertura de aterros sanitários nas suas casas, para posteriormente transportar essas experiências à escola.

Depois da realização desta visita, concluímos que dos seis pais/encarregados visitados todos manifestaram o seu comprometimento em falar com seus filhos, bem como realizar acções práticas desde casa, de forma que as crianças desenvolvam esse espírito para colaborarem de forma positiva na consolidação da boa imagem da escola. Mesmo assim que alguns encarregados de educação tenham mostrado essa vontade de participar na reputação da imagem higiénica e salutar da escola, achámos que seria importante organizar e realizar outras jornadas de publicação das nossas acções, como forma de alastrar as informações aos que não puderam ser visitados, pelo que a produção de banda desenhada seria ideal, daí que será o nosso próximo passo.

Acção 7

Data: 28/06/2010

Objectivo: Produzir banda desenhada.

Actividade: Produção de bandas desenhadas.

Resultado: Foram produzidas 37 bandas desenhadas.

Comentários: Em conjunto com o professor da turma produzimos a partir de um tema dado várias bandas desenhadas, onde fizeram parte 40 alunos e o grupo investigador colectivo, tendo-se inspirado do livro do aluno de Língua Portuguesa, na pág. 52, que tem como tema A saúde e higiene individual, onde os alunos em micro grupo com a orientação de um dos membros do grupo investigador colectivo, seguindo os passos para a produção de uma banda desenhada, produziram um texto do género tratando da vida quotidiana em termos de higiene individual das crianças de Manje. Finalmente, o grupo colectivo investigador e os alunos da turma concluíram que o trabalho foi muito bom e despertador para muitos que participaram no evento. O grupo colectivo de investigadores, portanto, pensando que se pode controlar o estado higiénico escolar regularmente, também analisou haver necessidade de construir casas de banho ou sanitas bem como recomendar aos alunos para organizarem material que assegure tais construções.

Investigação 3

Data: 19/07/2010

Objectivo: Identificar o lugar para construção de latrinas, casas de banho e aterros sanitários.

Actividade: Conversa com a direcção da escola e debate junto do grupo de trabalho.

Resultado: Um forte debate culminou com a definição dos lugares para as construções.

Comentários: Começamos por andar em volta da escola para realmente encontrar um lugar onde seria possível construir as casas de banho, latrinas e aterros sanitários, tendo em conta a configuração do terreno que a escola apresenta, onde a rocha predomina o terreno da escola.

Fizeram parte desta actividade 10 alunos representantes da turma, o grupo investigador colectivo, a professora responsável de higiene e a direcção da escola primária. De seguida avançou-se com o debate junto da direcção e todos presentes sobre a possibilidade de aproveitamento dos espaços para o bem-estar dos alunos e de toda comunidade escolar. Nessa sondagem foi possível encontrar um lugar estratégico para a construção de cada um dos itens necessários. Na nossa análise a actividade foi produtiva, dado que estão criadas as condições para a realização de trabalhos práticos - construções.

Acção 8

Data: 27/07/2010

Objectivo: Construir duas casas de banho para os alunos.

Actividade: Construção de duas casas de banho para os alunos.

Resultado: Duas casas de banho prontas

Comentários: A actividade consistia na construção de duas sanitas para os alunos do sexo masculino e feminino respectivamente pelos membros do grupo de trabalho, não só, mas também contou com a participação de alunos de outras turmas e classes, com o objectivo fundamental de aliviar a estranha situação que se fazia sentir a nível da comunidade escolar. Foi possível construir duas casas de banho para ambos os sexos. No acto da avaliação do trabalho feito, as famílias que circundam a escola, todos alunos e professores que pertencem àquela escola elogiaram bastante o trabalho, factor que nos encoraja a dar continuidade nas acções; por sinal, os professores e alunos prometeram na próxima acção construir casas de banho para professores.

Acção 9

Data: 02/08/2010

Objectivo: Construir casas de banho.

Actividade: Construção de casas de banho para professores.

Resultado: 2 casas de banho foram construídas.

Comentários: O grupo colectivo investigador promoveu uma acção na qual participaram 43 alunos da turma onde o projecto está a ser implementado e, na tentativa de minimizar o problema de higiene e saúde na escola, construímos duas casa de banho para os professores, na qual a tal acção foi agradecida pelo director da escola e outros professores que leccionam na escola. A acção foi analisada de forma positiva pelos resultados obtidos e, mesmo assim, o grupo de investigador colectivo decidiu abrir aterros sanitários de forma a controlar o sistema de lixo na escola como a próxima acção.

Acção: 10

Data: 23/08/2010

Objectivo: Abrir aterros sanitários na escola.

Actividade: Abertura de aterros sanitários na escola.

Resultado: Dois aterros sanitários foram abertos.

Comentários: Depois de se ter feito a construção das casas de banho para professores e alunos, levamos a cabo mais uma acção na qual participaram todos os membros do grupo de trabalho junto de 36 alunos da turma; nesta acção abrimos dois aterros sanitários para respondermos cabalmente à situação de lixo que se fazia sentir ao redor do recinto escolar. Constituiu uma grande surpresa para os alunos da escola primária trabalhar com seus professores e director da escola entre outros elementos, com quem não esperavam trabalhar, sem distinção social.

Feita a abertura de dois aterros sanitários, os membros e outros intervenientes directos e indirectos ficaram muito satisfeitos com o trabalho e o grupo decidiu orientar uma aula aos alunos da turma em relação às doenças contagiosas e não contagiosas, como forma de alargar as experiências dos alunos quanto à questão ligada a higiene e saúde.

Acção: 11

Data: 29/08/2010

Objectivo: Interagir com os alunos sobre as doenças contagiosas e suas medidas de prevenção.

Actividade: Realização de uma aula sobre doenças contagiosas.

Resultado: 41 alunos participaram activamente na aula.

Comentários: Nesta aula, os alunos discutiram sobre vários assuntos de como combater as doenças contagiosas e não contagiosas, assim como algumas medidas de prevenção. Para a aula foi utilizado como meio auxiliar o livro do aluno da 5ª classe, disciplina de Ciências Naturais, baseando-se no uso de métodos activos, na qual 41 alunos estiveram presentes, onde mostraram as suas capacidade de acordo com os objectivos que estavam plasmados no plano de lição. No momento em que os alunos estavam a discutir as diferentes doenças contagiosas e não contagiosas, mostraram-se lacunas para identificar as medidas de prevenção destas. Porém, o questionário que usámos para a avaliação, era composto por questões como: Como eliminar a malária? Quais as medidas de prevenção? Dai que decidimos passar de micro grupo em grupo para junto partilharmos as dúvidas identificadas. Depois de muitas contribuições que existiram no momento de leccionação da aula, o grupo chegou a concluir aula foi boa e que despertou a consciência dos alunos.

Terminada a aula, o grupo de trabalho planificou para a próxima actividade a construção de duas latrinas para os alunos.

Investigação: 4

Data: 06/09/10

Objectivo: Controlar o nível de utilização das casas de banho e aterros sanitários.

Actividade: Conversa com os agentes de serviço e auxiliares da escola.

Resultado: Foi prestado o relatório do nível de utilização das casas de banho e aterros sanitários.

Comentários: Embora as actividades estarem a decorrer num bom ritmo, embora notório o comprometimento e engajamento dos envolvidos na execução das actividades ligadas ao projecto, houve uma necessidade de se controlar se as casas de banho e aterros sanitários construídos estavam sendo utilizadas; porque é só assim que poderiam se levar a cabo mais acções após haver a certeza do seu impacto. Para esta actividade, conversamos com os agentes de serviços da escola, que são os controladores principais do sistema de higiene e limpeza da escola em conexão com uma das professoras responsáveis da área; nesta, eles afirmaram por unanimidade que o nível de utilização é positivo e propuseram que a construção de latrinas fosse mais urgente possível de maneira a responder à mais grande demanda com a qual se deparam os alunos e professores. Para nós, a actividade foi inspiradora e assim o nosso desejo é na próxima sessão fazermos a abertura e construção de latrinas para alunos e professores.

Acção: 11

Data: 13/09/10

Objectivo: Construir latrinas para alunos e professores na escola.

Actividade: Abertura e construção de latrinas na escola.

Resultado: Construídas com sucesso 4 latrinas na escola.

Comentários: No âmbito da construção de latrinas na escola, esteve presente todo grupo investigador colectivo, assim como 90% de crianças da escola, mas com participação activa e especial da turma A, 5ª classe, sem distinção de sexo e idade.

Ao longo da construção, havia conversas relacionadas com as vantagens de existência de latrinas na escola, importância de manutenção de sistema de saúde e higiene, o que suscitou muita interacção a nível de todos quanto se fizeram presentes e, para nós, já é um bom passo, visto que com os assuntos discutidos naquele dia já é possível influenciar aos outros elementos da escola e da comunidade. Assim achámos na próxima sessão ouvirmos da direcção da escola sobre como a nossa presença tem sido concebida naquela escola.

Investigação: 5**Data: 27/09/10****Objectivo:** Verificar as mudanças trazidas pelo projecto na EP1, 7 de Abril.**Actividade:** Conversa com a direcção da escola.**Resultado:** A direcção contou-nos sobre o impacto positivo do projecto.**Comentários:** De maneira a compreendermos a influência que operamos no seio da comunidade escolar na EP1, 7 de Abril, decidimos fazer uma conversa com os membros da direcção da escola para auscultarmos sobre o nosso trabalho e, de modo geral a direcção da escola primária, onde o nosso projecto foi levado acabo. Avaliou o nosso trabalho no aspecto positivo, salientando que houve um grande contributo na harmonização do ambiente escolar, tendo mudado o comportamento de certos alunos, professores, pais/encarregados de educação no que tange a higiene escolar e recomendaram ainda que gostaria ter um professor com iniciativa do género, mas para intervir nos outros problemas que possa existir e que enfermam a escola. Quanto a nós, colectivo investigador, pretendemos agora verificar o nível de influência a que o nosso projecto traz na comunidade de Manje em geral.**Investigação: 6****Data: 28/09/10****Objectivo:** Avaliar o impacto geral das actividades implementadas durante todo ano.**Actividade:** Um encontro geral com todos participantes e intervenientes do projecto.**Resultado:** Cada um apresentou suas sensibilidades quanto ao projecto.**Comentários:** Estando se aproximar na fase final do projecto, houve a necessidade de se compreender até que ponto as actividades implementadas desde o começo até ao fim estão a surtir efeitos na escola e na comunidade em geral.

Foram convidados para o encontro todo o colectivo investigador, alguns alunos e professores da escola, a direcção da escola, bem como outros intervenientes que directa ou indirectamente fizeram parte para a concretização do projecto. Foram discutidas várias questões, dentre as quais sobre as vantagens do projecto, seu impacto, a eficácia das actividades, os sucessos, os fracassos, os pontos a melhorar nos próximos anos para garantir a continuidade das actividades. Houve uma interacção muito forte e comentários fortificadores; alguns alunos disseram que já compreendem agora que antes do projecto não sabiam a necessidade de existência de casa de banho e latrinas, visto que para eles, as necessidade maiores e menores podiam ser feitas ao ar lento. Por outro lado os professores e a direcção da escola comentaram que o projecto trouxe uma nova maneira de pensar e fazer as coisas, na medida em que todos membros da escola compreendem e participam nas actividades práticas para manutenção do sistema higiénico e de saúde na escola. Houve muito mais comentários de outras individualidades que se presumem em: o projecto valeu a pena e deve continuar nos próximos anos para revolucionar a nossa comunidade. Assim, após a sessão geral, nos encontrámos no colectivo de trabalho para atribuir responsabilidades de maneira a garantir a continuidade das actividades no próximo ano.

Trabalho em grupo, contando com as forças de todos

Grupos fixos – os mesmos membros em todas as disciplinas. O grupo é a “casa” de cada aluno e o ponto de partida de tarefas individuais assim como tarefas colectivas. Ajuda mútua é oferecida sob a ideia de que cada um é responsável pela aprendizagem de todos. Os grupos são combinados de tal modo que neles se integrem alunos capazes.



Matemática, 2ª classe. O grupo discute uma resposta comum



O grupo planifica uma apresentação de um drama



Um membro responde em nome do grupo



Ciências Sociais, 5ª classe. Produção comum de um mapa de Moçambique



Cada grupo tem o seu nome



L.P., 5ª classe. Redacção. Discussão do conteúdo

PARTE III

Avaliação pelas várias Categorias de Actores

Na parte II vimos, na “espiral”, em cada actividade de cada projecto, quer se trata de uma investigação, quer de uma acção, como entra uma avaliação daquela actividade. É nos “Comentários” (veja Guião de Orientação, Anexo 2). A avaliação da única actividade forma então a base do próximo passo no projecto – nos relatórios descrito como a ponte para o passo seguinte da espiral.

Em todos os projectos, também, é obrigatório que o líder do projecto elabore a sua própria avaliação do seu projecto e, além disso, realize uma avaliação com os diferentes actores no projecto – antes de nada com os membros do “Grupo de Acção”: o professor da turma e os praticantes. Mas também com mais pessoas que, de uma maneira ou outra, participaram ou observaram parte do que aconteceu: o director da escola, outros professores da escola, pais e encarregados, outros membros da comunidade local, colegas na EPF.

As avaliações podem se realizar de diferentes maneiras. Pode ser uma conversa entre o líder de projecto e a pessoa. Pode ser um encontro entre o Grupo de Acção e um grupo de pessoas envolvidas. Talvez o líder de projecto elabora um questionário a ser preenchido.

Parte III contém uma pequenina selecção das numerosas avaliações que foram feitas e que se encontram nos relatórios. São redigidas consoante actores, tratando vários temas. Visam comunicar diferentes aspectos dos trabalhos.

III.1. Avaliação pelos professores da Escola Primária

III.1.1. Sobre o projecto de Carlota Da Graça Magule, Matemática, 2ª classe Cálculo Mental

O professor da turma, num questionário:

1. Sobre o método de I-A respondeu que: “é bom porque permite a maior participação dos alunos, sendo o próprio aluno o centro da aprendizagem”.
2. Para os aspectos positivos afirmou que: “o aluno é que faz a aula e aprende com base nas brincadeiras, a formação dos grupos ajuda a levar os mais fracos ou seja com dificuldades a melhorar”.
3. Quanto aos aspectos negativos sublinhou que: “a formação de grupos exige uma capacidade de memória acentuada dado que o número de alunos é maior”, acrescentou ainda que: “o projecto exige mais tempo do que o que foi estabelecido nas escolas”.
4. Recomendação: “os alunos podiam ter mais actividades extras de modo a que todos possam aprender”.

III.1.2. Sobre o projecto de Cardoso Manuel, Língua Portuguesa, 4ª classe, Leitura

O professor da turma disse: “Gostei das actividades desenvolvidas durante o tempo”.

“Aprendi a produzir material didáctico (o quadro silábico, as letras a manipular)”.

“Ganhei uma nova dinâmica de trabalhar com a turma, porque da metodologia do ensino utilizada vejo que os alunos aprendiam a ler muito facilmente e como muitos melhoraram a compreensão dos factos ou das coisas do que antes”.

III.1.3. Sobre o projecto de Noélia Janeiro Mariano, Língua Portuguesa, 1ª classe, Oralidade

O professor da turma disse:

“Gostei do projecto e aprendi a planificação, canções infantis para cantar com as crianças...”.

“Produção de sílabas com papelão recordado, e suma produção e uso de material didáctico concreto...”

“...Interacção social bom na turma com os alunos...”

“... Apoio em material escolar, lápis, folha ...”

“... Nem tudo sabíamos, mas a partir deste projecto, o PEA tornou-se um sucesso para nós...”

Outros professores da mesma escola:

Disseram ter havido: “...muita troca de experiência e desenvolvimento de novas habilidades ...”.

“Aprendemos mais técnicas de leccionação, sentimos teoria concretizada na prática....”

“Muita criatividade e gosto pela profissão ...”

“Paciência pelas crianças no desenvolvimento da oralidade ...”

III.2. Avaliação pelos praticantes

III.2.1. Sobre o projecto de Carlota Da Graça Magule, 2ª classe, Matemática, Cálculo Mental

1. O que pensam sobre o método responderam: “o método é fundamental que seja desenvolvido no PEA, pois, capacita o aluno em habilidades para fazer cálculos mentalmente e promove o ensino centrado no aluno”.

2. Sobre os aspectos positivos responderam que: “os alunos participam com maior fluência, com a formação de micro-grupos eles trabalham juntos sem ter que esperar ou contar com o professor em todos momentos”.

3. Aspectos negativos responderam que: “o tempo não tem sido suficiente devido à carga horária estabelecida nas escolas primárias enquanto este método exige maior interacção nos alunos o que leva muito tempo”.

4. Como recomendação: “este método podia ser desenvolvido e aberto ou seja divulgado em todas as escolas, visto que ajuda a melhorar as condições de aprendizagem nas escolas”.

III.2.2. Sobre o projecto de Cardoso Manuel, Língua Portuguesa, 4ª classe, Leitura

O que aprenderam de novidades com o projecto de I-A?

Utilizamos quadros silábicos, ensinar usando cartilhas, métodos activos, ensinar brincando, dinâmicas que o professor Cardoso vinha implementado....

Será que o método de I-A pode contribuir na melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e como explicam isto a partir da vossa experiência?

O método de investigação-acção de certa que pode contribuir na melhoria e qualidade de ensino, porque coloca o aluno no centro, é um método muito dinâmico.

O método de investigação-acção é muito importante porque permite ao professor analisar sobre o seu próprio ensino, desenvolve ao professor a pensar crítico e revolver problemas relativamente à aprendizagem da turma.

III.3. Avaliação pelos directores

III.3.1. Sobre o projecto de Cardoso Manuel, Língua Portuguesa, 4ª classe, Leitura

O director adjunto pedagógico da escola de I-A disse:

“O projecto foi bom, porque em muitas conversas que tive com o professor da turma assim como as aulas assistidas por mim, consegui dar conta que os alunos estavam mesmo a aprender a ler”.

“Gostei da criatividade, dos métodos e a influência que o projecto teve na nossa escola”.

“A Escola Primária 22 de Novembro com o projecto de I-A teve muitos ganhos tais como o letreiro na parede da escola. Portanto, este e outros factos não apontados aqui, foram ganhos que por eles, a escola só tem que agradecer”.

III.3.2. Sobre o projecto de Noélia Janeiro Mariano, Língua Portuguesa, 1ª classe, Oralidade

Declaração da direcção da escola

... Aprendi muito com acções deste projecto ...

... Ajudou muito na melhoria de qualidade de ensino nas classes iniciais ...

... Bons exemplos de materiais didácticos para desenvolvimento da oralidade

... Motivou não só as professoras recém graduadas como todos nós como docentes....

... Pensamos usar essas experiências para outros professores da ZIP nº 4....

III.3.3. Sobre o projecto de Eduzeta Custódio Namarogolo, Língua Portuguesa, 5ª classe, Redacção

O director da escola agradeceu o trabalho efectuado na escola sobre a I-A e pediu que depois da sua graduação, continuasse com o projecto ou um outro estudante saindo do ISET pudesse incentivar os praticantes da EPF a continuar com o projecto, salientando que não seria conveniente parar. Afirmou ainda que as acções levadas a cabo pela equipa de pesquisa versavam no bom uso dos métodos mais eficazes. Ainda assim, as aulas foram classificadas como activas, participativas e produtivas. Pediu que continuássemos com o mesmo espírito de trabalho em qualquer lugar onde estivéssemos. [...] Deixamos muitos materiais didácticos como imagens coladas no papelão, abecedário maiúsculo e minúsculo cursivo, um guião de orientação sobre como produzir uma redacção e outros.

III.3.4. Sobre o projecto de Moura Abílio Geriano, Ciências Naturais, Higiene e Saúde

O director da escola disse que os alunos: “tiveram muita aprendizagem, visto que, depois de terem participado em algumas actividades na escola, eles próprios faziam as mesmas acções nas suas casas e que melhoravam as condições de higiene nas suas famílias.”

III.4. Avaliação pelos pais e encarregados de educação

III.4.1. Sobre o projecto de Conceição da Glória Sozinho, Língua Portuguesa, 2ª classe, Currículo Local

Sobre este projecto, um membro da comunidade disse o seguinte: “muitas vezes dizíamos que com a nossa morte, a nossa sabedoria acabará, não pensávamos que existe um espaço na escola para deixarmos marcas da nossa identidade cultural. O que fazemos hoje é resultado do que aprendemos ontem dos nossos pais. Desta maneira ficámos satisfeitos porque haverá continuação das nossas danças ao invés das danças modernas e muito mais”.

Uma mãe adicionou dizendo: “temos meninas já donzelas e rapazes crescidos que muito poderiam aprender de nós, se calhar desta maneira poderíamos recordar a todas as mães que, quando a criança vai à escola, a responsabilidade da educação não é somente do professor, e nunca dizemos que os professores são culpados quando as nossas crianças não aprenderem algo: nem com trabalhos de casa, nem na escola”.

III.4.2. Sobre o projecto de Noélia Janeiro Mariano, Língua Portuguesa, 1ª classe, Oralidade

Declarações de alguns pais:

“O trabalho foi muito importante porque agora as nossas crianças podem falar os nomes de alguns animais e objectos. O uso de material produzido manualmente pelas professoras, ajuda que dera nas crianças em carrinho. Visita nas casas foi muito bom para nós e penso que o projecto pode continuar.....”

III.4.3. Sobre o projecto de Falqueta Joaquim, Ofícios, 5ª classe, Habilidades Práticas

O director da escola de I-A avaliou o projecto dizendo que: “os pais diziam que foi bom por terem colaborado com eles nas aulas de Ofícios, para explicar os trabalhos que fazem. Gostaram do envolvimento em actividades como de recolha do material – até que um dos pais disse ter gostado e que nunca tinha pensado que um membro da comunidade seria escolhido para trabalhar neste sentido.”

Ofícios 3º Ciclo

O objectivo principal da disciplina de Ofícios é preparar os alunos para a vida; isto é, aprender habilidades que eles podem utilizar para melhorar a sua vida económica e humanamente. As imagens seguintes ilustram a aprendizagem de várias habilidades úteis. Palavras-chave são também: materiais locais, criatividade e decoração.



Aprendendo de um trabalhador local de cestaria



Produção de papel machê a partir de jornais para criar brinquedos



Brinquedos e artigos para uso no dia-a-dia



A ceramista local é professora



As meninas gostam bordar



Visita ao carpinteiro. Também as meninas devem aprender a aplainar

III.5. Avaliação pelos líderes de projectos

III.5.1. Cardoso Manuel que trabalhou com Língua Portuguesa, 4ª classe, Leitura avalia o seu projecto da seguinte maneira:

“... que foi um desafio muito grande para mim, não só pela dimensão do projecto, mas pela responsabilidade e desafio de transformar uma situação complexa em mais simples possível, quanto à dificuldade de leitura em geral e, em particular, na turma da 4ª classe, visto que foram alunos do tipo multilingue, de condições sociais baixas e com um nível de acompanhamento junto dos pais quase ausente.

No entanto, apesar das várias dificuldades, foi possível aprender através da investigação e acção, envolvendo outros actores para contornar e melhorar a situação. Desta feita, a experiência e aprendizagem que tive na realização do projecto de I-A foram:

- Trabalhar com grupo colectivo num assunto (Professor - Alunos - Pais).
- Ensino de leitura usando cartazes com textos, como metodologia na falta de manual do aluno.
- Aprendi também que precisamos ser pacientes e criativos em inovações perante actividades complexas e dinâmicas para influenciar mudanças positivas nos professores e alunos na escola em relação ao trabalho.”

III.5.2. Noélia Janeiro Mariano que trabalhou com Língua Portuguesa, 1ª classe, Oralidade, faz a seguinte avaliação:

..... eu como investigadora aprendi muito com este método, no que tange a língua dos alunos, a humildade para com outros intervenientes no projecto, aprendi a ser mais persistente e ganhei mais responsabilidade com o trabalho e respeito pela comunidade, colegas da escola primária, pais encarregados e os alunos.

Ganhei muita experiência em usar a L1 dos alunos para auxiliar as aulas na L2, aprendi a lidar com problemas das professoras recém-graduadas (planificação de aulas, produção de material didáctico, interacção social na turma e na escola entre outros). Muitas vezes senti a necessidade de uso de métodos activos como o trabalho em grupos e aos pares e trabalho independente assim como observação com exposição oral.

III.5.3. Falqueta Joaquim que trabalhou com Ofícios, 5ª classe, Habilidades Práticas, faz a seguinte avaliação:

Falando da avaliação do projecto, numa forma resumida apresento agora que aprendi muita coisa que achei muito importante a cooperação do professor da turma com os alunos, na medida que juntos planificamos as actividades, cooperamos com os alunos, pais e encarregados de educação, na recolha e selecção do material a ser usado nas aulas práticas de Ofícios.

Aprendi que os alunos trabalham bem quando há material disponível, eles se sentem a vontade quando o professor orienta que eles trabalhem individualmente em grupos onde cada um mostra o que sabe fazer, e para quem não sabe tem a facilidade de aprender com apoio dos outros.

Mas também dizer que foi difícil influenciar na maneira de trabalhar, isto não só para o professor da turma assim como para os alunos na escola primária visto que estavam habituados a uma maneira diferente de trabalhar, mas que depois foi tão bom.

Aprendi a cooperar com os pais e encarregados na procura do material na instrução de algumas actividades de produção onde eles ficaram a sentir que afinal o trabalho que fazem é muito útil e já está sendo implementado nas escolas.

III.5.4. Eduzeta Custódio Namarogolo que trabalhou com Língua Portuguesa, 5ª classe, Redacção, faz a seguinte avaliação:

“Aprendi a cooperar com a professora e outros membros da escola primária.

Ganhei experiência de ser uma pessoa que, no dia-a-dia, lidava com trabalhos dos participantes e alunos onde muitas das vezes usava os métodos participativos, ou seja, fazia com que os alunos participassem activamente nas aulas. Sempre que possível dava-se a liberdade para que os alunos pudessem se expressar. Em certas actividades, trabalhavam em micro-grupos, para a troca de experiências entre eles, usando o material didáctico necessário e disponível.

Para os praticantes envolvidos no projecto, senti ter-lhes ajudado a perceberem como se pode identificar aquilo que são as suas dificuldades, as dificuldades dos alunos, a desenvolverem actividades que os ajudem. Em geral, as actividades desenvolvidas com a metodologia de I-A consideramos que foram benéficas, não só, aos alunos e à professora da turma, mas também, a alguns professores da escola primária 7 de Abril e aos professores da EPF – Inhambane.”

III.6. Dificuldades durante o processo de Investigação-Acção

III.6.1. Carlota Da Graça Magule, 2ª classe, Matemática, Cálculo Mental

“O tempo não tem sido suficiente devido à carga horária estabelecida nas escolas primárias, quando este método exige maior interacção nos alunos o que leva muito tempo”.

“Um aspecto que constituiu dificuldade foi introduzir métodos em que o aluno participa mais na aula, pois o professor da turma e os estudantes partilhavam métodos onde o aluno pouco se expressava, mas com diálogo conseguimos ultrapassar”.

III.6.2. Conceição da Glória Sozinho, Língua Portuguesa, 2ª classe, Currículo Local

“No decorrer do trabalho de Investigação-Acção deparamo-nos com muitas dificuldades. A comunidade numa primeira fase pensava que algum proveito poderia ter com o trabalho que fariam. Não queriam ceder um outro tempo para o trabalho se não os dias de ensaios, isto para os dois grupos de danças tradicionais.

As senhoras que trabalham com o barro gastam muita energia para ter barro e não gostavam de deixar os alunos a brincar com este material. Dizia uma que só pode fazer uma demonstração para não gastar muito barro.

Os professores diziam que estão muito ocupados e não queriam ter mais trabalho. Outros diziam que não gostariam de ter um supervisor no seu trabalho diário. O contador de histórias disse que as histórias só poderiam ser contadas no período nocturno. Outros membros da comunidade como é o caso do comandante da polícia e camponeses não aceitaram participar no projecto, alegando a falta de tempo.”

III.6.3. Cardoso Manuel, 4ª classe, Leitura

“Durante muito tempo, o projecto de I-A decorreu por debaixo da árvore. Falta de material didáctico (quadro, manual do professor e do aluno etc.). Deslocação da EPF para escola primária sempre a pé enquanto tinha problema da perna inflamada durante bom tempo, tudo pela falta de transporte na área.”

III.6.4. Fernanda Vanhale Ernesto Hucui, Matemática, 2ª classe, Produção e uso de material didáctico

“A não colaboração dos pais e encarregados de educação dificultou o alcance de um dos meus objectivos.”

“Distância entre EPF e escola de I-A. Percorríamos 5 km a pé durante 6 meses.” “Ausência do professor por alguns dias.”

III.6.5. Maria de Conceição Nagangunga, Língua Portuguesa, 1ª classe, Oralidade

“Houve algumas dificuldades na implementação das actividades como o espaço físico, a falta de um professor titular na turma, os meios de ensino, a falta de programas de ensino, manual do professor, etc. Mas com as forças colectivas do grupo de investigadores e a colaboração com os supervisores do ISET, conseguimos ultrapassar estas dificuldades.”

Mini-Conferência - Divulgação das Experiências

Fez parte dos objectivos dos projectos assegurar que outras pessoas possam conhecer e utilizar as experiências de I-A. A Mini-Conferência realiza-se em cada ano no ISET/OWU antes do exame oral. Professores locais e de outras instituições superiores e amigos da escola foram convidados. O programa tem dois pontos: Cada participante faz uma pequena exposição e fala sobre as suas experiências. Depois, segue-se um plenário com apresentações sobre as experiências e discussões sobre como utilizar a metodologia de I-A para melhorar o ensino na escola primária



L.P. 1ª classe. Oralidade.
Visitante da Sede de ADPP



Visitante do ISCED



A representante de IEPALA
acompanha os projectos



L.P. 1ª classe. Leitura. Um dos
muitos que trabalhou com a nova
metodologia de aprender a ler



Educação Moral e Cívica, 6ª
classe. Saneamento do Ambiente



Uma participante apresenta sua
metodologia no plenário

PARTE IV

Levantamento de temas escolhidos nas disciplinas para Investigação-Acção 2006-2011.

Número de temas escolhidos dentro das disciplinas do ensino básico	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total 2006-2011
Português	5	17	14	18	41	28	123
Inglês	0	2	0	4	1	3	10
Educação Musical	0	0	1	2	0	0	3
Ciências Sociais	1	0	0	1	0	0	2
Matemática	1	1	2	6	6	6	22
Ciências naturais (incluindo saúde, meio ambiente e saneamento do meio e escola)	3	1	6	1	5	5	21
Ofícios	0	0	2	5	5	1	13
Educação Visual	0	0	0	0	0	1	1
Educação Física	1	0	0	0	0	0	1
Educação cívica moral (incl. Educação sexual)	1	1	2	0	0	0	4
Currículo Local	0	1	1	0	0	0	2
Temas transversais (ex. desistência, género, produção de material didáctico, LEC, didáctica geral, incl. projectos para formandos na EPF/IFP)	9	3	16	6	4	5	43
Total projectos	21	26	44	43	62	49	245

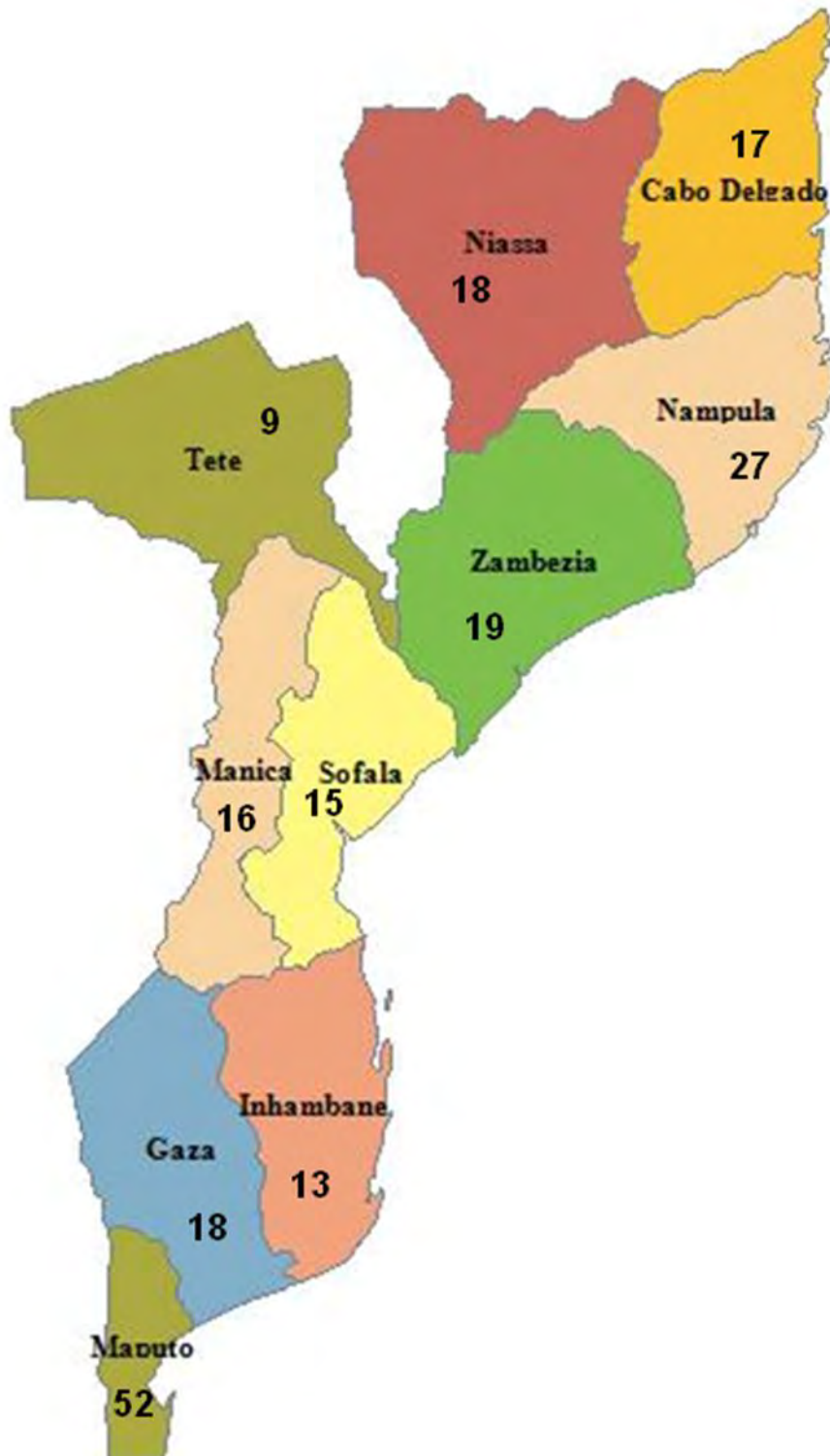
Localização dos projectos em Angola

Localização dos projectos de Investigação-Acção por províncias em Angola durante os anos de 2006 até 2011. O total foi 41 projectos.



Localização dos projectos em Moçambique

Localização dos projectos de Investigação-Acção por províncias em Moçambique durante os anos de 2006 até 2011. O total foi 204 projectos.



Pós-escrito

Algumas reflexões sobre o que ganhámos através do trabalho com a Investigação-Acção

É óbvio que os participantes aprenderam muito de como se formular directamente sobre a realidade num contexto pedagógico. Como líderes dos seus projectos tinham de propor ao Grupo de Acção pontos de planificação e, depois de cada acção, gerir a avaliação e propor os passos a seguir. Foi sempre a partir da realidade actual e, assim, sem poderem obter apoio imediato das teorias filosóficas e pedagógicas. Faz parte integrante do nosso enfoque à Investigação-Acção. É o que aconteceu. Dispêndia muito tempo e muitos esforços mas dava muito prazer aprender.

A nossa versão do trabalho com a Investigação-Acção tem como meta principal que os participantes aprendam, desenvolvam e disseminem o uso de métodos modernos no ensino. Por exemplo, ensino centrado na criança; ensino que alcance todos os alunos; ensino no qual todos os alunos, ao mesmo tempo, trabalhem com materiais concretos. Isso exige que o professor assuma um novo papel, onde se trata de criar o desenvolvimento de novos métodos, de produzir materiais concretos e, em geral, um novo comportamento do próprio professor na sala de aula. Agora, torna-se importante assegurar que os alunos tenham a possibilidade de trabalhar activamente, um com o outro, e com os materiais concretos. Assim, o professor dá menos instruções comuns à turma e faz menos perguntas a toda a turma com respostas comuns. Trata-se de encontrar maneiras para que o professor possa ajudar os grupos um por um. Se o professor não tem praticantes como nós sempre tínhamos, talvez, pode pedir ajuda aos alunos mais avançados.

Todos os participantes lembram-se dos seus primeiros anos na escola primária, onde aprenderam, inconscientemente, como o professor se “deve” comportar. Isso tem de ser apagado. O professor tem de aprender um novo comportamento. É um grande desafio. É algo que só se realiza pouco a pouco. A divisão em pequenos grupos e pares é algo que aconteceu em quase todos os projectos; denominámos “contando com as forças de todos” e “aprender um do outro”. Os grupos foram, sempre que for possível, formados como uma mistura de alunos fortes e alunos fracos.

A cooperação nos Grupos de Acção

Não levou muito tempo para os participantes, depois do fim do primeiro curso de três semanas no ISET/OWU, aprender que a Investigação-Acção, além de conhecimento teórico, exige também muita comunicação e muita cooperação. Sem comunicação e cooperação estreitas com o director da turma, os praticantes e a gerência da escola, o líder do projecto não pode obter nada. Cooperação, diálogo e empatia são as chaves que abrem a porta para acordos comuns sobre acções. Assim, o trabalho de cada participante desenvolve a sua personalidade. Em muitos casos, houve discussões instigantes com os professores e a direcção da escola, nalguns casos também no ZIP local.

A Investigação-Acção, na forma aqui apresentada só vai continuar por mais um ano no ISET/OWU. Um novo programa para os formadores foi desenvolvido a partir do ano 2012. Mas a ideia fundamental da Investigação-Acção, a de que os participantes, através da sua formação, desenvolvam uma própria avaliação das suas actividades, profissionais assim como pessoais, e activamente melhorem os seus resultados é que tem continuidade na nova formação de formadores, assim como nos outros cursos do ISET/OWU. É um ponto de partida crucial de todos os estudos no ISET/OWU. Por isso, as nossas experiências com a Investigação-Acção, na forma apresentada neste livro, continua a ser importantes para nós. Gostaríamos receber comentários dos nossos leitores e entrar num debate com eles sobre o pensamento-de-base da Investigação-Acção. Contacto será sempre possível através dos endereços de e-mail:

dinabak@teledata.mz ou elseli@tdm.co.mz

Investigação-Acção

Equipa 2009, 3º Ano
de Fevereiro a Novembro de 2011

Bacharelato em Ciências de Educação



Nome: _____

Introdução

Neste projecto, vocês vão se ocupar em resolver um problema através de acções. Isto é, encontrar uma situação problemática, e reflectir sobre as razões da existência do problema, encontrar estratégias para atacar o problema e, depois, junto com os outros actores, mudar a realidade para o melhor.

Todos sabem que há muitas situações problemáticas na escola. Também há diferentes razões para a sua existência.

O método que vocês vão utilizar chama-se "Investigação-Acção". É porque se trata de, primeiramente, fazer investigações acerca do problema encontrado e, depois, fazer acções para combater o problema. Se, por exemplo, o problema é das condições de saúde na escola estarem mal e muitas crianças ficam doentes, as suas acções têm de resultar em menos crianças ficarem doentes. Se o problema é de um professor na escola que não sabe como implementar o Currículo Local, as suas acções têm de resultar em o professor aprender como fazer, para que o ensino fique melhor. Se o problema é duma turma da escola com muitos alunos que não aparecem, as suas acções têm de assegurar que apareçam. Se, o problema é de crianças numa turma que não sabem escrever legivelmente, as suas acções têm de resultar em o professor identificar métodos para que as crianças comecem a escrever legivelmente.

Cada um de vocês vai ter o seu próprio projecto, no qual você é o líder. Pode convidar um ou mais estudantes no seu IFP/EPF a participar no projecto. Para realizar o projecto, é necessário que você desenvolva uma cooperação com os professores, com os alunos, com a liderança da escola e, talvez, com os pais e encarregados. Assim eles ficam actores no projecto.

Se muitos professores, no futuro, aprendem a utilizar o método de Investigação-Acção (I-A), haverá grandes progressos na Escola Primária. Por isso, não é suficiente que você se limite a fazer o seu próprio projecto sozinho. Tem de assegurar, ao mesmo tempo, que muitos outros professores na escola aprendam o método. É também de grande importância que você, no seu trabalho no IFP/EPF, ensine os seus estudantes como utilizar o método de Investigação-Acção. Assim, eles podem praticar o mesmo método no seu futuro trabalho. O método de Investigação-Acção está a ser estudado e desenvolvido internacionalmente, em muitas Universidades e outras instituições superiores. O método está, também, a ser introduzido em todos IFPs/EPFs de Moçambique.

Objectivos

Objectivo geral

Conhecer a I-A como método para desenvolvimento do empenho das escolas primárias e utilizá-lo para desenvolver uma pedagogia moderna na mesma escola.

Objectivos específicos

Praticar o método de Investigação-Ação nas escolas primárias para resolver problemas concretos;

Registrar as realidades concretas nas escolas primárias no país com o fim de, a partir delas, empreender acções de desenvolvimento;

Intervir nas escolas primárias para a resolução de problemas concretos, envolvendo os directores, professores, os alunos, os pais e encarregados e outros membros da comunidade local;

Treinar os seus formandos na realização da Investigação-Ação nas escolas primárias.

Introduzir na escola primária uma pedagogia moderna.



Algumas experiências com I-A até agora

Agora é a quinta vez que a OWU/ISET tem projectos de Investigação-Ação. Sempre ganhámos mais conhecimentos. Está claro que não é fácil estabelecer um processo de I-A. Exige novos pensamentos. Especialmente é novo realizar e comunicar as acções.

Para realizar acções na escola primária é necessário, que todos os actores entendam a ideia de I-A e estejam de acordo que a situação deve-se melhorar e concordam em experimentar novos métodos. Por isso, é condição para poder realizar o projecto, que você, como líder do projecto, tenha a capacidade de explicar a necessidade de melhorar a situação na própria turma e também no país em geral, que você é capaz de organizar bem e tem um conhecimento profundo acerca da filosofia, da pedagogia e da metodologia de I-A e tem visões sobre o desenvolvimento necessário do país.

Duas experiências são particularmente importantes:

1. Aprendemos que para poder dirigir um projecto de I-A é essencial **reflectir** sobre porque e como executar cada actividade, seja Investigação, seja Acção e, também, **formular** bem o "objectivo", a "actividade" e depois o "resultado" da actividade em frases simples (o espiral)

2. Em quase todos os projectos foi decisivo melhorar a qualidade do ensino: os professores envolvidos aprenderam como **organizar** a sua turma em micro-grupos e desenvolveram um ensino no qual todos os alunos aprenderam activamente.



Algumas Exigências

Para assegurar que o projecto individual seja **realizado o melhor possível**, é necessário que cada participante escolha o seu tema já no período de preparação.

Não se trata só de encontrar problemas na escola primária. Trata-se de **desenvolver uma pedagogia moderna** e através da realização dela assegurar que todos os alunos aprendam mais.

Trata-se de **desenvolver uma metodologia na qual todos os alunos trabalham todo o tempo**. O homem aprende a falar uma língua falando, aprende a ler lendo, aprende a escrever escrevendo.

Trata-se de **utilizar os livros escolares** duma maneira profissional.

Trata-se de desenvolver diferentes tipos de **material didáctico** que os alunos podem manejar.

Trata-se de desenvolver os **princípios de DMM**, em diferentes maneiras, na escola primária.

O projecto deve ser aberto para todos na escola.

Você deve apresentar regularmente a evolução do projecto para que todos tenham ideias do que está a acontecer. É importante que não seja um trabalho escondido entre você e o professor da turma. Todos devem acompanhar o que está a acontecer para saber e talvez contribuir com suas ideias.

Você deve também espalhar as suas experiências e **iniciar diálogos e debates** com outros professores, nas EPFs, nas ZIPs, no distrito, na província.

Você é o líder do projecto. Você tem como **cooperadores alguns formandos da EPF** e um ou mais **professores na Escola Primária**.

Exemplos de Temas e Actividades

OBS! O primeiro passo é concordar acerca do problema e do objectivo principal com um grupo de estudantes da sua EPF, que são praticantes na escola e na turma onde você vai implementar o seu projecto, depois com a direcção da escola e a professora da turma.

Tema: Ensino Inicial, L.P.

A Língua Materna (L1) como ferramenta para aprender a L.P. Desenvolver e implementar métodos de como utilizar a primeira língua para aprender a falar, entender, ler e escrever português.

Tema: Ensino Inicial, L.P., Oralidade

A Fala como a prioridade de aprender a ler Português. Desenvolver e implementar uma metodologia que pode assegurar que todos os alunos numa 1a classe no fim do ano lectivo sabem falar Português.

Tema: L.P. Redacção 5a classe

Desenvolver e aplicar diferentes métodos e estratégias para treinar os alunos a fazer redacção. Assim que todos possam passar no exame.

Tema: Material Didáctico Concreto

Produzir material didáctico junto com os alunos. Material ligado a uma disciplina e uma turma. Desenvolver manuais de como utilizar o material e espalhar o conhecimentos na escola e na ZIP



Tema: Currículo Local (C.L)

Desenvolver maneiras de implementar C.L. numa turma, relacionada a uma disciplina e desenvolver a cooperação com a comunidade e com os pais e encarregados.

Tema: Higiene na escola

Formar um clube de alunos de 3º ciclo e dar-lhes a responsabilidade da higiene na escola. Treinar e mobilizar o clube de ensinar e organizar todas as turmas na escola para assegurar uma escola limpa.

Tema: A Vida Social na Turma

Junto com a professora e os estudantes de EPF desenvolver boas relações entre os alunos e entre os alunos e a professora.

Tema: A Escola Como AMIGA da Criança

Junto com a professora da turma e estudantes de EPF, desenvolver e implementar a ideia da escola como amiga da criança.

Exigências a todos os projectos:

- * Antes do dia 1 de Abril na sua escola (IFP/EPF), estudantes e professores devem estar informados sobre o seu projecto.
- * Antes do dia 1 de Abril o conselho dos professores na escola primária do projecto deve estar informado sobre o seu projecto (problema e objectivo)

Ideias:

1. Utilizar as sessões pedagógicas dos sábados na sua EPF, para mostrar o seu projecto e receber novas ideias.
2. Fazer uma exposição na própria escola primária, onde os alunos explicam a outras turmas sobre o projecto.
3. Convidar os pais e encarregados numa reunião onde você explica sobre o projecto ou os alunos fazem dramatização. E muito mais. Trate-se de abrir um diálogo com muitos actores!



Calendário

Supervisão

A supervisão tem três formas: 1. Comunicação corrente através de e-mail e sms entre você e os supervisores na OWU.

2. Supervisão e qualificação local corrente pelo director da sua EPF/IFP.

3. Encontros regionais com supervisor

O projecto está dividido em etapas:

1ª etapa. 15 de Fevereiro até 5 de Março

Preparação para I-A. Curso 3 semanas, em Changalane.

Durante o curso cada um escolhe o seu tema e começa encontrar e estudar literatura relevante. O tema, o problema e os objectivos devem ser aprovados pelos supervisores.

2ª etapa. Março, Abril

Estabelecimento do projecto de cada um e início da I-A. Antes de dia 15 de Abril cada um envia a sua descrição das primeiras actividades (Investigações e Acções) para os supervisores.

3ª etapa. Maio, Junho

A 1ª supervisão: Encontros regionais com supervisor

4ª etapa.

Julho, Agosto, continuação do projecto. Envio do seu espiral, resultados e planos para os supervisores. A 2ª supervisão.

5ª etapa. Setembro, Outubro

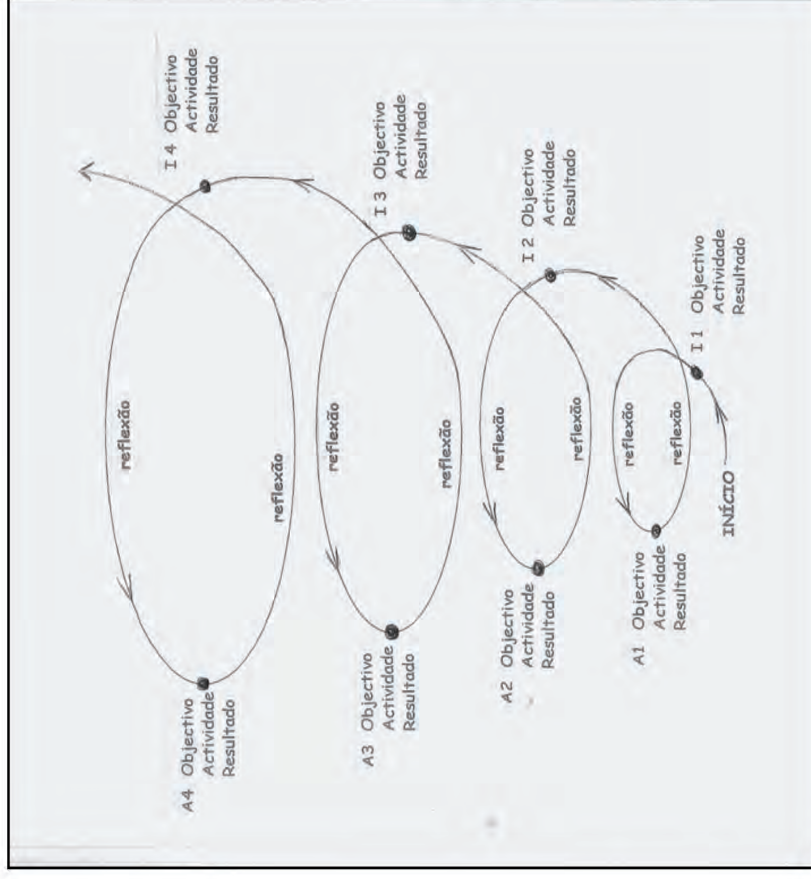
Término do projecto com avaliações, conclusão, e elaboração do relatório. Realizar debates públicos, escrever artigos, produzir filme ou programa para a rádio, etc.

6ª etapa. Novembro, 3 semanas em Changalane com Exame Final Preparação de exame. Mini-Conferência. Elaboração do sinopse.

Estrutura do Relatório de I-A

- I. Apresentação do Tema
 - II. Resumo do projecto
 - III. Relevância do Projecto
 - IV. Visões sobre a necessidade de uma Pedagogia Moderna no ensino em Moçambique e Angola
 - V. Descrição da Turma, Escola e Comunidade Local
 - VI. O Espiral de I-A com Comentários
O Espiral apresenta, em forma breve, a estrutura de todo o processo desde o início até ao último dia do trabalho no projecto.
Deve ter esta forma:
Investigação 1:
Objectivo da Investigação, Actividade, Resultado da Investigação, Comentários
Ação 1:
Objectivo da Acção, Actividade, Resultado da Acção, Comentários
Investigação 2:
Objectivo da Investigação, Actividade, Resultado da Investigação, Comentários
Ação 2:
Objectivo da Acção, Actividade, Resultado da Acção, Comentários
Assim sucessivamente até a última acção no projecto.
Não existe um número limitado de acções e investigações. Mas se você poder desenvolver mais acções e investigações, melhor ainda.
 - VII. Avaliação
 - VIII. Lista de conteúdo do Dossier (*)
 - IX. Bibliografia com comentários
- (*) **Dossier.** Você tem de ter uma pasta, um dossier, onde conserva todas as informações, produtos e registos dos contornos do projecto em qualquer momento. Vai levar o dossier para OWU/ISET e apresentá-lo ao júri de exame para ele fazer parte da avaliação final.

O Espiral do processo de Investigação - Acção



Legenda:

- I1: Investigação 1
- A1: Acção 1
- I2: Investigação 2
- A2: Acção 2

**Instituto Superior de Educação e Tecnologia
One World University**

Changalane – Moçambique – Equipa 2009 – I-A

Guião de Orientação

Alguns conselhos para elaboração de um bom relatório de I-A

O relatório de Investigação-Ação é um documento que apresenta, de forma clara e objectiva, todo o percurso feito pelo projecto, dando mais ênfases às etapas mais relevantes do projecto. A seguir apresentamos um conselho geral e algumas recomendações para cada capítulo.

Conselho geral:

Trata-se de descrever a realidade dos alunos, professores, pais e encarregados de educação na Escola Primária e como cada um deles trabalha para melhorar o ensino/aprendizagem acerca do(s) problema(s) que cada um identificou.

Trata-se de descrever exactamente o que aconteceu no processo de I-A e como cada actividade foi a base para o próximo passo no processo (a espiral).

Descrever pedagogos e certas teorias só é relevante quando pode utilizar as suas ideias como ferramentas para tentar resolver o problema identificado ou ideias para novas actividades. Trata-se de você explicar as suas teorias, acerca das razões do problema e acerca de como pode melhorar a situação. Nenhum outro autor pode fazer assim, se não você mesmo através de acções concretas!

Claro que você recebe inspiração e conhecimento de várias fontes, mas são as suas acções que são a base para as mudanças. Deixe de escrever sobre os autores que não têm nenhuma ligação com o seu projecto.

O RELATÓRIO DE I-A NÃO É COMO UM RELATÓRIO DE MONOGRAFIA !

Recomendações para cada capítulo

I. Apresentação do tema:

1. Definição do tema, problema principal, objectivo geral e objectivos específicos
2. Descrição de como o tema, o problema e o objectivo têm relação com o Programa do Ensino Básico (Moçambique), Reforma Educativa (Angola) e PCAR (Malawi).

Comentário: Só duas páginas. Você vai tratar todos os assuntos mais profundamente mais tarde no relatório.

II. Resumo do projecto:

1. Fase inicial: O que aconteceu durante a fase de estabelecimento do projecto? - (fevereiro/março)
2. Fase intermediária: O que aconteceu durante a fase de desenvolvimento do projecto? - (abril-outubro)
3. Fase final: O que aconteceu durante a fase de avaliação (setembro-novembro)

Comentário: Só duas páginas. O projecto em grandes linhas. Os problemas que você encontrou durante estas fases. Na espiral você vai explicar mais com mais detalhes.

III. Relevância do projecto

1. Escreva a partir das suas experiências, por que o projecto é relevante;
2. Dados que provam/mostram o problema. www.unicef.org, metas do milénio, outros. Pode entrar por exemplo no site <http://www.ine.gov.mz/> e procurar informações actualizadas, dados estatísticos, da DPE, DDEC e de autoridades locais;
3. Podem discutir com colegas, professores, estudantes da EPF, IFP, etc.;
4. Suas reflexões sobre porque o problema existe em Angola, Moçambique e Malawi; (formação de professores, tradições locais, culturais, falta de recursos humanos, falta de conhecimento, falta de dinheiro, o problema nos países em via de desenvolvimento em geral - pode explicar concretamente); e
5. Fontes de conhecimento. Aqui pode citar ou explicar pedagogos ou outros autores que o ajudam a entender e melhorar a situação.

IV. A escola no futuro em Angola, Moçambique e Malawi a partir da sua imaginação

V. Descrição da turma, escola e comunidade relacionado com o problema em estudo.

Esta descrição é importante porque às vezes os problemas que afectam os sistemas educativos nas Escolas Primárias têm uma certa relação com as condições socio-económicas das famílias das crianças, a cultura local, as tradições, o sistema de saúde, as condições das escolas, das turmas, etc. Portanto, é importante perceber o tipo de comunidade onde a escola está inserida.

VI. Espiral com comentários

A Espiral com comentários apresenta a estrutura de todo processo desde o início até ao último dia de trabalho com o projecto. Vai descrever cada actividade (cada I e cada A) nesta forma:

Data:

Investigação 1 / Acção 1:

- Objectivo:

- Actividade:

- Resultado:

Comentários:

Os comentários devem ter 3 pontos:

1. O que aconteceu concretamente e quem participou
2. Sua avaliação da actividade e reflexões sobre a metodologia usada
3. Como os resultados da actividade são a base para o próximo passo

Comentário: A espiral é o coração do projecto

VII. Avaliação e conclusão

Atenção! Aqui é importante ser honesto e escrever exactamente os resultados obtidos e não apenas ser optimista. Afirmações generalizadas do tipo por exemplo: TODAS AS CRIANÇAS JÁ SABEM LER E ESCREVER; TUDO CORREU MUITO BEM, etc, não são válidas. São demasiadas gerais e não ajudam a compreender concretamente os resultados alcançados. Não são científicas e não apresentam claramente o que aconteceu.

- ⇒ Faça a avaliação do projecto com todos actores envolvidos: com os professores, alunos, praticantes, directores das escolas, pais e encarregados de educação para ouvir as suas sensibilidades e opiniões.
- ⇒ Você pode elaborar algumas perguntas simples e concretas para eles e marcar encontros para dialogar ou conversar com eles.
- ⇒ Pode ouvir deles quem aprendeu o que? (O que mudou?)
- ⇒ Por exemplo o que eles gostariam que fosse feito para melhorar a situação.
- ⇒ O que não gostaram

- ⇒ Aqui você também pode fazer uma análise ou reflexão sobre a influência que o projecto trouxe para os envolvidos: para os alunos, para os pais e encarregados de educação, para a comunidade, para os professores e para os estudantes de EPF. Deve provar através de eventos ou explicações concretas.
- ⇒ Pode falar sobre o que você mesmo aprendeu.
- ⇒ Sobre as dificuldades que você enfrentou e como tentou ultrapassá-las,
- ⇒ Quais foram os fracassos que você enfrentou no seu projecto.
- ⇒ Pode dar conselhos para outros sobre como trabalhar com esse tipo de situações.
- ⇒ Que contributo o projecto trouxe para a escola.
- ⇒ ETC

VIII. I-A como método

Sobre o método I-A e seus conselhos a nível geral e local.

Reflexões sobre I-A como método para resolver problemas na escola primária e EPF a partir das experiências na OWU. Você pode falar como a sua experiência pode ser expandida para os outros professores nas ZIPs e outros IFPs. Você pode propor encontros ao nível do Conselho de Professores da Escola Primária, da ZIP, da DDEC ou Província, para divulgar a sua experiência.

IX. Lista de conteúdo do dossier

Todos os produtos e materiais usados no projecto são importantes para evidenciar todo o processo. Estes devem ser organizados em categorias com separadores numa pasta de arquivo, devidamente organizada. Podem ser materiais como:

1. Todos Diários Factualis;
2. Testes diagnósticos submetidos aos alunos e os respectivos produtos dos alunos;
3. Listas nominais, dados estatísticos do rendimento dos alunos;
4. Fotografias;
5. Diferentes exercícios realizados pelos alunos;
6. Extractos de entrevistas (diálogos ou conversas) com os pais, alunos, professores, estudantes das EPFs, envolvidos neste projecto;
7. Planos diários, semanais, mensais, ...etc.;

X. Bibliografia com comentários

Lista em ordem alfabética das obras usadas no projecto: Apelido do autor, Nome, Título da obra, Ano da edição e a editora.

Seria bom explicar em poucas linhas em relação a cada autor, isto é, como você utilizou as ideias do livro para o seu projecto.

O grupo de Supervisores, Fevereiro de 2011

*Tradução de Inglês das páginas 9-10 no artigo
Conceito Educacional de Desenvolvimento de Investigação
(Campus Califórnia TG, Junho de 2007)*

Traços da História da Investigação-Acção

Investigação-Acção é um enfoque à investigação dirigido às pessoas que permite em grupo analisar e melhorar a sua própria prática – qualquer equipa ou família ou comunidade de prática. Também grandes Organizações ou Instituições podem aplicar os princípios de Investigação-Acção a si próprio, assistidas ou guiadas por investigadores profissionais, visando a melhoria de estratégias, práticas e conhecimento do ambiente no qual estão a praticar.

Investigação-Acção é não só um enfoque à investigação, visando a descrição de como pessoas e organizações se comportam, mas também, um mecanismo de mudança que facilita a pessoas e organizações a reflectir sobre e como mudar os seus próprios sistemas (Reason & Bradbury, 2001). Depois de seis décadas de desenvolvimento da Investigação-Acção, muitas metodologias foram desenvolvidas, variando

daquelas mais dirigidas pela agenda do investigador àquelas mais dirigidas pelos participantes;

daquelas primeiramente motivadas por obtenção de metas instrumentais àquelas motivadas primeiramente por metas de transformações pessoais, organizacionais ou sociais; e

de investigação de 1ª, a 2ª a 3ª pessoa (por exemplo a minha investigação da minha própria acção; a nossa investigação do nosso grupo (família/equipa), visando primeiramente melhoria do grupo; e investigação 'erudita', visando primeiramente generalizações teóricas e/ou mudanças em grande escala).

A Investigação-Acção possibilita uma mudança nas ciências sociais, transformando-as de conhecimento reflectivo sobre práticas sociais passadas, formuladas por peritos, ao teorizando activo momentâneo, recolhendo dados e perguntando ao longo das nossas vidas como elas se realizam. **Conhecimento é sempre obtido através de acção e para acção.** Daquele ponto de partida, questionando a validade de conhecimento social é de questionar, não como desenvolver uma ciência reflectiva sobre acção, mas como desenvolver genuinamente uma acção bem-informada – como conduzir uma ciência de acção (Torbert 2001).

Uma ferramenta potente de Investigação-Acção moderna utiliza vídeo das comunidades feito pelas comunidades, e variações deste tema. Surpreendentemente foi iniciado em 1967 por um advogado pioneiro, Don Snowdon, quem mudou as vidas dos habitantes de Fogo, Terra Nova, filmando-os e os seus motivos de queixa, apresentando os seus problemas aos seus governo. Aquela metodologia hoje se chama Vídeo Participativo. A sua força central é que o vídeo reside na edição pelos próprios participantes.

Investigação-Acção Participativa (IAP) apareceu durante os últimos anos como uma metodologia significativa para intervenção, desenvolvimento e mudança dentro de comunidades e grupos. Agora é promovida e implementada por muitas agências

internacionais de desenvolvimento e muitos programas universitários, assim como por inúmeras organizações comunitárias locais em volta do mundo. IAP aproveita da pedagogia crítica criada por Paulo Freire como uma resposta aos modelos tradicionais formais de educação, onde o “professor” está em frente e “comunica” informações aos “estudantes” que são os recipientes passivos. Foi mais desenvolvida em modelos de “educação adulta” em volta da América Latina.

Essencialmente, investigação/acção participativa (IAP) é investigação que envolve todas as partes relevantes em, activamente e juntos, investigar acções actuais (consideradas como problemáticas) para mudar e melhorá-la. Fazem isso por criticamente reflectir sobre contextos históricos, políticos, culturais, económicos, geográficos e outros que são relevantes... Investigação/acção participativa não é investigação que se espera será seguida por acção. É acção que é investigada, mudada e, de novo, investigada dentro do processo de investigação pelos participantes. Nem é simplesmente uma variante exótica de consulta. Em vez disso, visa ser investigação comum activa, por e para aqueles que serão ajudados. Nem pode ser utilizada por um grupo de pessoas para fazer outro grupo de pessoas fazer o que é considerado o melhor para ele – seja implementar uma política central ou uma mudança organizacional ou de serviço. Em vez disso, tenta ser um processo genuinamente democrático e não-coercivo, através do qual aqueles a serem ajudados determinam os objectivos e os resultados da sua própria pesquisa.” – Wadsworth, Y. (1998)

Os aspectos da “investigação” na Investigação-Acção Participativa tentam evitar a investigação tradicional “extractiva”, realizada por universidades e governos, na qual os “peritos” visitam uma comunidade, estudam os seus temas, e levam consigo os seus dados para escrever os seus artigos, relatórios e teses. A Investigação dentro da Investigação-Acção Participativa é feita, idealmente, POR pessoas locais e PARA pessoas locais. A investigação é desenhada para tratar assuntos específicos, identificados por pessoas locais e os resultados são directamente aplicados junto dos problemas detectados.

Investigação-Acção Participativa realiza-se na forma de ciclos repetidos, nos quais os investigadores e a comunidade começam por: identificar os maiores assuntos, preocupações e problemas, iniciar a investigação, promover a acção, aprender da acção, e assim, continua um novo ciclo de investigação e acção. Este processo é contínuo. Os participantes num projecto de investigação-acção continuam a reflectir sobre o que aprenderam das acções e continuam a iniciar novas acções no mesmo lugar. É muito difícil prever os resultados desde o início, os desafios são grandes e os resultados dependem amplamente do engajamento, da criatividade e da inventividade.

LISTA DE ABREVIATURAS

acp	The secretariat of the African, Caribbean and Pacific Group of States
ADPP	Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo
DAP	Director Adjunto Pedagógico
EP	Escola Primária
EPC	Escola Primária Completa
EPF	Escola de Professores do Futuro
I-A	Investigação-Acção
IAP	Investigação Acção Participativa
IEPALA	Instituto Universitário Iepala Rafael Burgaleta - Universidade Complutense de Madrid
IFP	Instituto de Formação de Professores
IMAP	Instituto de Magistério Primário
INDE	Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação
ISCED	Instituto Superior de Ciências de Educação
ISSET	Instituto Superior de Educação e Tecnologia
LEC	Ligação Escola Comunidade
LP	Língua Portuguesa
MINED	Ministério da Educação
OWU	One World University
PCAR	Primary Curriculum Assessment Reform
PCEB	Plano Curricular do Ensino Básico
PEB	Programa do Ensino Básico
PEA	Processo de Ensino Aprendizagem
PEE	Plano Estratégico de Educação
TG	Grupo de Professores
UCM	Universidade Complutense de Madrid
ZIP	Zona de Influência Pedagógica

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Fernando (1992) O que é construtivismo? Revista de Educação AEC, Brasília, v.21, n.83, p.7-15

DAWN, Quist (2007) Métodos de Ensino Primário, Manual do professor, 1ª publicação, Maputo, Editora Nacional de Moçambique

DHORSAN, Adelaide & PATEL, Samina (2008) Metodologias específicas de Educação Bilingue em Moçambique

FREINET, Celestin (2002) Pedagogia Freinet: Teoria e Prática (2002), Brasil, Papiros

INDE (sem data) Sugestões para Abordagem do Currículo Local, Uma Alternativa para a Redução de Vulnerabilidade, Manual de Apoio ao Professor, Coordenação: Samaria Tovela, manual elaborado com o Apoio da UNDP e UNESCO, INDE

INDE/MINED (2008) Programa do Ensino Básico – I Ciclo - Moçambique

INDE/MINED (2008) Programa do Ensino Básico – II Ciclo - Moçambique

INDE/MINED (2008) Programa do Ensino Básico – III Ciclo - Moçambique

LIBÂNEO, José Carlos (1990) Didáctica Geral, Brasil/São Paulo, Cortez Editora

LICHTENBERG, Else & Jonas (1998) Educação para Paz e Democracia, ADPP-Moçambique, Maputo

MAMBUQUE, Alberto Jaime & LASSEK, Ricarda (2006) Ensino Centrado na Criança, Formação de Professores em Exercício, Crescer, Maputo

MAMBUQUE, Alberto Jaime & NIJDAM, Ginus, (2007) Sobre Investigação-Ação, Antologia de Textos. 2ª Edição, OWU, Maputo.

MELANIE, Rachel (2010) Pedagogia do Português, Maputo, Plural Editores

MINED (2010) Orientações para o Melhoramento do Processo de Ensino-Aprendizagem da Oralidade, Leitura e Escrita Iniciais, Maputo

MINED (2012) Plano Estratégico do Sector da Educação 2012-2016, Maputo

PILETTI, Claudino (2004) Didática Geral, 23 ed., São Paulo, Editora ática

PNUD (2005) Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano de Moçambique 2005, Maputo

SILVA, D.S.L (2003) Jogos de Oralidade, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Porto Editora

UNICEF (2006), A Pobreza na Infância em Moçambique, Maputo

WADDINGTON, Clotilde & VELOSO, Maria Teresa (1999) A Leitura e Escrita Iniciais, Texto de Apoio, Progresso, Maputo



ADPP

la

le

li

lo

5

6

7

3



ISET/OWU
Dezembro de 2011